



IDENTIDADE EM CONTRASTE

DO PATRIMÓNIO HISTÓRICO À REQUALIFICAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO

CONVERSÃO DO CASTELO DE ABRANTES EM POUSADA

Patrícia Maria Fernandes de Matos
(Licenciada)

Projeto Final de Mestrado
para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura

Orientação Científica:
Professor Doutor Francisco Oliveira
Professora Doutora Isabel Rosa

Júri:
Presidente: Professora Doutora Bárbara Massapina
Vogal: Professor Doutor Paulo Almeida

DOCUMENTO DEFINITIVO

Lisboa, FA, ULisboa, dezembro 2018

IDENTIDADE EM CONTRASTE

DO PATRIMÓNIO HISTÓRICO À REQUALIFICAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO

CONVERSÃO DO CASTELO DE ABRANTES EM POUSADA

Patrícia Maria Fernandes de Matos
(Licenciada)

Projeto Final de Mestrado
para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura

Orientação Científica:
Professor Doutor Francisco Oliveira
Professora Doutora Isabel Rosa

Este documento foi regido segundo o atual Acordo Ortográfico.

RESUMO

Título:

Identidade em Contraste

Sub-título:

Do Património Histórico à
Requalificação do Espaço
Público - Conversão do
Castelo de Abrantes em
Pousada

Autora:

Patrícia Maria Fernandes
de Matos

Orientadores Científicos:

Professora Doutora Isabel
Rosa
Professor Doutor Francisco
Oliveira

Mestrado Integrado em Arquitetura

FAUL

A identidade tem sido uma das muitas problemáticas presentes na atualidade, como conceito que poderá, ou não, ter perdido algum valor ao longo dos séculos. Se por um lado, o indivíduo procura perceber e definir a sua identidade, por outro, deseja alcançar total liberdade de preconceitos concebidos pela sociedade.

A deslocação para centros urbanos oferece essa liberdade que o Homem espera obter, deixando assim, os centros rurais e cidades menores, tal como assistimos, atualmente, em Portugal. Se por um lado, há um grande êxodo do interior do país para o litoral, onde se encontram as grandes cidades, dentro das próprias cidades interiores, existe uma deslocação da população do centro histórico para a periferia da cidade.

Abrantes, uma cidade do Vale do Tejo, localizada a 30 km do Marco Geodésico que define o centro de Portugal, é um, dos muitos casos de um cidade histórica, com potencialidades, em declínio populacional, ávida pela mudança para que se torne novamente um agente ativo, no panorama português.

Na sequência da problemática de Abrantes, são propostos dois programas distintos: turístico, e outro, para a população local, de modo a permitir a vivência entre estes dois universos que se complementam. O local de intervenção é o Castelo de Abrantes, um exemplo de Património essencial na região, e na sua envolvente que constitui espaço público com capacidade de regenerar a vivência o centro histórico.

Palavras-chave

Lisboa, dezembro 2018

Identidade | Contraste | Memória | Património | Abrantes

This document was written under the current Portuguese orthographic agreement.

ABSTRACT

Title:

Identity in Contrast

Subtitle:

From Historic Heritage to
the Requalification of the
Public Space

Author:

Patrícia Maria Fernandes
de Matos

Scientific Guiding:

Doctor Architect Isabel
Rosa

Doctor Architect Francisco
Oliveira

Master in Architecture

FAUL

Lisbon, December 2018

Identity has been one of the various problems we face in the present, as a concept that may or may not have lost some value over the centuries. The Human being as individual seeks to define his identity, but at the same time, wants to achieve total freedom from all the thoughts conceived by the society.

The displacement to urban centers offers this freedom that people hope to obtain, this results in the desertification of rural centers and smaller cities, as we currently see in Portugal. There is a great exodus from the interior of the country to the coast, where big cities take place, as well as in the structure of the city itself, resulting in a movement of the population from the historic center to the periphery of the city.

Abrantes, a city located in the Tagus Valley, 30 km away from the Geodesic Landmark that defines the center of Portugal, is one of the many cases of a historic city with potential, eager for change to become an active agent in Portugal.

Following the problems of Abrantes, two distinct programs are proposed: the first one for tourism and the other one for the local population, in order to allow the relation between these two universes that can and should complement each other. The Castle of Abrantes is a great example of an essential Heritage in the region, and its surroundings that constitute a public space with the capacity to regenerate the experience of the historical center.

Keywords

Identity | Contrast | Memory | Heritage | Abrantes

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e irmão,

pela compreensão, disponibilidade e pelo apoio incondicional, sem vocês não seria possível. Obrigado por me terem mostrado o verdadeiro sentido de esforço e persistência, pelos valores que me transmitiram e que permitiram estar hoje, a concretizar um dos sonhos de infância. Obrigado ao André pela paciência e por me mostrar o mundo de outra perspectiva.

Aos meus orientadores,

Professora Isabel Rosa e Professor Francisco Oliveira, por terem aceite integrar este trabalho e confiar em mim. Obrigado pela motivação e positivismo.

Aos familiares e amigos de Abrantes,

que sempre apoiaram os meus sonhos e acreditaram nas minhas capacidades, mesmo que isso tenha significado, a minha distância física. Um obrigado especial à Inês Lopes por toda a ajuda e disponibilidade ao longo deste percurso e, ser também ela, uma “embaixadora” da cidade que nos viu crescer. À Ana pelo positivismo demonstrado nos momentos menos bons deste percurso.

Aos colegas e amigos que a faculdade me trouxe,

pelo companheirismo e inter-ajuda ao longo deste percurso académico, que tornou tudo muito mais fácil, em especial à Inês Cabaço pela companhia e por suavizar a carga da rotina académica, à Mariana Figueiredo, pela amizade e partilha desta grande experiência, desde o dia 1, e finalmente à Catarina Matos, pela amizade e ajuda tanto em Lisboa como em Roma.

O meu sincero obrigado a todos.

ÍNDICE DE FIGURAS **CAPA**

Fig. 1. Skyline de Abrantes, vista do Castelo.

Fonte: Ilustração da autora, 2018.

IDENTIDADE EM CONTRASTE

Fig. 2. Bustos. Fotografia da autora. 2015. p.13

Fonte: Fotografia da autora, 2016.

Fig. 3. Sociedade. Autor desconhecido. p.14

Fonte: <https://www.videoblocks.com/video/crowd-of-people-walking-on-the-street-in-new-york-city-sidewalk-24p-0p3mmlh>

Fig. 4. Fórum Romano. Roma. p.17

Fonte: Fotografia da autora, 2015.

Fig. 5. Ruína Invertida. Autor desconhecido. p.18

Fonte: <http://www.anoticia.online/2017/09/13/atrasos-nos-pagamentos-paralisam-mais-de-120-obras-em-alagoas-obras-abandonadas/>

Fig. 6. Memórias da Cidade. Verona. p.23

Fonte: Fotografia de Catarina Martins, 2016.

Fig. 7. Centro Histórico de Ostia Antica. p.24

Fonte: Fotografia da autora, 2016.

Fig. 8. Confusão Visual I. Sede EDP. Aires Mateus. Lisboa. p.27

Fonte: Fotografia da autora, 2018.

Fig. 9. Confusão Visual II. Sede EDP. Aires Mateus. Lisboa. p.27

Fonte: Fotografia da autora, 2018.

Fig. 10. Contraste. Tivoli. p.28

Fonte: Fotografia da autora, 2016.

Fig. 11. Luz. Panteão. Roma. p.29

Fonte: Fotografia de Mariana Ginginha, 2016.

Fig. 12. Projeção da luz. Panteão. Roma. p.29

Fonte: Fotografia da autora, 2015.

Fig. 13. Pintura. Lisboa. Autor desconhecido. p.31

Fonte: <https://www.publico.pt/2015/12/10/ciencia/noticia/a-quinta-avenida-do-seculo-xvi-ficava-em-lisboa-1716946>

Fig. 14. Pintura. Londres. John O'Connor. Século XIX. p.32

Fonte: <http://www.businessinsider.com/images-old-london-2017-2>

Fig. 15. Diálogo arquitetónico. Roma. p.33

Fonte: Fotografia da autora, 2016.

Fig. 16. Monumentalidade vs. Cidade. Roma. Autor desconhecido. p.35

Fonte: <https://www.architecturaldigest.com/story/colosseum-restoration-italy>

DO PATRIMÓNIO HISTÓRICO À REQUALIFICAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO

Fig. 17. Chichen Itza's El Castillo. Then. Autor desconhecido. p.43

Fonte: <https://boingboing.net/2014/08/15/ancient-monuments-then-and-now.html>

Fig. 18. Chichen Itza's El Castillo. Now. Autor desconhecido. p.43

Fonte: <https://boingboing.net/2014/08/15/ancient-monuments-then-and-now.html>

Fig. 19. Arquitetura industrial. Kew. Decimus Burton e Richard Turner. 1844
p.44

Fonte: http://lounge.obviousmag.org/arquitetura_do_sagrado/2014/02/100-anos-que-mudaram-o-mundo-a-arquitetura-de-1850-a-1950.html

Fig. 20. Restauro em Roma. Autor desconhecido. 2016. p.47

Fonte: <http://b5srl.eu/cantieri-realizzazioni/restauro-anfiteatro-flavio-colosseo-roma/>

Fig. 21. Restauro em Florença. Autor desconhecido. 2015. p.47

Fonte: <http://www.intoscana.it/it/articolo/firenze-la-nuova-vita-del-battistero-via-i-ponteggi-dopo-il-restauro/>

Fig. 22. Espaço suburbano. Brasil. p.52

Fonte: <https://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/universal-de-crivella-muda-nome-de-avenida-para-nao-citar-bispo-catolico.html>

Fig. 23. Ágora Democrática. Atenas. p.54

Fonte: <https://malacomalca.com/2017/06/15/atenas-a-terra-dos-deuses/>

Fig. 24. Terreiro do Paço. Lisboa. p.55

Fonte: http://malomil.blogspot.com/2017/04/o-terreiro-do-paco_5.html

Fig. 25. Piazza di Spagna. Roma. p.59

Fonte: Fotografia da autora, 2015.

Fig. 26. Colosseo, Roma. p.60

Fonte: Fotografia da autora, 2015.

ABRANTES, DO RIO À COLINA

Fig. 27. Localização do Concelho de Abrantes. p.65

Fonte: Ilustração da autora, 2018.

Fig. 28. 180 Creative Camp Art, Abrantes. p.66

Fonte: <https://shifter.pt/2016/07/180-creative-camp-reportagem/>

Fig. 29. Palha de Abrantes. Autor desconhecido. p.66

Fonte: <https://chef.continente.pt/receitas/palha-de-abrantes>

Fig. 30. Rossio, junto ao Rio Tejo. p.69

Fonte: <http://www.mediotejo.net/abrantes-investe-milhoes-e-devolve-tejo-a-cidade/>

Fig. 31. Centro histórico de Abrantes. p.70

Fonte: <http://www.estajornal.ipt.pt/2015/03/abrantes-cidade-aberta-ao-empendedorismo-jovem/>

Fig. 32. Igreja de São Vicente. Abrantes. p.71

Fonte: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detal/70284>

Fig. 33. Mercado de Abrantes. ARX Arquitetos. p.72

Fonte: <https://www.antenalivre.pt/noticias/abrantes-mercado-municipal-ganha-nova-vida-todos-os-sabados/>

Fig. 34. Parque de campismo. Atelier Rua. Autor desconhecido. p.72

Fonte: <https://www.xposed.pt/camping-abrantes/>

Fig. 35. Cartografia antiga. p.73

Fonte: Documento C.M.A.

Fig. 36. Foral concedido por D. Manuel a Abrantes. p.75

Fonte: Documento C.M.A.

Fig. 37. Cartografia antiga - Castelo e Quartel. p.77

Fonte: Documento C.M.A.

Fig. 38. Fotografia antiga, vista para o Castelo. p.77

Fonte: Documento C.M.A.

Fig. 39. Planta antiga do Castelo de Abrantes. p.80

Fonte: Documento C.M.A.

Fig. 40. Fotografia da entrada a Norte do Castelo. p.80

Fonte: Documento C.M.A.

Fig. 41. Fotografia aérea, Castelo de Abrantes. p.80

Fonte: Documento C.M.A.

Fig. 42. Atual entrada do Castelo. p.81

Fonte: Fotografia da autora, 2017.

Fig. 43. Composição da muralha. p.81

Fonte: Fotografia da autora, 2017.

Fig. 44. Muralha e torreões. p.81

Fonte: Fotografia da autora, 2018.

Fig. 45. Ruínas em mau estado. p.82

Fonte: Fotografia da autora, 2018.

Fig.46. Muralha e Skate Park. p.82

Fonte: Fotografia da autora, 2018.

Fig. 47. Acesso fechado no recinto. p.82

Fonte: Fotografia da autora, 2018.

Fig. 48. Acesso ao recinto. p.82

Fonte: Fotografia da autora, 2018.

Fig. 49. O Castelo na colina. p.82

Fonte: Fotografia da autora, 2018.

Fig. 50. Arcada. p.83

Fonte: Fotografia da autora, 2018.

Fig. 51. Cobertura do Palácio dos Governadores. p.83

Fonte: Fotografia da autora, 2018.

Fig. 52. Cobertura do Palácio dos Governadores II. p.83

Fonte: Fotografia da autora, 2018.

Fig. 53. Muralha e o Rio Tejo. p.83

Fonte: Fotografia da autora, 2018.

Fig. 54. Baluarte. p.83

Fonte: Fotografia da autora, 2018.

Fig. 55. Entrada no recinto. p.84

Fonte: Fotografia da autora, 2018.

Fig. 56. Interior do Palácio dos Governadores, em mau estado. p.84

Fonte: Fotografia da autora, 2018.

Fig. 57. Porta no Palácio dos Governadores. p.84

Fonte: Fotografia da autora, 2018.

Fig. 58. Interior do Palácio dos Governadores, em bom estado. p.84

Fonte: Fotografia da autora, 2018.

Fig. 59. Vão no Palácio dos Governadores. p.84

Fonte: Fotografia da autora, 2018.

Fig. 60. Acesso ao recinto. p.84

Fonte: Fotografia da autora, 2018.

Fig. 61. Igreja Sta. Maria do Castelo. p.85

Fonte: Fotografia da autora, 2018.

Fig. 62. Torre de Menagem. p.85

Fonte: Fotografia da autora, 2018.

Fig. 63. Casa Florida. p.88

Fonte: <http://umhomemnaochora.blogspot.com/2006/05/cidade-florida.html>

Fig. 64. D. Francisco de Almeida. Pintura. Autor desconhecido. Museu Nacional de Arte Antiga. p.89

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_de_Almeida_

Fig. 65. Mapa dos edifícios degradados. p.93

Fonte: Desenho elaborado pela autora, baseado no desenho deliberado pela C.M.A.

Fig. 66. Mapa da evolução urbana. p.94

Fonte: Desenho elaborado pela autora, baseado no desenho deliberado pela C.M.A.

Fig. 67. Mapeamento do Património. p.94

Fonte: Desenho elaborado pela autora, baseado no desenho liberado pela C.M.A.

CASOS DE ESTUDO

Fig. 68. Arquipélago, Açores. p.102

Fonte: Fotografia da autora, 2017.

Fig. 69. Esquissos e desenhos, Menos é Mais I. p.103

Fonte: Revista arqla, nº70, p.34.

Fig. 70. Esquissos e desenhos, Menos é Mais II. p.103

Fonte: Revista arqla, nº70, p.35.

Fig. 71. Pousada Alcácer do Sal. p.106

Fonte: <https://www.pousadasofportugal.com/pousadas/alcacer-do-sal/>

Fig. 72. Castello Vecchio I, Verona. p.108

Fonte: Fotografia de Catarina Martins, 2016.

Fig. 73. Castello Vecchio II, Verona. p.108

Fonte: Fotografia de Catarina Martins, 2016.

Fig. 74. Planta. Pousada Flor da Rosa. p.110

Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?p=10560390>

Fig. 75. Vista sob a banda de quartos, Flor da Rosa. p.111

Fonte: Fotografia da autora, 2018.

Fig. 76. Diálogo Arquitetónico, Flor da Rosa. p.111

Fonte: Fotografia da autora, 2018.

Fig. 77. Mosteiro. Flor da Rosa.	p.112
Fonte: Fotografia da autora, 2018.	
Fig. 78. Castro Marim. Vista do Castelo.	p.114
Fonte: Fotografia da autora, 2018.	
Fig. 79. Entrada no Castelo de Castro Marim.	p.115
Fonte: Fotografia da autora, 2018.	
Fig. 80. Anfiteatro. Castro Marim.	p.115
Fonte: Fotografia da autora, 2018.	

DESENVOLVIMENTO PROJETUAL

Fig. 81. Skyline de Abrantes.	p.119
Fonte: Desenho elaborado pela autora, 2018.	
Fig. 82. Estado da conservação.	p.121
Fonte: Mapa elaborado pela autora, 2018.	
Fig. 83. Muralhas do Castelo de Abrantes.	p.123
Fonte: Mapa elaborado pela autora, 2018.	
Fig. 84. Interior vs. Exterior.	p.123
Fonte: Mapa elaborado pela autora, 2018.	
Fig. 85. Entradas propostas e entrada existente.	p.123
Fonte: Mapa elaborado pela autora, 2018.	
Fig. 86. Localização do Castelo na colina.	p.123
Fonte: Desenho elaborado pela autora, 2018.	
Fig. 87. Guias da proposta.	p.124
Fonte: Mapa elaborado pela autora, 2018.	
Fig. 88. Alçado da Arcada Monumental.	p.125
Fonte: Desenho elaborado pela autora, 2018.	
Fig. 89. Eixos da proposta.	p.126
Fonte: Mapa elaborado pela autora, 2018.	
Fig. 90. Localização dos Torreões na Muralha.	p.128
Fonte: Mapa elaborado pela autora, 2018.	
Fig. 91. Planta - Relação ripado-novo-existente.	p.128
Fonte: Desenho elaborado pela autora, 2018.	
Fig. 92. Alçado - Relação ripado-novo-existente.	p.128
Fonte: Desenho elaborado pela autora, 2018.	
Fig. 93. Relação baixa da cidade com o Castelo.	p.129

Fonte: Mapa elaborado pela autora, 2018.

Fig. 94. Existente. p.129

Fonte: Mapa elaborado pela autora, 2018.

Fig. 95. Proposto. p.129

Fonte: Mapa elaborado pela autora, 2018.

Fig. 96. O castelo, na atualidade. p.130

Fonte: Desenho elaborado pela autora, 2018.

Fig. 97. Propostas esquemáticas. p.132

Fonte: Planta elaborada pela autora, 2018.

Fig. 98. Revestimento interior. p.133

Fonte: Render explicativo elaborado pela autora, 2018.

Fig. 99. Estrutura restituída. p.133

Fonte: Render explicativo elaborado pela autora, 2018.

Fig. 100. Revestimento interior. Check-in da Pousada. p.133

Fonte: Planta esquemática elaborada pela autora, 2018.

Fig. 101. Ensaio da proposta no local. p.134

Fonte: Modelo tridimensional elaborado pela autora, 2018.

Fig. 102. Pedra lioz branca - Pavimento. p.135

Fonte: <http://www.solancis.com/pt/pedras>

Fig. 103. Constituição das paredes do Palácio do Governador. p.135

Fonte: Fotografia da autora, 2018.

Fig. 104. Madeira de freixo - Ripado. p.135

Fonte: https://www.freepik.es/fotos-premium/textura-madera-clara-fondo_2320415.html

Fig. 105. Constituição da muralha. p.135

Fonte: Fotografia da autora, 2018.

Fig. 106. Revestimento. p.135

Fonte: <https://www.istockphoto.com/pt/foto/sem-costura-moderno-elegante-detalhadas-grunge-branco-pintado-fundo-com-textura-de-gm511011118-86475811>

Fig. 107. Constituição da parede exterior da Torre de Menagem. p.135

Fonte: Fotografia da autora, 2018.

Fig. 108. Pousada. Mapa de localização. p.138

Fonte: Mapa de localização elaborado pela autora, 2018.

Fig. 109. Quarto duplo. p.138

Fonte: Planta elaborada pela autora, 2018.

Fig. 110. Quarto mobilidade reduzida. p.138

Fonte: Planta elaborada pela autora, 2018.

Fig. 111. Parcela dos quartos e serviços de apoio à Pousada. p.138

Fonte: Planta elaborada pela autora, 2018.

Fig. 112. Pousada no Palácio dos Governadores. p.138

Fonte: Planta elaborada pela autora, 2018.

Fig. 113. Pousada no palácio dos Governadores. p.140

Fonte: Desenho elaborado pela autora, 2018.

Fig. 114. Planta da Suite Presidencial. p.140

Fonte: Planta elaborada pela autora, 2018.

Fig. 115. Mediateca. Mapa de localização. p.141

Fonte: Mapa de localização elaborado pela autora, 2018.

Fig. 116. Salas de estudo. p.141

Fonte: Desenho elaborado pela autora, 2018.

Fig. 117. Distância ao baluarte. p.141

Fonte: Desenho elaborado pela autora, 2018.

Fig. 118. Rampa. p.141

Fonte: Desenho elaborado pela autora, 2018.

Fig. 119. Mediateca. p.141

Fonte: Planta elaborada pela autora, 2018.

Fig. 120. Bar-esplanada. Mapa de localização. p.142

Fonte: Mapa de localização elaborado pela autora, 2018.

Fig. 121. Fachada principal do bar-esplanada. p.142

Fonte: Desenho elaborado pela autora, 2018.

Fig. 122. Bar-esplanada. p.142

Fonte: Planta elaborada pela autora, 2018.

Fig. 123. Memorial da Cidade. Mapa de localização. p.143

Fonte: Mapa de localização elaborado pela autora, 2018.

Fig. 124. Memorial da Cidade. p.143

Fonte: Planta elaborada pela autora, 2018.

Fig. 125. A. Memorial da Cidade. p.143

Fonte: Fotomontagem elaborada pela autora, 2018.

Fig. 126. B. Memorial da Cidade. p.143

Fonte: Fotomontagem elaborada pela autora, 2018.

Fig. 127. Espaço público.	p.144
Fonte: Mapa de localização elaborado pela autora, 2018.	
Fig. 128. Vista da bancada de contemplação.	p.144
Fonte: George Muncey, 2018.	
Fig. 129. Mercado.	p.144
Fonte: Modelo tridimensional elaborado pela autora, 2018.	
Fig. 130. Spa.	p.145
Fonte: Mapa de localização elaborado pela autora, 2018.	
Fig. 131. Acessos ao Spa.	p.145
Fonte: Mapa de localização elaborado pela autora, 2018.	
Fig. 132. Acessos ao Spa.	p.145
Fonte: Corte elaborado pela autora, 2018.	
Fig. 133. Spa.	p.145
Fonte: Planta elaborada pela autora, 2018.	
Fig. 134. Bungalows.	p.146
Fonte: Mapa de localização elaborado pela autora, 2018.	
Fig. 135. Bungalow inserido na colina.	p.146
Fonte: Fotomontagem elaborada pela autora, 2018.	
Fig. 136. Materialidade do bungalow.	p.146
Fonte: Fotomontagem elaborada pela autora, 2018.	
Fig. 137. Bungalow.	p.146
Fonte: Planta elaborada pela autora, 2018.	
Fig. 138. Restaurante.	p.147
Fonte: Mapa de localização elaborado pela autora, 2018.	
Fig. 139. Restaurante.	p.147
Fonte: Planta elaborada pela autora, 2018.	
Fig. 140. Restaurante. Modelação do terreno adjacente.	p.147
Fonte: Corte elaborado pela autora, 2018.	

DIÁRIO GRÁFICO - REFERÊNCIAS

Fig. 141. La Cousine Art Center. Nègrepelisse. RCR Architectes	p.151
Fonte: https://divisare.com/projects/338770-rcr-architectes-hisao-suzuki-la-cuisine-art-center	
Fig. 142. New Lift to the Old City Center. Ginorella. Servei de Patrimoni Arquitectònic Local (Diputació de Barcelona)	p.151
Fonte: https://www.publicspace.org/works/-/project/j249-new-lift-to-the-old-city-centre	

Fig. 143. Anfiteatro. Colina de Camões. Autor Desconhecido. p.151

Fonte: <http://www.acbpaisagem.com/projectos/espacos-publicos/anfiteatro-colina-de-camoes.htm>

Fig. 144. Estúdio R.T.P. - P.R.O.A.P. p.151

Fonte: <http://www.proap.pt/pt-pt/projecto/rtp-portuguese-television-studios-2/>

Fig. 145. Pousada. Alcácer do Sal. Autor desconhecido. p.152

Fonte: <https://www.pousadasofportugal.com/pousadas/alcacer-do-sal/>

Fig. 146. Riuo05 Rigenerazione Urbana Sostenibile. Sezione Architetti. p.152

Fonte: <https://www.pinterest.pt/pin/497507090082080013/>

Fig. 147. Casa del Platano. Cádiz. MGM Arquitectos. p.152

Fonte: <https://www.pinterest.pt/pin/391742867563577310/>

Fig. 148. Elle Vuelle Architetti. p.152

Fonte: <http://www.ellevuelle.it/>

Fig. 149. Centro de Arte Contemporanea de Tavira. Menos é Mais Atelier. p.153

Fonte: <http://menosemais.com/>

Fig. 150. Media Library. Neulise. Aum Architecture Studio. p.153

Fonte: <https://divisare.herokuapp.com/projects/365162-aum-architecture-studio-erick-saillet-media-library-in-neulise>

Fig. 151. Palazzo dei Diamanti. Dopstudio. p.153

Fonte: <http://www.palazzodiamanti.it/>

Fig. 152. Cidadela de Cascais. p.153

Fonte: <https://www.hrs.com/en/hotel/pestana-cidadela-cascais-pousada-art-district/a-546035>

Fig. 153. Detalhe. Peter Zumthor. p.154

Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/324540716874981709/>

Fig. 154. Piscina Privada. Irlanda. Carmody Groakle. p.154

Fonte: <https://ar.pinterest.com/pin/90072061276701300/>

Fig. 155. Spa Naman. Vietname. M.I.A. Design Studio. p.154

Fonte: <https://www.architectural-review.com/buildings/the-no-wall-spa-naman-spa-by-mia-design-studio-in-vietnam/10000048.article>

Fig. 156. Casa da Memória. Milão. p.154

Fonte: <http://www.abitare.it/en/news-en/2015/04/25/baukuh-casa-della-memoria-houses-five-milanese-associations/>

Fig. 157. Mecanoo. Lisse. Keukenhof. p.155

Fonte: <https://www.mecanoo.nl/Projects/project/195/Keukenhof?t=0>

Fig. 158. Acesso ao Bondinho do Pão de Açúcar. a+ arquitetura. p.155

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/874929/acesso-ao-bondinho-do-pao-de-acucar-a-plus-arquitetura/59596acfb22e38225300018d-acesso-ao-bondinho-do-pao-de-acucar-a-plus-arquitetura-foto>

Fig. 159. Saarow Strand. Werner Huthmacher. p.155

Fonte: <https://divisare.com/projects/345101-augustinundfrankarchitekten-werner-huthmacher-saarow-strand>

Fig. 160. Memorial Irish Hunger. 1100 Architect. p.156

Fonte: <https://www.archdaily.com/869284/irish-hunger-memorial-1100-architect>

Fig. 161. Castillo de la Coracera. San Martín de Valdeiglesias. Riño + arquitectos. p.156

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/805184/reforma-no-castelo-da-coracera-riano-plus-arquitectos>

Fig. 162. Catala Tower. I. Maria Castello Martinez. p.156

Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/108297566023025418/>

Fig. 163. Catala Tower. II. Maria Castello Martinez. p.156

Fonte: <https://www.designboom.com/architecture/maria-castello-martinez-pi-des-catala-tower-restoration-formentera-spain-05-24-2017/>

Fig. 164. Autor desconhecido. p.157

Fonte: <https://www.pinterest.pt/pin/497507090084057485/>

Fig. 165. Blurring Gallery. U.T.A.A. p.157

Fonte: <https://www.archdaily.com/371919/blurring-boundary-utaa/51916d37b3fc4b53ed00001b-blurring-boundary-utaa-photo>

Fig. 166. p.157

Fonte: <https://www.instagram.com/letsshowitbetter>

Fig. 167. La Cousine Art Center. Nègrepelisse. RCR Architectes. p.157

Fonte: <https://divisare.com/projects/338770-rcr-architectes-hisao-suzuki-la-cuisine-art-center>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fig. 168. Confronto entre existente e novo. p.163

Fonte: Desenho elaborado pela autora. 2018.

ÍNDICE	Resumo	V
	Abstract	VII
	Agradecimentos	IX
	Índice de Figuras	XIII
	Índice	XXI
	 01. INTRODUÇÃO	 p.1
	1.1. Enquadramento e objetivos	p.3
	1.2. Metodologia	p.5
	1.3. Estrutura e organização	p.7
	 02. IDENTIDADE EM CONTRASTE	 p.11
	2.1. Identidade	p.13
	2.1.1. (Des)construção da Identidade	p.13
	2.1.2. Identidade nas ruínas	p.17
	2.1.3. Narrativa sobre autenticidade	p.19
	2.1.4. Memórias da cidade	p.23
	2.2. Contraste	p.27
	2.2.1. Percepção Visual	p.27
	2.2.2. Alto Contraste	p.31
	2.2.3. Dialogo Arquitetónico	p.33
	2.3. Reflexões	p.37
	 03. DO PATRIMÓNIO HISTÓRICO À REQUALIFICAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO	 p.41
	3.1. Património a qualificar	p.43
	3.1.1. Património	p.43
	3.1.2. Intervir no património	p.47
	3.1.3. Espaço público	p.51
	3.1.4. Requalificação do espaço público	p.55
	3.2. Património qualificado	p.59
	3.2.1. Património no Turismo	p.59
		XXV

04. ABRANTES - DO RIO À COLINA	p.63
4.1. Do rio à colina	p.65
4.1.1. Social	p.67
4.1.2. Urbano	p.69
4.1.3. Arquitetura	p.71
4.1.4. História	p.73
4.2. Castelo de Abrantes	p.79
4.3. Memória	p.87
4.4. Análises	p.91
4.4.1. P.D.M.	p.91
4.4.2. P.E.R.U.	p.91
4.4.3. S.W.O.T	p.92
 05. CASOS DE ESTUDO	 p.97
5.1. Arquipélago	p.101
5.2. Pousada do Castelo de Alcácer do Sal	p.105
5.3. Castello Vecchio	p.107
5.4. Pousada da Flor da Rosa	p.109
5.5. Castelo Castro Marim	p.113
 06. DESENVOLVIMENTO PROJETUAL	 p.117
6.1. Objeto de Intervenção	p.119
6.2. Estado de conservação	p.121
6.3. Muralha e envolvente	p.123
6.4. Conceito	p.125
6.5. Forma	p.127
6.6. Desenho Urbano	p.129
6.7. Desenho arquitetónico	p.133
6.8. Função	p.137

07. DIÁRIO GRÁFICO - REFERÊNCIAS	p.149
08. CONSIDERAÇÕES FINAIS	p.159
 FONTES DOCUMENTAIS	 p.165
ANEXOS	p.173

01

INTRODUÇÃO

1.1. ENQUADRAMENTO E OBJETIVOS

O passado surge às gerações do presente através do espaço urbano, capaz de materializar a memória e a identidade de uma região. O património, como parte integrante deste espaço, torna-se, assim, um elemento importante para o estudo do que parece longínquo no tempo, mas gravado no espaço.

Será pertinente entender o valor da memória para compreender o seu impacto no ser humano e a sua comunicação com o espaço para, mais tarde, aceitar os contrastes encontrados que designam e caracterizam as várias cidades e regiões do país.

O Castelo de Abrantes, oriundo da época medieval, faz parte de um conjunto de Património que valoriza a cidade de Abrantes, não só apresenta características com potencial desenvolvimento, devido á sua localização estratégica, bem como, a possibilidade de se tornar, novamente, num agente ativo na identidade de Abrantes. Resgatar alguma da sua identidade de modo a estimular e regenerar o Centro Histórico será um ponto essencial durante a execução do projeto, transportando a memória do passado para o presente.

1.2. METODOLOGIA

O presente estudo estruturou-se em três momentos distintos: a base teórica, o projeto e a interrelação entre os dois, onde os pensamentos e conclusões retiradas da parte teórica serviram como ponto de partida para o projeto. Delineou-se uma metodologia de trabalho, cuja principal pretensão era a de organizar e orientar o processo de investigação, através de um conjunto de etapas que a seguir se descrevem.

A definição conceptual do âmbito de estudo através do estudo prévio das necessidades atuais de Abrantes foi importante para a compreensão da sua estrutura urbana como mote de delineação de estratégias. A observação direta através de visitas ao local de estudo e a casos de referência nacionais e internacionais que permitam uma analogia entre o existente e o futuro projeto será fundamental, bem como a recolha de programas e planos que ajudem a delinear estratégias de intervenção e compreender as condicionantes e limites existentes no território, e como tal, a pesquisa de cartografia e documentos históricos torna-se necessário.

A análise S.W.O.T. servirá para perceber as potencialidades e fraquezas da cidade de estudo e a sua envolvente, a nível regional, e esta será uma das partes essenciais de ligação entre a parte projetal e teórica, bem como a bibliografia e alguns testemunhos locais sobre o município que não estão registados em formato físico, como tentativa de entender o percurso do concelho, ao longo do tempo.

Por fim, aquando retiradas todas as conclusões da investigação para o avanço da proposta projetual, delinear um programa e conceito, apropriados ao âmbito de estudo.

1.3. ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO

A estrutura do trabalho apresentado, divide-se em duas partes que, apesar de distintas no seu conteúdo, complementam-se, em que a parte teórica resulta num momento de investigação que complementa a parte prática.

A componente teórica expõe o raciocínio de investigação utilizada, que fundamentará as soluções do projeto. É dividido em quatro grandes capítulos: Identidade em Contraste, Do Património Histórico á Requalificação do Espaço Público, Abrantes - Do Rio à Colina, e por último, Casos de Estudo.

O primeiro capítulo aprofunda os dois principais conceitos estudados: Identidade e Contraste, primeiramente estudados individualmente, numa abordagem a várias temáticas associadas a estes conceitos, como por exemplo, a Memória e o Diálogo Arquitetónico. Após o estudo deste conceitos, é feito um confronto para entender a relação entre si, que culmina no sub-capítulo Reflexões, um epílogo intermédio no trabalho.

O segundo capítulo será, já, de carácter menos concetual, em relação ao primeiro, e aborda o tema do Património e Espaço Público, num estudo breve sobre o valor da intervenção nestes dois espaços distintos, resultando na qualificação do espaço e o retomar da sua importância na história da cidade, tal como a conhecemos, hoje.

O terceiro capítulo aproxima-se do objeto de estudo, revelando aspetos, com importância, sobre a cidade de Abrantes e mais tarde, sobre o Castelo de Abrantes, e toda a sua área envolvente, como o local específico de intervenção.

Após a definição dos conceitos, preocupações e o objeto de estudo, o quarto capítulo dedica-se, essencialmente, aos Casos de Estudo que, então, serviram de apoio para tomadas de decisão no projeto e um conhecimento mais aprofundado sobre o que pode vir a ser a proposta de projeto, como solução arquitetónica e programática.

Relativamente à segunda parte do trabalho, explora-se a componente prática e como tal, a proposta arquitectónica, correspondendo ao último capítulo: Desenvolvimento projetual. Este capítulo começa pela definição do conceito como mote projetual e o programa arquitetónico. A descrição das intenções do projeto culmina com a proposta urbana e arquitetónica.

02

IDENTIDADE EM CONTRASTE

2.1. IDENTIDADE

2.1.1. (DES)CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

“A sociedade (e/ou grupo) constrói e reproduz a sua identidade através do apego constante ao seu passado, mitológico, histórico e, principalmente, simbólico- religioso. Invertendo a lógica da questão, podemos dizer que as sociedades são resultados de processos (mitológicos e históricos) de (con)textualização e de (des/re)contextualização de identidades culturais, ao longo do tempo”(SANTOS, 1994)¹



Fig. 2. Bustos. Fotografia da autora. 2016

¹ citado em FORTUNA, Carlos - **Identidades, percursos, paisagens culturais: estudos sociológicos de cultura urbana**. Coimbra: [s.n.].

Identidade “entende-se como a referência coletiva englobando, quer os valores atuais que emanam de uma comunidade, quer os valores autênticos do passado.” (ICOMOS 2000)².

A cidade é uma área urbana, com certa importância, que se distingue das vilas através de vários critérios, como a população, oferta de serviços e que reúne certas atividades humanas, onde as pessoas se relacionam umas com as outras enquanto permanecem anónimas. (Bienal de Arquitectura de Veneza, 2000) Com o desenvolvimento das cidades ou centros urbanos, estes elementos começaram a ser vistos como centros de poder e assim, uma nova ambição por parte dos grupos sociais, de estatura baixa, para ultrapassar as barreiras de comunidade, presentes no meio rural.



Fig. 3. Sociedade. Autor desconhecido.

Em Portugal, durante a Idade Média, apenas nove povoações possuíam título de cidade, existindo várias vilas, que com o decorrer do tempo foram promovidas a cidade. Até 1974 só existiam 43 cidades no território português, sendo que depois foi regulamentada uma nova lei que atribuiu o título de localidade a mais de 100 novas cidades. Com o aumento do número de cidades, cresceu também a ambição para tirar partido dos seus benefícios, pela oferta de oportunidade e

²ICOMOS. - *International Council on Monuments and Sites*

liberdade dos métodos de formação da identidade típicos do passado.

Esta liberdade apenas foi alcançada aquando a mudança da organização da sociedade, na modernidade, que influenciou a transformação da identidade e a sua flexibilidade. Para a construção ou desconstrução da personalidade é essencial perceber a estrutura das suas relações sociais, ao contrário do que acontecia no sistema rígido na época moderna (Halbwachs, 1990, p. 80).

A identidade, hoje em dia, demonstra-se de carácter incerto e remete para uma estrutura pessoal que é (re-) construída pelos indivíduos, redefinindo os traços identitários originais, e por fim, resulta da variedade de interpretações das identidades sociais dando espaço a identidades momentâneas e desordenadas. Este acontecimento advém do reflexo do significado de moderno, onde há um descentramento do indivíduo em relação à sociedade “tanto nas concepções especialistas (“eu sou eu”) bem como estruturalistas (“a vida fez-me assim”)³

É, então, importante descortinar o modo como o tempo se relaciona com o espaço no quotidiano na pós-modernidade e como estes alteram os sentidos e significados do património e a sua identidade. Este conhecimento espaço-temporal permite perceber os “mapas cognitivos” que organizam as nossas linhas de ação - condição importada pela cultura urbana e pelo hiperespaço que faz desaparecer a sua fronteira e o sentido de lugar. Relacionado com o processo de (des-)construção das identidades estas suas referências ao passado e à memória pessoal e colectiva. É essencial entender a sociedade como entidade que transporta consigo uma identidade unitária e perceber o significado do património

³ FORTUNA, Carlos - **As cidades e as Identidades- Narrativas, património e memórias**. Coimbra, pp. 22-23

e se este faz parte da identidade comum ou individual (Fortuna, 1999, p.27).

As relações a partir da construção das identidades, ultrapassam as limitações espaço-temporais, porque a arquitetura da cidade existe além das relações sociais. É de extrema importância ter em conta, que sem a relação espaço-temporal-social, a cidade funcionaria como um depósito de memórias e de outros modos de vida independentes da componente social, limitando-se somente a manifestações materializadas de outros tempos.

No que se refere à arquitetura e à estética da cidade, aquilo que parece mais recomendável, é confrontar entre si o novo e o antigo - diálogo arquitetónico, tornando o passado tão acessível quanto o presente. Este diálogo atribui uma certa imortalidade aos monumentos, como sucede com a memória coletiva que, a partir do presente reconstrói o passado. Não existindo uma relação direta entre o significado histórico e aquilo que significam. Os monumentos são uma convocatória do passado.

2.1.2. IDENTIDADE NAS RUINAS

“As imagens em movimento são as ruínas da modernidade” (Giuliana Bruno, 2014, p.22)

A arquitetura surge como arte de organizar espaços que abrigam várias atividades humanas, no processo da vida do edifício. O seu destino inato é a ruína (Ruskin, 1989). Com o decorrer da idealização da independência da modernidade - crise de identidade, e a consequente disseminação do passado, o estatuto da ruína perde pertinência no panorama da atualidade. A história da civilização chega até nós manifestamente quebrada e a ruína permanece imprestável, sem intensidade temporal.

A ruína, como mote de preocupação, não é recente na arquitetura. No decorrer do século XVIII a ruína não era unicamente um objeto de contemplação, mas uma ferramenta para interpretar o passado e pensar o futuro. Nos tempos que correm, existe um grande respeito e admiração em relação às ruínas históricas, esta conceção da ruína representa a continuidade histórica, dando significado à temporalidade e transporta consigo todos os momentos históricos dos quais fora testemunha, ficando a nostalgia do passado materializado.

Foi, então, que surgiu o conceito de ruínas invertidas, que manifesta-se no abandono de edifícios inacabados, que nunca alcançam a sua potencialidade total, caindo de imediato na categoria de ruína - ruína invertida. Este tipo de



Fig. 4. Fórum Romano, Roma. Fotografia da autora. 2015

abordagem convoca à arquitetura uma dimensão temporal e de vida diferente à arquitetura convencional , que mais tarde se tornará ruína. O conceito de ruína invertida é mencionada pela primeira vez por Robert Smithson, que estabeleceu “a arquitetura como relação intrínseca entre o espaço cronológico e a civilização”. Segundo a perspectiva de que a arquitetura, mesmo em ruína, representa um vínculo entre o tempo, espaço e a cultura, podemos afirmar que no método de intervenção e conversão do edifício para abrigar de novo, diversos tipos de atividades humanas, o arquiteto deve pensá-lo de forma coletiva e com responsabilidade, como defendia Mies Van Der Rohe.



Fig. 5. Ruína Invertida. Autor desconhecido.

2.1.3. NARRATIVA SOBRE AUTENTICIDADE

Autenticidade “é o somatório das características substanciais, historicamente provadas, desde o estado original até à situação actual, como resultado das várias transformações que ocorreram no tempo.”(ICOMOS, 2000)

A crise de identidade é algo transcendente nos dias que correm, potencializando a necessidade de definir aquilo que é ou não autêntico. O valor da autenticidade concedido à alteração ou adaptação de um espaço pertencente ao património histórico, e o meio utilizado para a conservação dos espaços históricos, ao longo dos tempos, é um aspecto importante porque nos permite perceber e qualificar a autenticidade do objeto em causa, prestando atenção às alterações realizadas, anteriormente. Por vezes, a atualização do património histórico, é resultado das exigências contemporâneas, sendo importante considerar as funções atuais e adaptar as funções actuais que façam jus e respeitem a memória do edifício. É importante que seja dada a devida atenção à função para a qual o edifício fora projetado, e as respectivas adaptações para que, haja respeito e fiquem devidamente instaladas.

A autenticidade é o testemunho do passado, que chega até nós através do património, transmitindo a essência histórica e fundando as nossas raízes culturais e o seu respeito intrínseco.⁴ Como tal, o património, sendo um objecto representativo da essência histórica, é dinâmico e evolutivo, e deixa patente a representação de diversos contributos das diferentes épocas, não sendo totalmente autêntico até chegar

⁴ MIRANDA, Joaquim, **Arquitectura, Património e Autenticidade**, Tese de Doutoramento Em Arquitectura, Conservação e Reabilitação, FA, Ulisboa, 2015

aos nossos dias , devido a todas estas intervenções ao longo dos séculos.

Apesar destas intervenções o valor de autenticidade não se altera, nem modifica a história, porque estamos-nos a referir à autenticidade material, que é evolutiva, e adapta-se às diferentes épocas consoante a exigência funcional exigida, adequado para a atualidade. Existe, assim, vários tipos de autenticidade que correspondem às diferentes fases da história e diferentes intervenções efectuadas.

Já John Ruskin, em relação à noção de restauro, defendia que a Autenticidade concedia ao património o direito a ser intocável, mantendo-o intacto, sendo a ruína o destino final e inevitável do património e portanto, autenticidade, por si só (Ruskin, 1989).

Só a partir do século XX, o conceito de autenticidade tornou-se importante e, no século XIX, aquando a tomada de atenção ao valor do património mundial e o seu restauro e conservação (Lopes, 2014, p.6). Esta repentina preocupação prendia-se pela massificação da produção, com a revolução industrial e a respectiva falta de matéria única, que era facilmente reproduzida pelas tecnologias da época como a produção em série. Este foi o ponto fulcral para o surgimento da inquietação, em relação, à autenticidade, com a urgência em definir aquilo que é autêntico e único.

Umberto Eco, que dedicou os seus estudos à estética medieval, dita alguns aspectos que nos permite compreender o valor da autenticidade na produção de cópias de uma obra de arte. Um dos pontos importantes da sua teoria é a autoria artística, que processa a criatividade quanto ao futuro resultado e seu desenvolvimento consequente, controlando o numero de exemplares e a sua qualidade.⁴ O segundo aspecto

⁴ MIRANDA, Joaquim, **Arquitectura, Património e Autenticidade**, Tese de Doutoramento Em Arquitectura, Conservação e Reabilitação, FA, Ulisboa, 2015

passa pelo sentimento que a obra transmitirá ao observador, que poderá ter várias origens a nível social ou cultural. Sendo assim, estando supervisionadas pelo artista, estas cópias deixam de ser cópias sem veracidade e são reproduções “autênticas”, registadas e assinadas pelo seu criador.⁵

A pluralidade da obra de arte, traz consigo alguns problemas devido à ética de conservação e restauro, deste modo, é importante a observação do valor da autenticidade. O valor da Autenticidade é extremamente moldado a cada comunidade e a cada cultura, através da sua história, como foi referido na Carta de Veneza (1964), e na qual se apoiou os princípios da Convenção do Património Mundial. Este valor que denomina o autêntico permite-nos valorizar o património, reconhecendo a responsabilidade colectiva de preservá-lo para as gerações seguintes, e assegurar a permanência da cultura.⁶

Esta passagem da cultura para as gerações seguintes com o auxílio da autenticidade do património, não pode ser apenas vista como a materialização física da memória, mas também pela sua componente histórica, que chega, aos dias de hoje. A conservação está irrefutavelmente associada com a preservação da cultura, a memória e a tradição do passado.

⁵ e ⁶ MIRANDA, Joaquim, **Arquitectura, Património e Autenticidade**, Tese de Doutoramento Em Arquitectura, Conservação e Reabilitação, FA, Ulisboa, 2015

2.1.4. MEMÓRIAS DA CIDADE

“A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como colectiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo”(Pollak, 1992, p.209)

A cidade como testemunha da história, no contexto da identidade, constitui um depósito de memórias, onde ficam registadas as várias épocas ao longo dos tempos, por sua vez, o tempo é a “duração relativa das coisas que cria no ser humano a ideia de presente, passado e futuro”(Dicionário Língua Portuguesa). A compreensão da memória é essencial para a compreensão da noção de tempo, porque um acontecimento ocorre num determinado ponto no espaço e num determinado tempo, e sem a ocorrência deste processo e relação espaço-tempo, a memória não existiria. A memória porém revela-se um conceito associado à conservação de lembranças do passado, não sendo possível recordar algo do futuro, que ainda não sucedeu.



Fig. 6. Memórias da Cidade, Verona.
Catarina Martins. 2016.

forma de recordar o passado, defendendo que podemos viver sem ela mas não podemos relembrar sem ela (Halbwachs, 1990, pp.134-135). É neste sentido a arquitectura um aspecto muito importante da nossa memória por materializar os pensamentos e vivências de outras épocas passadas, e transportá-los para o presente.

Sendo assim, dada à importância de um edifício, este não deve durar apenas uma geração ou servir apenas um tempo limitado, porque a maior preocupação do homem é que o seu património fique ao abandono, depois de todo o seu esforço vitalício e depósito de memórias (Ruskin, 1989).

Itália é um bom exemplo a referir na manutenção do património, em que existe uma valorização dos centros históricos de vilas e cidades. Sendo o berço da civilização etrusca, influenciou fortemente a cultura, e como tal, é um país repleto de história, existindo honra em mantê-la presente em marcas no tempo que a materializam, representativos da população, refletindo-se em centros históricos bem cuidados e populosos.



Fig. 7. Centro Histórico de Ostia Antica. Fotografia da autora, 2016.

Nos edifícios públicos existe uma glória associada, como marcos de algo que aconteceu no passado, porém não é diretamente associado aos habitantes porque não há uma carga emocional ou pessoal que uma habitação tem, eles não sentem que o património é seu, especialmente se este caiu no esquecimento ao longo dos anos. O património funciona, então, como uma marca/imagem colectiva, que os habitantes conservam e associam à sua cidade, enquanto unidade, existindo uma distância emocional maior, do que seria uma marca/imagem individual.

Quando se fala da memória e passagem do tempo, não só se menciona o que é absorvido, mas também o que é esquecido porque um correto funcionamento da memória exige igualmente o esquecimento. É, portanto, importante manter o património como um agente ativo na sociedade, para que a marca de outros tempos se torne também uma marca da atualidade, não sendo esquecida.

Na atualidade, a percepção de cada cidadão, das várias partes da cidade e das suas imagens em memórias e significados difere de indivíduo para indivíduo, segundo Kevin Lynch, que dividiu a cidade em: vias, limites, bairros, pontos nodais que constituíram pontos de referência que permitem ao Homem orientar-se no espaço. Quando conhecemos uma cidade e lá regressamos, passado um tempo, tudo o que é diferente sobressai, por não fazer parte da nossa memória, contudo, a partir desse momento, tornar-se-á parte das nossas memórias (Halbwachs, 1990, p.131). Isto é consequência da importância que damos a cada objecto, que é incorporado na sua memória, absorvendo a cidade de forma diferente, ao longo dos anos.

É importante então, perceber o que é memória colectiva e histórica. A memória colectiva é algo mais contemporâneo, que aconteceu e nos foi relatado ou vivenciado e faz parte de uma memória comum da uma cidade, como por exemplo, um

evento específico ou o aspeto material da cidade. A memória histórica trata-se do que nos é relatado sobre o que terá acontecido à séculos atrás e é uma memória condicionada à importância dos factos no decorrer do tempo.

“As ruínas são símbolos de uma perda e decadência, um lamento pelo passado, numa sociedade nova afastada da sua história, com o surgir da revolução industrial, da era moderna, das crises políticas e de urbanização e do crescimento da sociedade de consumo. Nesta visão decadente sobre o mundo surge John Ruskin, defendendo a glória e a memória dos edifícios do passado em que o seu valor está na idade, considerando a arquitectura um marco essencial de leitura da história e um instrumento de estabilidade social.”(Ruskin, 1989)

2.2| CONTRASTE

2.2.1. PERCEPÇÃO DO ESPAÇO

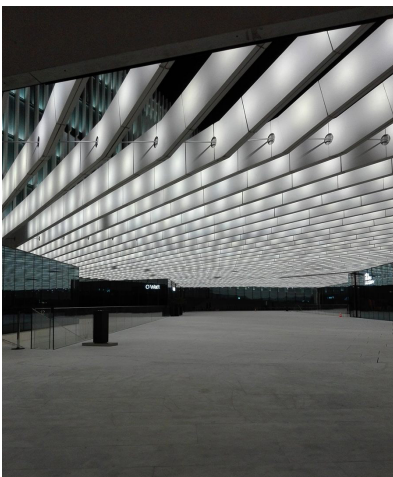
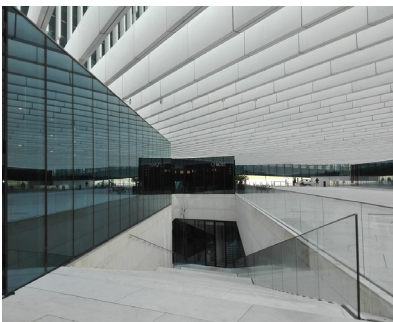
A memória é extremamente importante no processo da percepção porque tudo o que desperta atenção especial, tende a permanecer mais claro na nossas lembranças, e deste modo notar alterações de um objeto ou local, porque despertam em nós um sentimento de estranheza.

A contemplação e a formação de imagens são processos cerebrais, cuja actividade ocupa um terço do cérebro e 70% da informação que chega do exterior, advém de estímulos visuais. A percepção visual, representa, então, uma das funções cognitivas mais importantes do ser humano (Bloomer, 1979, p82.).

O olhar, ao longo dos tempos, tem vindo a mudar o seu significado e a forma de absorção, sendo importante observar de várias perspectivas para perceber a imagem como um todo, uma experiência em contacto com a realidade, numa era de informações instantâneas.

A importância deste mundo perceptivo, dá-nos conta de uma diversidade extrema, onde tudo é percebido e transformado em imagens que processamos e, sendo assim, é a principal motivadora do surgimento da cultura na sociedade contemporânea.

Fig. 8 e 9. Confusão Visual. Sede EDP, Lisboa. Fotografia da autora. 2018.



“O mundo perceptivo é tão ou mais diverso que a cultura” (Vilas-Boas, 2010) As diferenças culturais influenciam, indubitavelmente, o modo como o Homem vê e percebe o que o rodeia. O artista é, então, hábil desta cognição, porque consegue criar um objecto em prol das diferentes interpretações visuais, e é-lhe essencial perceber o que é ou não atrativo à primeira vista para deter a atenção do observador. O arquiteto tem a mesma capacidade, apesar de trabalhar num contexto diferente, podendo manipular o modo como se percebe, por exemplo, a luz ou uma paisagem.

A natureza é o estado mais puro do mundo, e como tal, oferece ao Homem ferramentas, que são organizadas de uma forma artificial e pensada, para transformar um lugar por completo. O lugar deixa de ser caracterizado pela genuinidade e passa a ser dominado pela vontade do Homem em transformar a natureza em algo adequado à sua forma de viver. Frank Lloyd Wright domina esta capacidade, de uma forma excepcional, criando experiências perceptivas no espaço (Lynch, 1964, p.16).



Fig. 10. Contraste, Tivoli. Fotografia da autora. 2016.



Fig. 11. Luz. Panteão, Roma. Mariana Ginginha. 2016.



Fig. 12. Projecção da Luz. Panteão, Roma. Fotografia da autora. 2015.

2.2.2. ALTO CONTRASTE

A cidade, tal com a conhecemos, existe à pouco mais de cinco mil anos e, por definição, uma cenografia onde se desenvolve a vida quotidiana. A cidade, assim caracterizada, dificilmente será substituída.



Fig. 13. Pintura. Lisboa. Autor desconhecido. Século XV.

Ora, constituindo um local com alguma importância, quer no passado, quer contemporaneamente, foi-se desenvolvendo ao longo dos tempos e é um fio condutor para a representação da imagem que temos das civilizações passadas. As origens das cidades, foram sempre de carácter diversificado, não existindo uma motivação específica para o seu surgimento, que tanto pode ter sido, militar, económica, política, entre outras.

Aquelas que tiveram origem medieval, surgiram por motivos defensivos, e por norma, o seu desenvolvimento deu-se da mesma forma: com o nascimento de um burgo fortificado no topo de uma colina, representando o poder militar, mais tarde, surgia uma igreja - poder religioso, e assim, estava

ditado o centro da cidade, que seria, depois, desenvolvida envolto

O contraste entre o centro histórico e a periferia não só, decorre em termos funcionais, bem como, com o desenvolvimento e ao longo dos tempo e protagonismo até aos dias de hoje.

O coração da cidade - centro histórico, surge como uma imagem alegórica da sociedade, com pouco tempo e espaço para ordenar o território. As cidades crescem e as necessidades contemporâneas, também, tendo pouca margem de manobra para acompanhar estes crescimentos exponenciais. Torna-se, assim, num hiperespaço “que transcende as capacidades dos indivíduos para se situarem, percepcionarem e organizarem os seus campos de proximidade e para identificarem cognitivamente a sua posição no mundo exterior”(JAMESON, 1984).

Se por um lado, a cidade representa oportunidade e liberdade na construção da identidade, a periferia apresenta-se como um local monótono e com menos potencialidades para o indivíduo, que deseja desenvolver-se tanto quanto possível.



Fig. 14. Pintura. Kew. John O'Connor Século XIX.

2.2.3. DIÁLOGO ARQUITETÓNICO

A mudança é essencial, assim como a vivência entre o desenvolvimento do homem e da arquitectura. Não é necessário a alteração do “genius loci” para que a arquitectura se adapte às características do lugar, designado por “espírito do lugar, sendo assim, torna-se imperativo a compatibilidade entre estrutura nova e o que já existe, conservando e assegurando a identidade.

O Renascimento é o primeiro período da história que se preocupa com o diálogo arquitetónico entre a arquitectura pré-existente e a nova, fazendo um esforço para o conseguir estabelecer (Lopes, 2014, p.6).

Esta preocupação sobre as características do lugar advém enquanto definidor do sítio e do lugar, não só nele existe conteúdo físico, bem como emocional e qualificativo, por outro lado, no sítio apenas encontramos conteúdo físico, de carácter mais objectivo. Este complemento entre sítio e emoção que originam o lugar, é um dos fenómenos mais recorrentes da vida diária, basta observarmos ao nosso redor para perceber como esta ocorrência surge e modifica completamente todos os espaços alterados pelo Homem.

Através destas experiências diárias, chegamos a percepção do espaço organizado em diferentes ambientes. O diálogo arquitetónico ou a adoção de uma arquitectura de contraste desempenha um papel importante na cidade, como uma referência activa e manifestação num contexto, por vezes, monotono e inexpressivo. A cidade ou mesmo os edifícios são elementos que caracterizam o ambiente, entrando em relação com o Homem e a natureza adquire carácter, e é a este ponto que encontramos o verdadeiro sentido do lugar.

Fig. 15. Diálogo arquitetónico. Roma.
Fotografia da autora. 2016.



No caso específico do edifício, há que atentar o elemento que condiciona o ambiente urbano- os limites do edifício que separam o espaço público do privado, sendo a proposta de arquitetura um elemento de tal envergadura que modifica para sempre o ambiente, deixando este de ser sítio para ser lugar - um sítio com conteúdo emocional.

O *genius loci* não se perde nem modifica, o lugar conserva a sua identidade, porque a estrutura de um lugar não é estritamente fixado aquando a sua existência como sítio, tendo a capacidade de receber diversos conteúdos. A relação entre património e o lugar é um aspecto interessante a ter em conta porque esta ligação entre os dois estabelece uma identidade ímpar (Schulz, 1979, p.18).

É, também, importante, contabilizar, que um lugar não deve ser modificado apenas para servir um uso específico, caso contrário, cairá na inutilidade. A sociedade está em sucessivas progressões, com diversas exigências e é importante o acompanhamento por parte dos lugares e a sua adaptação e reinterpretação para novos usos, frutos da evolução das necessidades do Homem.

O respeito pelo histórico durante o processo da projeção do novo é recente, existindo uma atenção especial para o alcance do equilíbrio visual. Com a introdução de novas tecnologias, foi-se percebendo que era quase impossível inovar, no confronto com estruturas antigas, e apenas se conseguiria a rutura.

Considerou-se, ainda, a continuidade histórica, que em arquitetura pareceria fiável, porém no contexto real, as novas intervenções não inovavam as antigas soluções encontradas, criando um padrão de desnecessidade da preocupação do diálogo arquitetónico, pelo edificado ser por si só, à partida, de aspeto semelhante.

Henri Lefebvre refere a importância do desenho na cidade e confronta a monumentalidade com os edifícios mais banais, de carácter discreto, provando ser possível a projeção e a criação de um espaço harmonioso onde há contato entre o antigo e o novo, criando um espaço poético (Fortuna, 1999, p.37).



Fig. 16. Monumentalidade vs. Cidade.
Roma. Autor desconhecido.

2.3. Reflexões

A identidade é construída e reproduzida através da ligação do Homem ao passado, contudo, durante a modernidade, este tema tem aberto inúmeras discussões sobre a cidade e o seu valor como centro de poder, representando uma nova possibilidade de ultrapassar as barreiras da comunidade, e portanto, mudou o seu carácter estático e tornou-se flexível. Esta desconstrução da identidade é um procedimento profundo que influencia o Homem a um nível pessoal, que afecta a sua forma de processar a memória coletiva, relativa à comunidade a que pertence.

A memória desperta em nós o sentido de comunidade e esta chega-nos, por exemplo, através da arquitetura, que carrega consigo um testemunho de outros modos de viver. Assim sendo, é capaz de ultrapassar gerações e destitui as limitações espaço-temporais, permitindo-nos viajar pelo tempo.

Neste caso, a dualidade da arquitectura, que, por um lado, nos permite perceber o seu papel enquanto imaginário de um tempo passado, existindo no presente, por outro, o seu distanciamento do momento em que foi concebida, distrai-nos do destino inato da arquitetura que, gradualmente, torna-se ruína. Por esta razão, a ruína, por si, é um importante instrumento de estudo para entender o passado, como charneira para projetar o futuro.

Durante a intervenção na ruína é necessário descortinar o significado de autenticidade, transmitindo a essência histórica e preservando as nossas raízes culturais e o seu respeito, reconhecendo a responsabilidade coletiva de preservá-lo

para as gerações seguintes, e assegurar a permanência da cultura e a sua função de servir a comunidade onde se insere.

A memória é de extrema importância no processo da percepção porque tudo o que desperta atenção especial, tende a permanecer mais claro, posteriormente, quando recordamos esse mesmo objeto ou situação, percebido.

A percepção da cidade, torna-se então, importante para o indivíduo converter as suas imagens em memória e assim, revela-se pertinente olhar a cidade de várias perspetivas para transformar o abstrato em objeto, que corresponde à realidade.

O contraste permite-nos entender a cidade como um todo. No âmbito de estudo, existem, portanto, dois tipos de contraste: o contraste urbano, considerado à grande escala, e o contraste na arquitetura, numa escala menor. O primeiro refere-se às diferenças sociais ou morfológicas no interior do mesmo contexto urbano. O segundo, ao estabelecimento do diálogo arquitectónico.

Em suma, a cidade como um todo é um conjunto de confrontos que fazem parte da sua essência e história. A continuidade histórica submete inúmeros contrastes entre aquilo que a cidade é, e aquilo que a cidade será, e por isso, é importante a convivência saudável da arquitetura de naturezas distintas e torna-se imperativo estudar a reabilitação de espaços e património, com cuidado e respeito à memória e identidade de um determinado local.

03

DO PATRIMÓNIO HISTÓRICO
À REQUALIFICAÇÃO
DO ESPAÇO PÚBLICO

3.1. PATRIMÓNIO A QUALIFICAR

“O património é a identidade de um lugar, de uma cidade, de um país. A herança dos antepassados foi assumida pelo polis que promoveu a sua recuperação e modernização, contribuindo desta forma para a nossa identidade e memória colectiva.”(Halbwachs, 1990)

3.1.1. PATRIMÓNIO

“O homem constrói-se. Constrói-se no tempo. Contrói-se no passado. Instala-se.” (Pestana, 2009, p.3)

Fig. 17 e 18. Chichen Itza's El Castillo, then and now.



O património permite ao homem situar-se num determinado contexto ético e estético, regressar ao passado, que numa perspetiva temporal, contribuiu para o seu futuro. É o marco que ficou sobre as pessoas e os acontecimentos continuando o seu papel social de intermediário no espaço e no tempo. Este é o testemunho da vida de uma cidade, comemorativo de acontecimentos ao longo dos séculos, previsto para cidades tradicionais, que agora se veem confrontados com os modos modernos de viver na cidade.

Em França, na primeira comissão dos monumentos históricos em 1837, as três grandes categorias de monumentos históricos eram constituídos pelos vestígios da antiguidade, pelos edifícios religiosos da Idade Média e por alguns castelos.

Para além das categorias patrimoniais, foram também distinguidos três tipos de arquitetura: arquitetura menor, arquitetura vernácula e arquitetura industrial. Originalmente, os primeiros dois conceitos eram oriundos de Itália e o último, de Inglaterra.

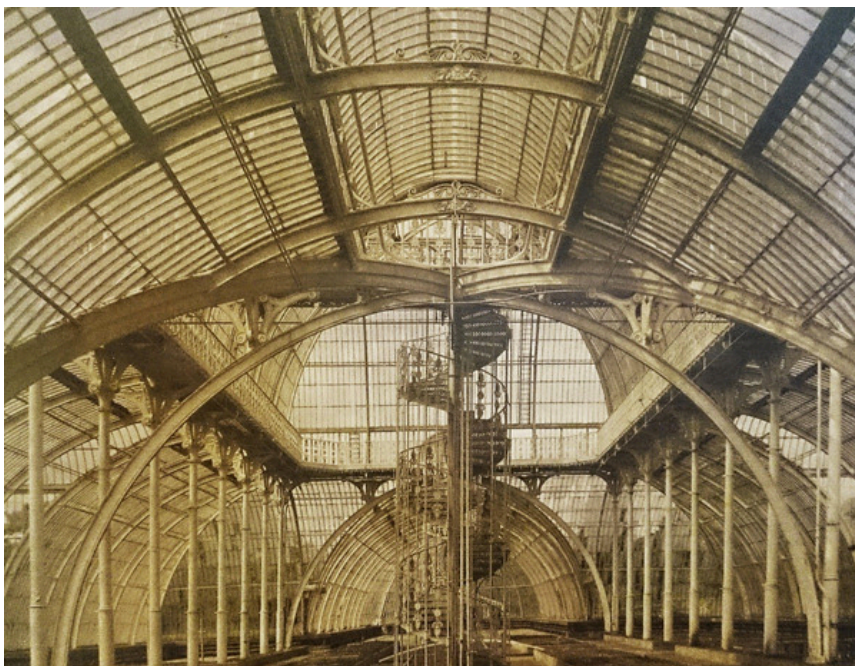


Fig. 19. Arquitetura industrial. Kew. Decimus Burton e Richard Turner. 1844.

Após a primeira comissão, não houve grande evolução do conceito de património até aos anos 60. Em França André Malraux foi quem lançou a nova acepção do “Património” (Choay, 2006, p.15), numa tentativa de valorização dos testemunhos do passado e a sua relação com o tempo vivido e com a memória. No final da segunda guerra mundial, o número de bens inventariados tinha sido multiplicado por 10, eles provinham da arqueologia e da história erudita da arquitetura.

Na mesma época, os Estados Unidos foram os primeiros a proteger o seu património natural, não lhes interessava tanto a conservação de um património edificado pela falta de profundidade histórica, como existia, por exemplo na Europa. A proteção deste tipo, nos Estados Unidos, é recente e

começou por envolver as habitações individuais das grandes personalidades nacionais (Halbwachs, 1990).

Em 1999, na Conferência Internacional do Turismo Rural, surge uma nova definição do conceito de património: “O património é um conceito vasto que abrange, quer o meio ambiente natural, quer o cultural. Engloba as noções de paisagem, de conjuntos históricos, de sítios naturais e construídos, bem como as noções de biodiversidade, de acervos culturais, de práticas culturais, tradicionais ou actuais e de conhecimento. Recorda e expressa a longa caminhada do desenvolvimento histórico que constitui a essência das diversas identidades nacionais, regionais, autóctones e locais, e faz parte integrante da vida moderna.”

Devido ao desenvolvimento do conceito de património e a sua importância na sociedade, foi importante fazer a distinção entre património e património histórico. Património Histórico é a expressão que designa um fundo destinado a uma comunidade alargada a maiores dimensões e constituído pela acumulação continua de uma diversidade de objetos que congregam a sua pertença comum ao passado expondo as suas visões do mundo. Património, por sua vez, tem por finalidade fazer reviver no presente um passado engolido pelo tempo, mantendo uma relação diferente com a memória viva e com o tempo (Choay, 2010, p. 11).

Surgiram vários estudiosos debruçados sobre a questão do património, entre eles, Ruskin que defendia a existência um respeito eterno pelo património e este não devia ser restaurado, sendo preferível a conceção de uma arquitetura “contemporânea” que complementasse o edifício histórico, introduzindo o diálogo arquitectónico e resolvendo a adversidade da herança edificada.

O património é hoje alvo das mais importantes preocupações, regressam-se aos antigos lugares das cidades, que agora importam reabilitar e re-habitar. Da arquitetura de

outros tempos, enquanto símbolo e marcos de outros lugares e formas de vida, recai o conceito de património. Hoje, são esses lugares que nos transmitem as mais importantes lições de estilos e de usos, de continuidade, de integração e de modernidade ao tempo que correspondem.

3.1.2. INTERVIR NO PATRIMÓNIO

A intervenção no património surge, frequentemente, na sequência da importância em reabilitar ou revitalizar a identidade cultural - parte da tradição local, seguindo dinâmicas sócio-espaciais, devido à sua importância na cidade, e da sua história local, podendo ser feita de várias formas: reabilitação, conversão, ampliação, reconstrução, remodelado, restauração, conservação ou restauro.

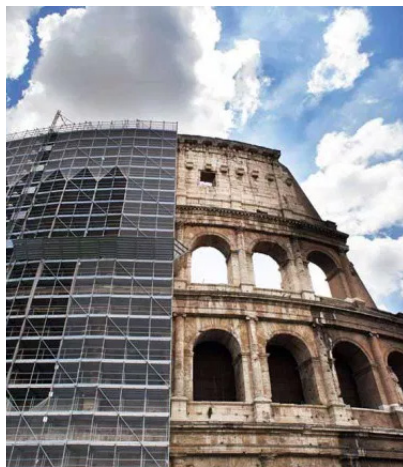
Nos dias que correm, reabilitar, mais do que nunca, expressa a recuperação das qualidades perdidas ao longo dos tempo e integra as características necessárias para que permita ao objeto em causa ser um agente ativo para o território onde se insere, complementando com usos úteis para a sociedade, permitindo efetuar uma viagem no tempo.

Tanto a reabilitação, como o restauro são temas sensíveis da atualidade, devido a controvérsias ao longo da história, do que é, ou não, autêntico e o questionamento se intervir significa retirar significado ou dar significado ao objeto. É por isso, importante estudar e percorrer o desenvolvimento do conceito de restauro e reabilitação para compreender quais são as suas principais preocupações enquanto processos de intervenção, para que seja assegurada a sua identidade e ao mesmo tempo a revitalização das cidades, o novo uso deverá ser estudado para perceber o seu enquadramento histórico, cultural e arquitectónico do edifício, e o seu valor, para justificar a recuperação da sua vivência.

Ao longo dos séculos, o reconhecimento do valor artístico e histórico do património era uma preocupação menor na sociedade, porém durante e após o período industrial e a passagem por épocas de guerra e invasões que quebraram cidades e destruíram edifícios, começou a surgir a temática do restauro associado à arquitetura.

Fig. 20. (em cima) Restauro em Roma.
Autor desconhecido. 2016.

Fig. 21. (em baixo) Restauro em Florença.
Autor desconhecido. 2015.



Itália, França e Inglaterra foram os países da vanguarda no que se refere ao restauro arquitetónico. Com origem em França surge o restauro estilístico, onde era necessário, um estudo prévio da composição do edifício para conceber novas soluções, defendido por Viollet-Le-Duc. Este tipo de restauro manifesta-se durante a revolução industrial e após o período napoleónico, em que o estado se responsabilizava pelos estragos dos conflitos gerados recuperando ruínas e edifícios degradados, por razões ideológicas e económicas. Em Inglaterra, por sua vez, é defendido por John Ruskin, anti-intervencionista, o restauro romântico, entendendo a ruína como objeto passivo, não devendo ser alvo de intervenções. Em Itália, o restauro arquitetónico é o mais utilizado, sob a doutrina de Camillo Boito, numa tentativa de moderar as visões francesas e inglesas sobre o restauro. Boito defende que cada ruína deve ser tratada de forma distinta, por se inserir, também, num contexto distinto. Gustavo Giovannoni que retoma o pensamento de Boito, argumenta que a ruína deve ser reutilizada, sendo a reutilização, por si só, uma forma de salvaguardar o património.⁷

Também em Itália, surge no seguimento da ideia de Camillo Boito, um novo estilo de restauro denominado de restauro crítico, que conecta história e arquitetura, recuperando a obra, mostrando a cultura atrás da conexão entre o património e o conhecimento contínuo. Este é o tipo de restauro mais utilizado até aos dias de hoje.

Existiram ainda vários congressos sobre restauro que foram essenciais para o desenvolvimento deste conceito, entre elas a Carta de Atenas (1931), apoiado nos pensamento de Giavannoni, a Carta de Veneza (1964), ainda hoje, documento de referência para a arquitetura e urbanismo, a

⁷ Baseado nos apontamentos da autora, Aulas de Laboratorio di Restauro, Facoltà La Sapienza, Università di Roma, Professor Calogero Bellanca, Outubro-Novembro 2015

Carta del Restauro (1972), altamente conservadora e a Carta Italiana del Restauro (1987), que incluiu várias alterações às cartas anteriormente publicadas.⁸

⁸ Baseado nos apontamentos da autora, Aulas de Laboratorio di Restauro, Facoltà La Sapienza, Università di Roma, Professor Calogero Bellanca, Outubro-Novembro 2015

3.1.3. ESPAÇO PÚBLICO

“Nothing happens because nothing happens.”
Gehl, 1974, p.75)

A história do lugar será, para sempre, uma componente que não coincide, somente, com o tempo, porque o projeto, por sua vez transformará a história para mudar a perspetiva dos lugares e a sua essência enquanto sítio.

O espaço público urbano é um elemento ordenado do urbanismo e, também designado como espaço positivo da cidade. É partindo desta posição que o espaço público se assume como lugar de encontro ao qual todos têm acesso e direito, como espaço comum de tolerância social, económica e cultural, reequilibrando as assimetrias e desigualdades.

É no espaço público que encontramos a capacidade de organização do território suportando diversos usos e funções e de criação de lugares. O espaço público urbano tem que estar atento às transformações e dinâmicas da cidade - a história e os novos movimentos urbanos.

A heterogénea distribuição demográfica a que assistimos, em que nas cidades maiores a população cresce, e invés nas cidades menores a população decresce - resultado da desertificação das cidades médias, é merecedora de especial atenção e confronto, este que é um fenómeno sério da sociedade atual. O desenvolvimento e estrutura do espaço público estão, justamente, relacionados com a magnitude da alteração da demografia, ao longo do tempo. A atividade nas ruas deteriora-se pela falta de habitantes e a população é quebrada pela falta de atividade nas ruas, observando-se um ciclo vicioso. Isto explica porque é que

muitos desenvolvimentos populacionais transformam-se em espaços sem vida e devolutos.

“Nada acontece porque nada acontece”,⁹ este processo cíclico tem um impacto negativo na nossa sociedade e no desenvolvimento urbano, principalmente no que se refere ao espaço público e à vida entre os edifícios. Por norma, os eventos e a população estão dispersos pelo espaço e pelo tempo e é esta a razão, pela qual, alguns dos centros urbanos não tem a oportunidade de crescer de modo a implementar significado ao lugar.



Fig. 22. Espaço Suburbano. Autor desconhecido.

Este problema verifica-se maioritariamente nas áreas suburbanas onde há um sistema disperso de eventos. Esta depopulação incentiva ao abandono de certas áreas e à gradual conversão em zonas de vandalismo e crime, sendo importante salvaguardar a segurança para que haja permanência das populações e reverter esta tendência. Este processo negativo tem sido fatal para as cidades, porque não tem capacidade de regenerar a vida na cidade e estimular a

⁹ Tradução livre da autora de "Nothing happens because nothing happens" (Gehl, 1974, p.75)

vivência no espaço público, não sendo capaz de suportar-se a si mesmo.

A nível da organização urbana de grande escala - a cidade, normalmente há uma clara dispersão, sendo acomodadas por polos funcionais, como zonas residenciais, industriais e serviços, que acabam por segregar a estrutura da cidade, que fica dependente de transportes competentes entre polos. Esta tendência de desfragmentação da cidade é fácil de controlar nas cidades mais recentes, em que a distribuição é pensada de modo facilitar o acesso às diferentes funções, permitindo vivência nos espaços públicos. Por sua vez, numa cidade mais antiga, por exemplo, será mais difícil contornar este problema, porque os polos fundados encontram-se já segregados e as novas funções modernas estão obrigadas a localizar-se na periferia da cidade, descentrando e quebrando o centro histórico.

O modo de locomoção mais primitivo e, também, uma possibilidade de estar presente, ativamente, no ambiente público sem recurso a meios mecânicos, é a marcha, que só emerge problemas quando há diferenças de nível, porque requer mais esforço - processo este muitas vezes evitado, sendo preferível uma conexão simples. Em algumas cidades, caracterizadas por grandes diferenças de topografia haverá mais dificuldade em contornar este problema, do que numa cidade plana.

O meio mecânico mais utilizado de transporte, é o automóvel, representando uma solução prática no nosso quotidiano, porém, terá modificado completamente a vida do Homem, sendo, o objeto que mais consome espaço público, que ao mesmo tempo, isola o Homem do seu ambiente, bem como contatos sociais (Gehl, 1974, p.134).

Desde a invenção da Ágora democrática, e a sua carga política associada, a ideia de espaço público está associada à cidade, e inequivocamente, aos valores da cidade e reflexo da civilização ao longo dos tempos. O espaço público é por excelência um espaço social e cívico que se opõe ao espaço privado destinado a vivências particulares, como é o caso da habitação.



Fig. 23. Ágora Democrática. Atenas. Autor desconhecido.

3.1.4. REQUALIFICAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO

O espaço público é então importante para as vivências da cidade ao longo dos séculos, sendo fundamental para o desenvolvimento da civilização, tal como a conhecemos, como herança das gerações anteriores.

Fig. 24. Terreiro do Paço, Lisboa. Autor desconhecido.



Primeiramente, é importante denotar que não é, apenas, o património que necessita de projetos de qualificação, a fim de requalificar os espaços munidos de história, mas a todos os locais intervencionados pelo Homem, e que não estão habilitados às necessidades contemporâneas. A correlação entre reabilitação e património tem deixado o espaço público, um pouco no esquecimento, com pouca, ou nenhuma manutenção.

O espaço público como espaço social de estabelecimento de relações, tem uma enorme carga na vida diária da civilização, portanto, a exigência de qualidade não poderá ser apenas algo requerido ao edificado, porque também o espaço público tem a capacidade e potencialidade de se tornar num agente ativo na sociedade.

A preocupação com a reabilitação urbana surgiu com a modernidade, com o desenvolvimento das cidades e com a inquietação do confronto entre o que já existia e o novo, este processo punha em causa a unidade da cidade. Durante a segunda metade do século XIX, a realidade industrial tornou-se recorrente, e com isso, a falta de resposta das cidades com enormes transformações no conceito de cidade e a reforma da estrutura urbana existente, resultando na profunda segregação das cidades que não conseguiam adaptar-se à época industrial. Paris e Barcelona são bons exemplos de um planeamento coordenado para a criação de uma estrutura de cidade.

Durante a primeira metade do século XX, a reabilitação urbana tornou-se importante no panorama do planeamento urbano. Durante esta época, a reabilitação urbana não só, era vista como reabilitação da estrutura urbana existente, bem como da reestruturação política e social, como defendia Manfredo Tacuri. Reabilitar a cidade consistia na reestruturação de todas os seus segmentos (Cannatá, 2010, p.25).

Na segunda metade do século XX, perante os danos da guerra, a percepção da consciência histórica e a tomada de atenção para as ruínas do património que ficou como testemunha fragmentada do passado, impossível de recuperar, a reabilitação surgiu como uma das principais matérias de estudo para arquitetos e urbanistas modernos. A reabilitação despertou não só atenções da área da arquitectura e urbanismo, bem como, da história, antropologia e psicologia, tentando perceber a memória das ruínas e o património como herança material gravada no espaço.

Nos dias que correm, existe inúmeros limites que condicionam a reabilitação urbana quando carrega consigo memórias colectivas, e dificulta a intervenção com o devido respeito e valorização da identidade, tendo uma maior sensibilidade para a criação de espaços destinados ao peão, em relação ao automóvel, privilegiando espaços para criação de conexões sociais essenciais para o Homem e as suas vivências.

3.2. PATRIMÓNIO QUALIFICADO

3.2.1. PATRIMÓNIO NO TURISMO

Segundo Cluzeau, o turismo cultural, consiste na visita ao mundo do desenvolvimento do Homem no percurso da história e os seus valores culturais, sendo que cada época e cada cultura tem a sua própria percepção sensorial. O turismo cultural como prática de lazer leva-nos a crer que o Homem, como ser interessado, tem especial atenção e sensibilidade ao passado e a todos os elementos do quotidiano que transportam consigo uma carga cultural, essencial para situar-se, a si mesmo, no mundo atual e testemunhar as conquistas da civilização, que agora, perdem algum protagonismo na actualidade, em termos funcionais, do que anteriormente fora, e passam a ser espaços de visita e exploração de outro tipo de funções, diferentes das originais, materializando, assim, certos valores culturais do passado, que nos chegam aos dias



Fig. 25. Piazza di Spagna. Roma. Fotografia da autora. 2015.

de hoje em forma edificada, atravessando a temporalidade, sendo um dos tipos de turismo que mais movimenta multidões.

Aquando a associação de uma emoção em relação a um sítio ou edificado, é importante denotar os motivos pessoais, como razão para a prática de um turismo “emotivo”. Se por um lado, o turismo cultural apela ao sentido mais objectivo da civilização, realçando a materialização de uma certa forma de viver do passado, e o Homem vê um propósito para cultivar-se a si mesmo, o turismo “emotivo”, por sua vez, evoca a versão mais emotiva do homem, projetando as suas sensações e aspirações no património, associando-as a objetos arquitetónicos, artísticos ou, até, naturais.



Fig. 26. Colosseo, Roma. Fotografia da autora. 2015.

Existem várias razões que nos levam à valorização do património, se por um lado, o restauro e manutenção do aspecto original, tornando-o um espaço somente de visita, preservando o seu aspecto original, sem uma função ativa, parecendo o destino mais acertado, por outro, a conversão a outro uso e a tomada de posição no carácter de uma cidade, torna-se urgente para que o património não caia no esquecimento, em ruína.

04

ABRANTES, DO RIO À COLINA

4.1. ABRANTES

4.1. DO RIO À COLINA

Abrantes pertence ao distrito de Santarém, integrando-se na sub-região Médio Tejo, na margem direita do Rio Tejo, a cerca de 30km a sul do Picoto da Milriça- o vértice geodésico de primeira ordem, que pretende assinalar o centro de Portugal.

Fig. 27. Localização do Concelho de Abrantes. Mapa elaborado pela autora.



O concelho de Abrantes encontra-se estrategicamente no Centro Interior do país, relativamente próximo da fronteira luso-espanhola. Esta localização estratégica é potenciada pela existência de infraestruturas rodó ferroviárias que asseguram boas condições de acesso com Lisboa, Vale do Tejo, Alto Alentejo, Beira Interior e o Território Espanhol, resultando a grande diversidade cultural do Concelho.

Primeiramente, para a assimilação da morfologia urbana, deve ser tido em conta dois dados fundamentais: o Rio Tejo e a implantação de Abrantes numa cota elevada, que estabeleceu a característica de vila alcandorada e mais tarde, Cidade Colina.

É importante, também, referir os produtos regionais que Abrantes oferece, como por exemplo, o azeite, queijos e doçaria conventual. Na doçaria destaca-se a “Palha de Abrantes” e tigeladas, que tiveram a sua origem na freguesia de Rio de Moinhos.

Na cultura, destaca-se o “180 Creative Camp”, que promove a interação entre artistas, não só nacionais, bem como, internacionais, de diferentes áreas, como design, arte, arquitetura, fotografia e cinema, criando um ambiente propício à partilha de conhecimentos e criação de objetos e instalações temporárias dispersos pela cidade.



Fig. 28. 180 Creative Camp Art. Shifter. 2016



Fig. 29. Palha de Abrantes. Autor desconhecido.

4.1.1. SOCIAL

Em 2011, segundo os dados estatísticos dos Censos, na cidade de Abrantes existiam pouco mais de 18 mil habitantes, denotando um ligeiro crescimento, em relação, a 2001 e 1991. Aquando a tomada de atenção para a demografia no centro histórico da cidade denota-se a maior discrepância percentual do despovoamento, não só em Abrantes, bem como, nas cidades interiores do país, entre o ano de 1991 e 2011, numa tendência continuada, que permite-nos refletir um pouco sobre este fenómeno moderno da quebra dos centros urbanos, nas cidades interiores.

Estudando os dados estatísticos disponíveis, é fácil concluir a deslocação da população do centro histórico para a periferia de Abrantes nas freguesias de Alferrarede e Rossio ao Sul do Tejo, deixando assim o centro com menos atividade e vivências e por conseguinte, menos interesse em lá habitar.

Abrantes é uma cidade segregada pela população que não é renovada, dado a que a população, para além, de se deslocar para a periferia, apresenta-se fortemente envelhecida, especialmente no centro histórico, não havendo renovação da população que suporte a taxa de mortalidade. A população mais jovem vê, também, fora do centro histórico a oportunidade da aquisição de habitações mais baratas e serviços à disposição, em número superior em relação à baixa da cidade.

4.1.2. URBANO

Abrantes é uma cidade de assento medieval, que, por norma, surge a partir de pontos elevados, e desenvolve-se em expansão pela colina, onde está inserida. Tal como acontecera em muitas cidades históricas, também Abrantes, com o desenvolvimento das tecnologias e novas necessidades e exigências do Homem, a partir da revolução industrial, os locais onde a população encontrava emprego, começaram a fixar-se na periferia, criando a zona industrial da cidade. Com o avançar dos anos, a população deslocou-se maioritariamente para Alferrarede e a zona da Chainça, tornando-las, maioritariamente, áreas residenciais. Nos anos 90 e no início do século XXI, deu-se uma enorme expansão desta área, resultado de um crescimento repentino.



Fig. 30. Rossio, junto ao Rio Tejo. Medio Tejo.

A sua proximidade com o rio Tejo e a sua implantação elevada, são factores determinantes na morfologia urbana que contribuíram de forma inequívoca para a importância que Abrantes teve ao longo da sua história. A proximidade ao rio Tejo permitiu destacar o seu estatuto militar e comercial em Portugal, porque era o rio o responsável pela chegada de

militares e mercadorias a Abrantes. A sua implantação numa cota elevada ditou o seu título como vila alcandorada, que mais tarde, com a obtenção do título de Cidade, passou para Cidade Colina. Foi a partir do século XII que Abrantes começou a desenvolver a sua malha urbana a partir do castelo e recinto amuralhado que lá já existia. O primeiro arruamento definiu a formação e expansão de Abrantes foi o arruamento entre a Igreja de S. Vicente e o Castelo, atual Rua Capitão Correia de Lacerda (Campos, 1987, p.23).

O centro histórico da cidade corresponde a um polo típico composto por atividades terciárias, públicas e privadas, dispersas, maioritariamente, pela baixa de Abrantes. Com a expansão da população pelo concelho e abandono do centro histórico, as últimas décadas foram marcadas pela deslocação da oferta e procura das atividades terciárias, quebrando a hegemonia do centro histórico e uma visível incapacidade em manter algumas funções antigas e captar novas iniciativas que possam destacar a cidade de Abrantes na região.



Fig. 31. Centro histórico de Abrantes. ESTA Jornal. 2015.

Estas novas iniciativas passam também pela criação de novos equipamentos que gerassem emprego para a população, no entanto, a possível localização para estes novos locais, seria na periferia, longe do centro histórico. Esta deslocação resultou num decréscimo também da população que preferencialmente começou a localizar-se na periferia, perto de ofertas que satisfaziam as suas procuras.

4.1.3. ARQUITETURA

Abrantes é uma cidade extremamente rica em património natural e edificado, respectivamente, cujo valor é reconhecido em todo o Concelho e região. No que toca a Património, vale a pena referir, que Abrantes foi classificada como um dos municípios da região Vale do Tejo, cujo centro histórico ostenta mais importância, no que se refere ao número de elementos patrimoniais classificados, segundo o Plano Regional de Ordenamento do Território do Oeste e Vale do Tejo.

Os principais elementos patrimoniais correspondem à arquitectura religiosa de Abrantes, classificados como monumento nacional: Igrejas de São João Baptista, Santa Maria do Castelo e São Vicente.



Fig. 32. Igreja de São Vicente. Abrantes.
Autor desconhecido.

Dispersos pela cidade existem ainda sete elementos patrimoniais classificados como Imóvel de Interesse Público: a Fortaleza de Abrantes, antigo Convento de S. Domingos, Igreja da Misericórdia de Abrantes, pórtico da Igreja do Convento da Esperança, a fachada do Definitório da Misericórdia de

Abrantes e a casa da Câmara Municipal de Abrantes. Acresce ainda 47 imóveis de arquitectura civil de interesse municipal e 2 estações arqueológicas (Aparício, 2013, p.14).

O Plano Urbano de Abrantes antevê o reconhecimento de ainda vários elementos, que possuem valor patrimonial. Sendo esta iniciativa um esforço para fortificar a identidade da cidade de Abrantes. Para além do seu património histórico notável, é também dotada de arquitectura contemporânea de destaque nacional e internacional, através de vários prémios de arquitectura como o Mercado Municipal (ARX Arquitectos) e o Parque de Campismo (Atelier Rua).



Fig. 33. Mercado de Abrantes. ARX Arquitectos.



Fig. 34. Parque de Campismo, Atelier Rua. Autor desconhecido.

4.1.4. HISTÓRIA

O castelo, como polo fundador da cidade, representa um dos pontos mais importantes da região, desde, pelo menos a época medieval. É visível de qualquer ponto, o contorno das suas muralhas envolvendo a elevação da cidade, na proximidade do Rio Tejo.

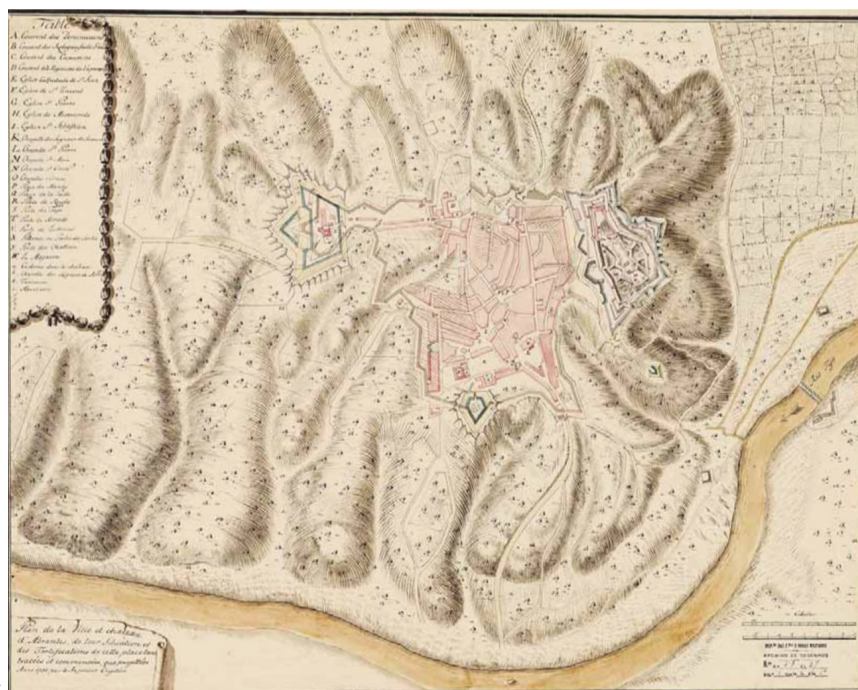


Fig. 35. Cartografia antiga. CMA.

Parte da história do Castelo e da própria cidade surge descrita em documentos, no entanto, a arqueologia permite-nos chegar a mais do que aquilo a que temos acesso diretamente, através de fontes escritas. Da Idade do Bronze, século XII a.C., surgem vestígios do primeiro reduto amuralhado com pedras e terra, que servia de proteção dos seus moradores. Mais tarde, já na Idade do Ferro, século VII a.C., existiram influências dos fenícios, através da descoberta recente de fragmentos cerâmicos atribuídos a estas civilizações, dando importância, mais uma vez, ao Rio Tejo no território português e da sua passagem em Abrantes.

Durante o período Romano, a zona do Castelo e a estrutura amuralhada existente adquire uma função cultural, devido a elementos que apontam para a existência de um templo, porém, neste sentido, ainda não existem evidências suficientemente fortes que indiquem a permanência efetiva de populações. Só com a mais recente descoberta de uma fortificação em adobe e outros vestígios, do século VII d.C., foi possível concluir que Abrantes, na altura seria apenas constituída pela estrutura amuralhada, teria sido habitada por populações islâmicas.

O registo escrito mais antigo da cidade de Abrantes, data de 1153, situando a origem da cidade logo imediatamente após a conquista de Santarém e Lisboa, por volta de 1147. Esta origem deve-se, em muito, a uma política de defesa do território, constituída por Lisboa, Santarém e Abrantes, que estavam implantadas numa cota mais elevada e constituíam a Linha do Tejo.

Duas década mais tarde, Abrantes sofreria um ataque muçulmano, que provocou o recuo da fronteira portuguesa, comprovando a relevância desta cidade num período importante para a história portuguesa, e por isso, Afonso Henriques concedeu foral a Abrantes, no ano de 1178. Depois de dada a importância merecida ao Castelo de Abrantes, Santa Maria do Castelo é mandada construir por D. Afonso II em 1215.

No século XII, Abrantes era essencialmente constituída pelo Castelo, a sua muralha, e um arruamento denominado Rua do Castelo que fazia ligação com uma pequena povoação, como surgiu descrito em documentos de 1386. O seu maior crescimento deu-se após a construção da Igreja de S. Vicente na continuidade deste arruamento de ligação ao castelo, que definiu o primeiro núcleo do centro histórico da, então, vila:

a Igreja S. Vicente como poder religioso e o Castelo como poder militar.

Já no século XIII, o rei D. Afonso III de Portugal procedeu a melhoramentos substanciais nas muralhas da cidade e a construção da Torre de Menagem. No entanto, foi D. Dinis quem cumpriu a tarefa de concluir o perímetro defensivo. Durante a crise de 1383 a 1385, o mestre de Avis, futuro D. João I de Portugal, recebeu o apoio desta praça-forte, tendo sido aí tomada a decisão de enfrentar o exército castelhano em Aljubarrota. Meio século depois, após 1429, ocorreu um sismo que abalou toda a região que demoliu a Igreja de Santa Maria do Castelo, que mais tarde foi reedificada em 1433 por Diogo Fernandes Almeida.

Durante o século XIV, houve um crescimento populacional que não refletiu diretamente na morfologia urbana, as novidades surgiram a partir de novos programas arquitectónicos, devido a iniciativas de D. Manuel I, que por essa altura permanecia em Abrantes, onde nasceram dois dos seus cinco filhos. A este monarca se deveu a sistematização dos forais e uma nova regulamentação em Portugal, sido concedido a Abrantes, em 1515, um Livro de Postura e em 1518, novo foral (C.M.A., 2016, pp.1-2).

Fig. 36. Foral concebido por D. Manuel a Abrantes. CMA.



D. Afonso VI mandou construir um quartel no fosso no castelo junto das muralhas, e pediu ao marquês de Abrantes a aderência provisória ao seu palácio, durante o século XVI.

Porém, na segunda metade do século XVI, a fortaleza de Abrantes entrou em acentuada decadência, durante a dinastia filipina pois, ao longo da ocupação espanhola, o seu interesse estratégico foi considerado nulo. Mais tarde houve um terramoto que desmoronou a Torre de Menagem que acabou por ser apenas reconstruída por metade da sua altura original. Contudo, no último quartel do século XVII, D. Pedro II mandou reedificar a praça-forte de Abrantes, pois as Guerras da Restauração voltaram a colocá-la no centro da

estratégia defensiva do território nacional. As grandes obras de remodelação seiscentistas basearam-se no moderno sistema de fortaleza característica de Vauban, rebaixando as muralhas e tornando-o numa fortaleza com características de praça-forte. Esta remodelação foi coordenada pelo engenheiro militar Manuel da Maia, em 1704.

Em novembro de 1807 durante as invasões napoleónicas, General Junot e o seu exercito entraram e ocuparam o Castelo até agosto do ano seguinte. Após sofrer com as investidas napoleónicas, Abrantes seria novamente submetida a campanhas de fortificação e mais tarde, em 1809, fora palco de um outro flagelo, a explosão da guarnição francesa, que ditaria o fim temporário da participação ativa de Abrantes nas invasões francesas.

A seguir à primeira invasão francesa, nos princípios dos de 1809 Abrantes foi reconhecida como uma das praças que mais interessava fortificar, daqui surgiu um projeto de Pacton em que a Igreja seria destruída, que nunca fora executado.

Já durante o século XX, um dos marcos históricos no concelho, foi a elevação de Abrantes a cidade a 1916, e nos anos 40 a campanha d“Abrantes - Cidade Florida”, concorrendo para aquisição do estatuto de “Cidade Florida”, alcançando a 1º lugar a nível nacional e o 3º a nível internacional. Desde então, as ruas floridas estão presentes na memória dos abrantinos.

Devido a esta utilização permanente ao longo dos séculos, o castelo foi alvo de sucessivas alterações para se adaptar às necessidades da cidade. Nos dias que correm, apesar de desativado em termos de aquartelamento militar, o castelo de Abrantes continua a conservar a beleza dos volumes do seu passado, rodeada por um parque verdejante. A fortaleza continua presente na vida dos abrantinos.

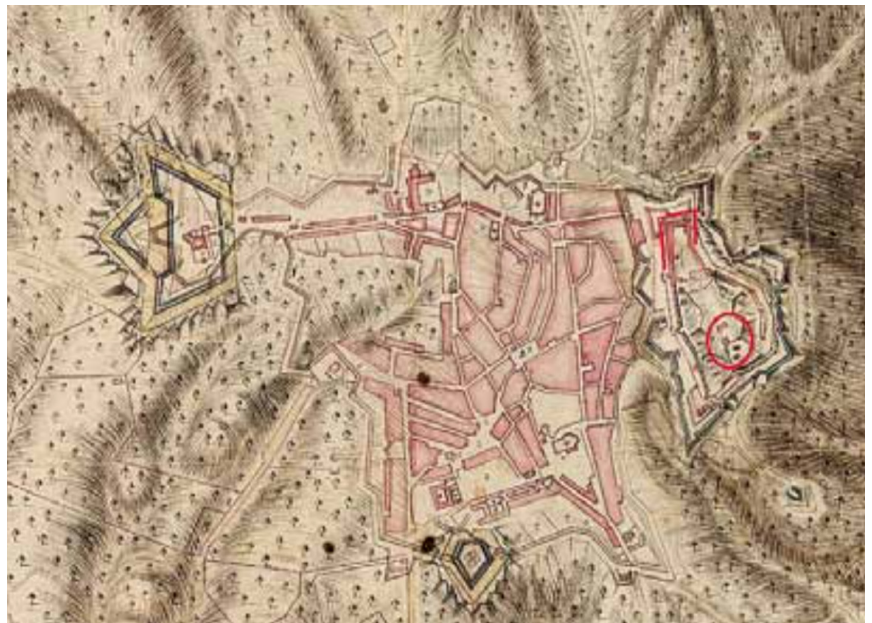


Fig. 37. Cartografia antiga - Castelo. CMA.



Fig. 38. Fotografia antiga para o Castelo. CMA.

4.2. CASTELO DE ABRANTES

O Castelo de Abrantes situa-se no ponto mais alto da cidade, no topo de uma colina e terá sido mandado construir por D. Afonso Henriques, no século XII. A sua função seria integrar a linha de defesa do Tejo, aquando da reconquista cristã.

Desde o começo do século XXI, o Castelo apenas sofreu intervenções de reabilitação e requalificação, no ano de 2002. Recentemente terá sido descoberta uma torre islã do século IX, dentro das suas muralhas, que dita uma fixação e ocupação islâmica, antes de ser ocupada por D. Afonso Henriques.

É pertinente referir, que o Castelo foi decretado como Imóvel de Interesse Público e está localizado num espaço de Uso Especial/ Zona Especial de Proteção, por lá existir uma estação arqueológica; a Igreja de Sta. Maria do Castelo foi classificada como um monumento nacional e existe um marco geodésico na Torre de Menagem.

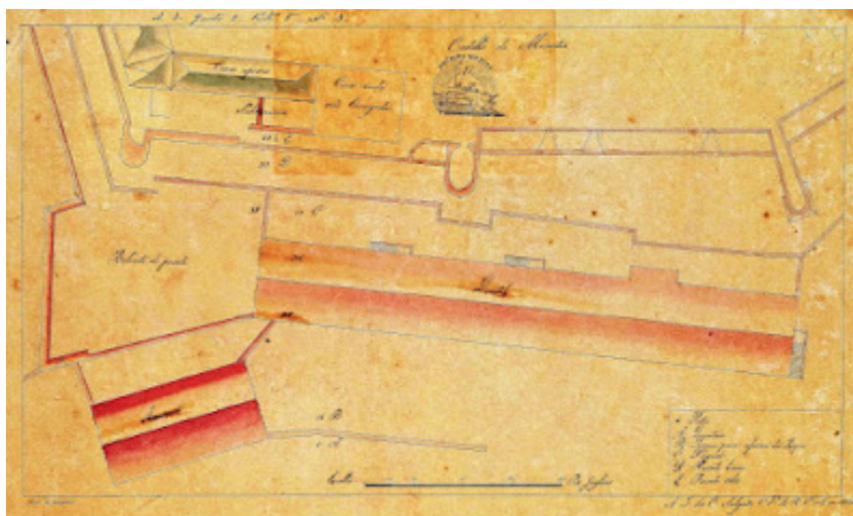


Fig. 39. Planta antiga do Castelo de Abrantes. C.M.A.



Fig. 40. Fotografia antiga da entrada a Norte do Castelo. C.M.A.



Fig. 41. Fotografia aérea. Século XX. C.M.A.



Fig. 42. (à esquerda) Atual entrada no Castelo. Fotografia da autora. 2017.



Fig. 43. (à direita) Composição da muralha. Fotografia da autora. 2017.



Fig. 44. Muralha e torreões. Fotografia da autora. 2018.



Fig. 45. (à esquerda) Ruínas em mau estado. Fotografia da autora. 2018.



Fig. 46. (à direita) Muralha e Skate Park. Fotografia da autora. 2018.



Fig. 47. (à esquerda) Acesso fechado ao recinto. Fotografia da autora. 2018.



Fig. 48. (à direita) Acesso ao recinto. Fotografia da autora. 2018.



Fig. 49. O Castelo na colina. André Matos. 2018.



Fig. 50. (à esquerda) Arcada. Fotografia da autora. 2018.

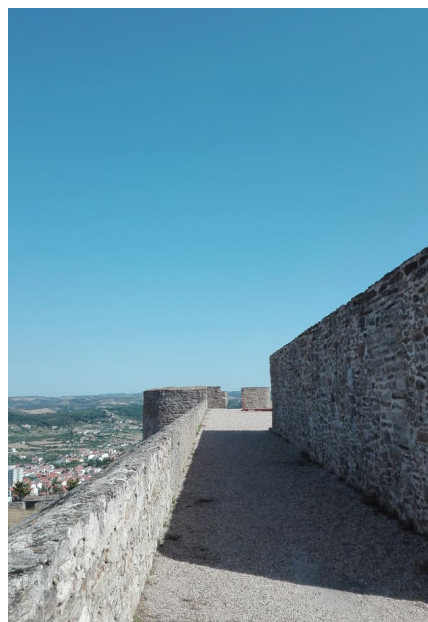


Fig. 51. (à direita) Cobertura do Palácio dos Governadores. Fotografia da autora. 2018.



Fig. 52. (à esquerda) Cobertura do Palácio dos Governadores II. Fotografia da autora. 2018.



Fig. 53. (à direita) Muralha o Rio Tejo. Fotografia da autora. 2018.



Fig. 54. Baluarte. Fotografia da autora. 2018.



Fig. 55. (à esquerda) Entrada no Recinto. Fotografia da autora. 2018.

Fig. 56. (à direita) Interior do Palácio dos Governadores, em mau estado. Fotografia da autora. 2018.



Fig. 57. (à esquerda) Porta no Palácio dos Governadores. Fotografia da autora. 2018.

Fig. 58. (à direita) Interior do Palácio dos Governadores, em bom estado. Fotografia da autora. 2018.



Fig. 59. (à esquerda) Vão no Palácio dos Governadores. Fotografia da autora. 2018.

Fig. 60. (à direita) Acesso ao recinto. Fotografia da autora. 2018.



Fig. 61. Igreja Sta. Maria do Castelo. Fotografia da autora. 2018.



Fig. 62. Torre de Menagem. Fotografia da Autora. 2018.

4.3. MEMÓRIA

1. Cidade Florida

Abrantes como a Cidade Florida surgiu durante os anos 40 do século XX, mas fora, ainda, durante o século XIX que tudo começou, com o início da construção do Jardim do Castelo, que por volta dos anos 20 precisou urgentemente de manutenção. Diogo Oleiro estava no comando desta iniciativa, e sugeriu à Câmara Municipal a contratação de Simão Vieira, um jardineiro capaz de tal tarefa, e como fruto do seu trabalho, Abrantes recebeu o título de “Cidade Florida”. Este título não foi ganho, simplesmente, pela avaliação ao jardim do Castelo, mas pelo facto, de que toda a cidade se sentiu inspirada pelos engenhos de Simão Vieira e tentou reproduzi-los nas suas casas, carregando a cidade de flores (Campos, 1998, p.12).

Em 1932, após tal feito, é mandado construir, por Diogo Oleiro, uma estufa no Jardim do Castelo, e logo de seguida, é promovido o título da cidade, como possível atração turística, no Jornal de Abrantes.

“Começaram a surgir os primeiros alegretes nas janelas, as mísulas, e os suportes de várias espécies que passaram a fazer parte das fachadas.” (Aparício, 2013, p.18)

Em 1947 e 1949 foram organizadas duas exposições de crisântemos, espalhados por toda a cidade e em 1952, o primeiro concurso de janelas e muros floridos, porém, depois de todo este protagonismo, após o 25 de Abril de 1974, a presença da flor decresceu na cidade, continuando a ser feito um esforço, com feiras, para que o culto à flor regressasse a Abrantes. Participou num concurso europeu das cidades

floridas, terminando o concurso em 3º lugar em 1999 e mais tarde o 1º lugar a nível nacional.

Nos dias que correm, Abrantes ainda é reconhecida como a Cidade Florida, apesar de na sequência da desertificação do centro histórico ter estagnado os eventos relacionados com a flor e esta ser a principal causa para a ausência da flor na cidade no presente, em comparação com o que aconteceu no passado.



Fig. 63. Casa Florida. 2006.

2. Globalização

A globalização é também um tema importante para a cidade de Abrantes, que merece ser explorado, no sentido em que terá sido o conceito mais associado a D. Francisco de Almeida, de Abrantes, e do mundo. Fora o vice-rei de Índia (1505-1509), um dos pioneiros da globalização e como tal, faz parte do orgulho e memória dos abrantinos (C.M.A., 2016, pp.1-2).



Fig. 64. D. Francisco de Almeida, Pintura. Autor desconhecido. Museu Nacional de Arte Antiga.

4.4. ANÁLISES

4.4.1. P.D.M. (PLANO DIRETOR MUNICIPAL)

O P.D.M. mais recente, derivado da sua carência em ofertas de estadia, sugerindo como boas apostas, o Turismo de Natureza ou Turismo Rural, com a possibilidade de reabilitação de vários elementos do Centro Histórico da cidade, numa malha urbana já bastante consolidada. Existe também a intenção de reabilitar dois dos imóveis de interesse público de Abrantes: a Fortaleza e o Convento de São Domingos, que actualmente acolhe a Biblioteca Municipal.

Está, também, previsto, para os espaços agro-florestais -onde está incluído a grande área da colina do Castelo- uma condicionante a nível da altura máxima das novas construções, não permitindo edifícios com mais de dois pisos e não excedendo quatro hectares de área total de implantação. Interessa também referir, que a Colina do Castelo, bem como alguma da área verde interior às muralhas é classificada como área verde de protecção, que prevê a sua utilização a nível do recreio e lazer.

4.4.2. P.E.R.U. (PLANO DE EDIFICADO E REABILITAÇÃO URBANA)

Em 2017 foi deliberado o mais recente Plano de Edificado e Reabilitação Urbana, que prevê para Abrantes um programa de reaproveitamento das infraestruturas e edifícios existentes que possam beneficiar a cidade, com programas inovadores, respeitando a identidade e a morfologia existente. Outro ponto importante a referir, presente neste plano, é a estrutura ecológica, que será alvo de qualificação a nível

das redes de mobilidade entre os diferentes polos da cidade, especialmente os locais que estejam frágeis pela falta de acessos. Neste processo no reforço das acessibilidade concebe-se relevância a percursos pedonais, aproveitando a envolvente.

Outro aspecto pertinente corresponde à reabilitação urbanística, social e económica do centro histórico, acentuando funções centrais com o intuito de diminuir o expansionismo do perímetro urbano.

4.4.3. S.W.O.T.

Pontos Fortes

- . Excelentes acessibilidades rodoviárias;
- . Acolhimento dos turistas pelos cidadãos residentes;
- . Identidade única que reflete a sua origem medieval;
- . Ponto geoestratégico pela sua centralidade;
- . Estrutura urbana heterogénea;
- . Património com interesse cultural;
- . Habitações de baixo custo;
- . Excelente sistema de vistas;
- . Proximidade a locais de grande valor paisagístico.

Pontos Fracos

- . Falta de exploração das potencialidades regionais;
- . Reduzida capacidade de investimento;
- . Centro histórico da cidade fragmentado;
- . Afastamento aos principais aeroportos portugueses;

- . Espaço público em degradação;
- . Falta de transportes públicos dentro da cidade;

Oportunidades

- . Previsto crescimento sustentado do turismo rural nos próximos anos;
- . Turismo de natureza e histórico.

Ameaças

- . Poder negociar do Centro de Portugal reduzido; Imagem de uma cidade pouco cuidada e decadente;
- . Falta de espaços de lazer para a população;
- . Decréscimo da população no centro histórico.



Fig. 65. Mapa dos edifícios degradados. Desenho elaborado pela autora, baseado no mapa deliberado pela C.M.A.

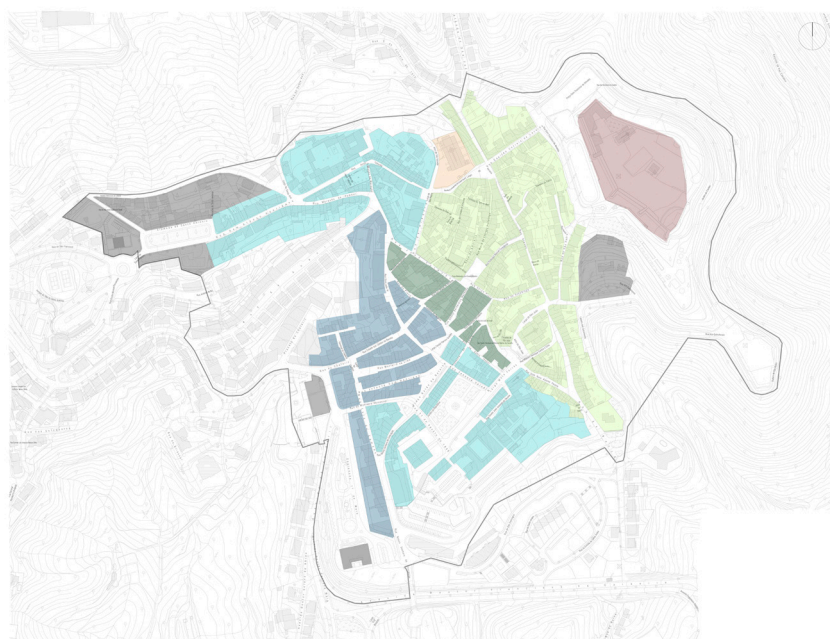


Fig. 66. Mapa da evolução urbana. Desenho elaborado pela autora, baseado no mapa deliberado pela C.M.A.



Fig. 67. Mapeamento do Património. Desenho elaborado pela autora, baseado no mapa deliberado pela C.M.A.

CONCLUSÃO

Como observado nos planos e, mais tarde concluído na análise S.W.O.T. é necessária uma intervenção na cidade que potencie o turismo e o lazer, derivado à fragmentação da cidade, que originou o abandono do Centro Histórico. Seria pertinente intervir num elemento que fosse importante para a comunidade e convidasse turistas a visitar e a conhecer a cidade .

Alguns dos pontos fracos da cidade geram as ameaças, que, por sua vez, marcam o decurso de Abrantes, como por exemplo, a falta de investimento, que direta ou indiretamente desencadeia a degradação da sua imagem, afasta os habitantes do Centro Histórico, resultando num abandono de habitações, que ao longo do anos tornaram-se devolutas. Este ciclo começou por volta dos anos 60, do século passado, e continuará, se não foram tomadas medidas de investimento num programa que satsifaga as várias faixas etárias da população, trave a continuação da progressiva deteriorização da cidade e atraia turistas e investidores, que invistam na cultura e valorização de Abrantes, especialmente o seu Centro Histórico.

05

CASOS DE ESTUDO

CASOS DE ESTUDO

Os casos de estudo são uma componente essencial como forma de ligação entre os conceitos teóricos abordados e a sua aplicação prática no local de intervenção de modo a solucionar as problemáticas apuradas.

Serão apresentados cinco projectos distintos que influenciaram e serviram de referência para a concepção do objecto arquitetónico final proposto. Estes projetos apresentados são distintos em vários fatores, como o contexto, conceito, forma e função. Todas as diferenças aferidas e soluções, foram importantes para o desenrolar do projecto.

É apresentado o projecto "Arquipélago" do Atelier Menos é Mais, pela forma como o diálogo arquitetónico é dominante entre a pré-existência e a estrutura de ampliação nova, as duas convivem serenamente entre si. Em termos programáticos são analisadas duas pousadas como propostas de requalificação de duas estruturas medievais relevantes na história: Pousada Alcácer do Sal e Pousada Flor da Rosa. No que toca ao tratamento e respeito do edificado existente e referido o restauro do Castello Vecchio em Verona, onde Carlo Scarpa espõe o verdadeiro sentido do respeito ao património. E por fim, uma das principais referências no espaço público, no interior de uma área fortificada, é tido em conta o Castelo de Castro Marim, que inclui vários polos de actividades no seu interior, gerando movimentação e visitas frequentes.

5.1. ARQUIPÉLAGO

Reabilitação: Atelier "Menos é Mais", 2014

O centro de Artes “Arquipélago” mantém o seu perfil industrial e destaca-se pelo diálogo arquitectónico entre a estrutura existente e a nova - antiga fábrica do tabaco e álcool. Este diálogo faz-se de forma subtil, não havendo uma distinção clara entre as duas arquiteturas de épocas diferentes, procura, antes, convergir as duas numa forma discreta.

O projeto destaca-se pelo seu jogo entre alturas, extensão do edifício e distribuição de funções. A arquitetura encaminha o visitante num percurso facilmente perceptível, explorando o edifício livremente. São expostas ao visitante, zonas tão importantes como o antigo armazém do álcool, com um ambiente mais obscuro e simples, mostrando-nos a estrutura típica de um edifício industrial. “Menos é Mais” foi o atelier responsável por esta intervenção e quis manter um perfil minimalista e interativo entre antigo e novo, entre cheios e vazios e ainda, materialidade.

O novo edifício adquire identidade pela relação com o edifício existente, que lhe confere um carácter inclusivo e estratégico. A implantação resulta da hierarquização funcional e espacial dos dois edifícios novos, que exigem outro tipo de condições, em relação à pré-existente.

É por isso, importante denotar a subtileza da resolução do arquipélago para perceber qual a melhor forma de tratar o castelo como um todo.

Esta relação entre o existente e o novo, traz consigo uma carga conceptual que consegue interligar diferentes épocas e utilizações num só. Este mote de projectar reflecte-se numa forma simplista e coesa de pensar a arquitetura e por isso, torna-se importante para a delineação do projeto proposto. Se por um lado existe uma estrutura existente que merece ser preservada, existe a necessidade de implementar um programa que obriga a adição de novos volumes que poderiam comprometer a estética existente.



Fig. 68. Arquipélago. Açores. Fotografia da autora, 2017.

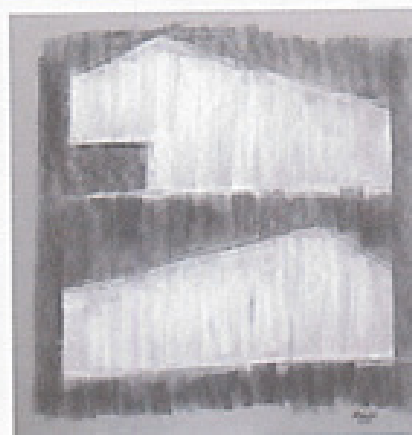
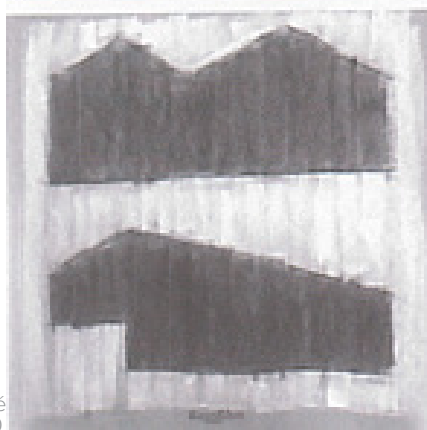
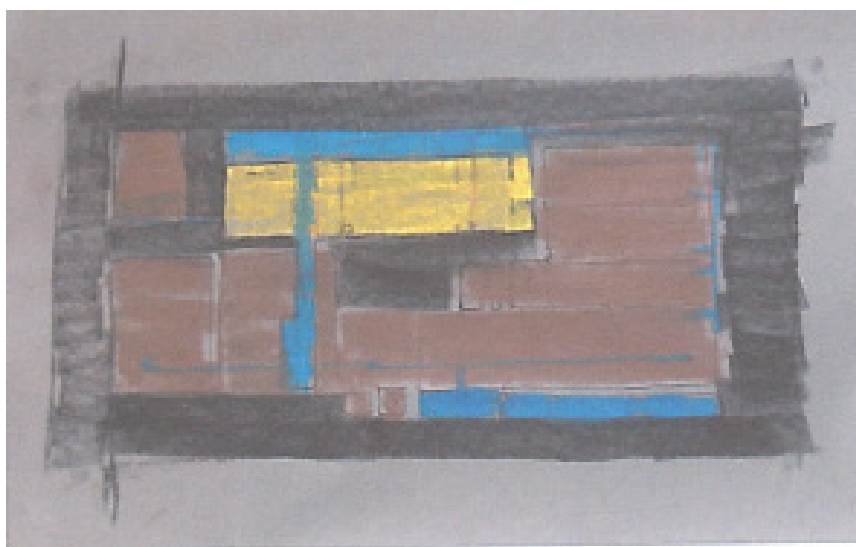


Fig. 69. Esquissos e desenhos. Menos "é mais Atelier I. Revista arqa nº70.

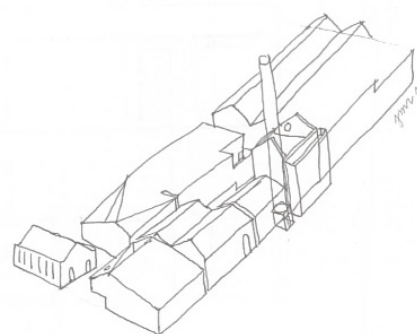
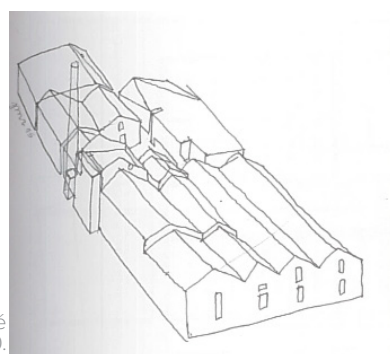


Fig. 70. Esquissos e desenhos. Menos "é mais Atelier II. Revista arqa nº70.

5.2. POUSADA DE ALCÁCER DO SAL

Reabilitação: Diogo Lino Pimentel, 1998

A Pousada do Alcácer do Sal sofreu ao longo dos tempos varias intervenções de recuperação, adaptação e ampliação, existindo vários vestígios da Idade do Ferro. Fora o Castelo Real do Paço da Comenda de Santiago, mas no final do século XVII, foi parcialmente convertido a um convento. Houve então mudanças a nível de funções e da apropriação do território, ao longo dos tempos. Apesar destas imensas mudanças a nível tipológico e adaptação às diferentes épocas pelas quais o edifício passou, trouxe aos dias de hoje, vestígios arqueológicos que enriquecem o castelo.

Nesta pousada são incluídos 34 quartos, restaurantes, salas, serviços, instalações técnicas. E como tal, um dos principais problemas deste projecto de reabilitação ou reutilização de um edifício com vasta história e riqueza arqueológica, assenta-se na relação entre o novo e o antigo, com receio de se ofuscar o edifício pré-existente.

A mudança de usos e funções na nova intervenção foi permitida, mas teria de ter em conta as antigas funções, de modo a respeitar, caso a origem do uso fosse religioso ou com outro tipo de importância. A título de exemplo, a proposta de transformar a Igreja num restaurante foi recusada, assim como a conversão da sala do capítulo em bar, porque são locais com alguma carga importante, apesar de se saber, perfeitamente, que nenhuma destas funções voltarão a funcionar como tal, no seu uso original.

O projeto consistia na reutilização das ruínas do Castelo, possíveis de aproveitar, como motivação, criando uma noção de temporalidade, ao mesmo tempo, fundindo com a história com a atualidade, causada pela diversidade de culturas que por lá passaram, culminando, mais recentemente, numa

pousada, que mais uma vez, utiliza a história e esta dinâmica arquitetónica como referência projetual.

O contexto histórico e evolução da Pousada do Alcácer do Sal despertaram rapidamente uma analogia directa entre este caso de estudo e o local de intervenção adotado. As sucessivas alterações e ampliações que culminaram numa pousada, e o sucesso da mesma, revelou-nos uma série de possibilidades de soluções que poderiam auxiliar em decisões importantes a serem tomadas na componente projetual deste trabalho.



Fig. 71. Pousada Alcácer do Sal. Pousadas de Portugal.

5.3. CASTELLO VECCHIO

Reabilitação: Carlo Scarpa, 1957

Castelo Vecchio fora construído entre os anos 1354 e 1356 junto à ponte Scaligero, e no seu complexo da fortaleza, situa-se um dos museus mais importantes de Verona, de arte italiana e europeia - Museu Cívico Castelvecchio, cujo restauro fora dirigido pelo arquiteto Carlo Scarpa, iniciado no ano de 1957, ao longo de 18 anos.

Verona foi uma das cidades mais massacradas na Itália durante a Segunda Guerra Mundial, devido à sua localização geográfica que era, estrategicamente, de fácil acesso, e lá permaneciam os ministérios da República Italiana, o Castelvecchio não fora exceção. Depois deste castelo de referência ter sofrido danos graves, Scarpa foi encarregue do seu restauro, bem como da ponte Cecchini, estabelecendo importantes diretrizes durante o restauro, considerando todos os referidos elementos arquitetónicos como parte de uma só estrutura a intervir, sem distinguir entre o restauro do edifício e o museu.

Aquando a evidência do desafio de restaurar um importante imóvel, Scarpa necessitava de manter o equilíbrio entre a arquitetura antiga com a introdução de novos usos e espaços, querendo assumir claramente a sua intervenção.

O produto final desta renovação e restauro, deve-se a Scarpa, como já fora mencionado, bem como ao arquiteto e engenheiro Carlo Arrigo Rudi Maschietto, e à colaboração de Liciso Magagnato. Scarpa projetou os espaços de exposição com o objetivo de equilibrar as peças em exposição. Com a sua proposta construtiva, distribuindo o museu por mais de trinta salas dedicadas à arte: escultura, pintura, cerâmica, joias e miniaturas.

O diálogo arquitetónico presente no Castello Vecchio, Verona - Itália, revela-nos uma estratégia de respeito do existente ao máximo, no país fundador e vanguardista do restauro e reabilitação, tendo Carlo Scarpa um papel fundamental no seu desenvolvimento. É importante estudar a sua técnica e a forma como aborda a requalificação de espaços.



Fig. 72. Castello Vecchio I, Verona. Catarina Martins. 2016.



Fig. 73. Castello Vecchio II, Verona. Catarina Martins. 2016.

5.4. POUSADA DA FLOR DA ROSA

Reabilitação: Carrilho da Graça, 1995

Em plena planície no Alto Alentejo, na pequena vila da Flor da Rosa, concelho do Crato, surge o antigo Convento da Flor da Rosa, também referido como Mosteiro da Ordem do Hospital de Flor da Rosa, hoje convertido a pousada histórica.

A sua construção data da segunda metade do século XIV, quando Frei Álvaro Gonçalves manifestou a sua intenção de construir ali um mosteiro medieval onde viria a fixar a sua residência, de estrutura gótica, e carácter defensivo, resultando num mosteiro que se aproxima mais de uma fortaleza do que um convento, considerado o mais importante exemplo de mosteiro fortificado existente na Península Ibérica.

Apesar de já se encontrar em situação de extrema degradação, o mosteiro é considerado monumento nacional em 1910, nos anos 40 a 60 é alvo de restauro integral, e nos anos 90 existe a oportunidade de devolver o monumento à vida através da adaptação a pousada de Portugal, seguindo o projeto do arquiteto João Luís Carrilho da Graça.

Este mosteiro é composto por três edificações distintas: a igreja-fortaleza de estilo gótico, um paço-acastelado gótico, já com alterações quinhentistas, e as restantes dependências conventuais já renascentistas.

Seguindo um caminho semelhante à intervenção de Fernando Távora em Guimarães, a adaptação resulta no restauro do antigo mosteiro, e na construção de uma ampliação de expressão contemporânea para as necessidades da estrutural hoteleira. A abordagem entre o novo e o antigo surge como uma dicotomia expressiva, no sentido em que se, a característica mais marcante do antigo mosteiro é a sua verticalidade, Carrilho da Graça propõe para o novo corpo uma clara horizontalidade, e se a expressão

da cor e da textura das pedras do mosteiro se integraram na imagem envolvente da planície alentejanas, a ala recente assume grandes planos brancos que conduzem a luz, quase ofuscando o edifício existente.

Carrilho da Graça, nesta intervenção, demonstra respeito pelo existente, que resulta numa influencia como aborda a adição de um novo volume. Este tratamento interessa-nos para perceber a forma como estuda a questão da materialidade, já que o novo volume tem uma cor contratante em relação ao existente, prezando pelo minimal e pela cor branca, enquanto que no caso do arquipélago existe uma escolha de cores para o novo volume de acordo com a cor da pedra do edifício já existente, desta forma é privilegiado uma homogeneidade no projecto.

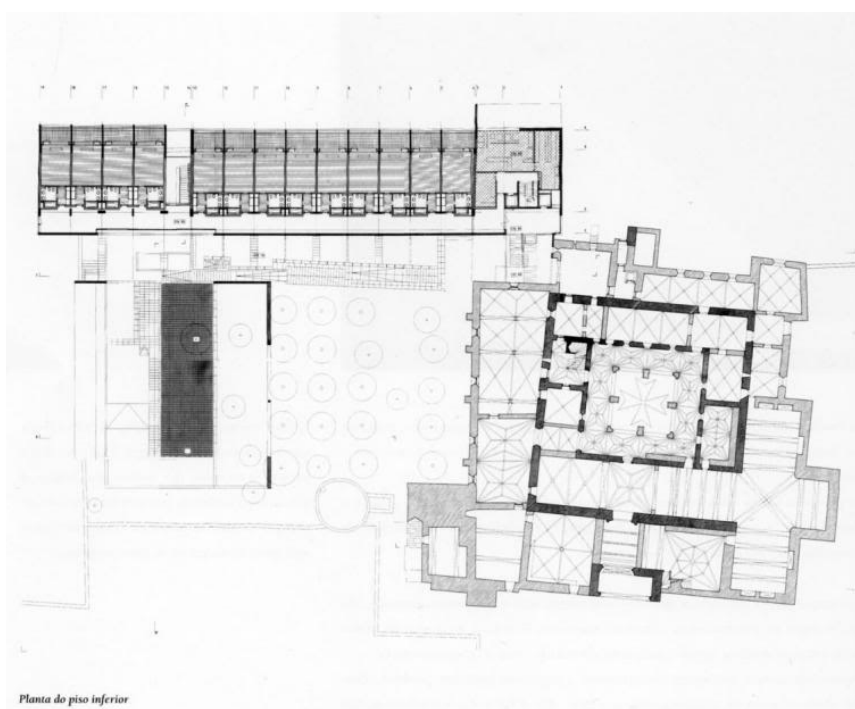


Fig. 74. Planta. Pousada Flor da Rosa.



Fig. 75. Vista Sob a Ala dos quartos. Flor da Rosa. Fotografia da autora. 2018.



Fig. 76. Diálogo arquitetónico. Flor da Rosa. Fotografia da autora. 2018.



Fig. 77. Mosteiro. Flor da Rosa. Fotografia da autora. 2018.

5.5. CASTELO CASTRO MARIM

O castelo de Castro Marim, é um dos marcos mais notáveis da região sotavento do Algarve, destaca-se na paisagem, quer na margem portuguesa do rio Guadiana, quer na de Espanha. É uma referência visual da região, afastada da confusão urbana de Vila Real de Santo António, em direcção à Serra do Caldeirão.

Esta foi a colina escolhida para a construção das muralhas, que hoje testemunhamos, e que também elas testemunharam varias épocas da história importantes para o desenvolvimento da região, nos últimos 3000 anos. Muito aconteceu no interior e exterior das muralhas, e como prova, existem vestígios de elementos históricos, como moedas e joias.

As escavações resultam no encontro destes elementos que se mostram em bom estado de conservação, comparativamente às ruínas do Castelo. As muralhas continuam ainda em bom estado são elas que definem o “Castelo Velho”, com uma planta típica do tipo de estrutura que Afonso III mandava construir. Apesar deste dado importante em relação à sua origem, afirma-se que foi construído no século XVI a mando de D. Manuel I, assim como todos os equipamento e residências presentes dentro das muralhas.

O Castelo de Castro Marim esteve outrora rodeado de água, porque o caudal do rio Guadiana era mais extenso e circundava todos os lados da colina onde se insere o castelo, excepto o lado a poente. É sabido que posteriormente, na época moderna os navios conseguiram chegar quase à zona do castelo, havendo vestígios desta situação soterrados pelo aterro, que mais tarde deu origem a uma estrada.¹¹

¹¹ Exposição no Castelo de Castro Marim, Março 2018.

O Castelo de Castro Marim serviu por isso, como referência a nível do tratamento da envolvente, com várias zonas de estar direccionados para diferentes faixas etárias, numa coerência que convida os habitantes locais a ocupar o Castelo.



Fig. 78. Castro Marim, vista do Castelo.
Fotografia da autora. 2018.



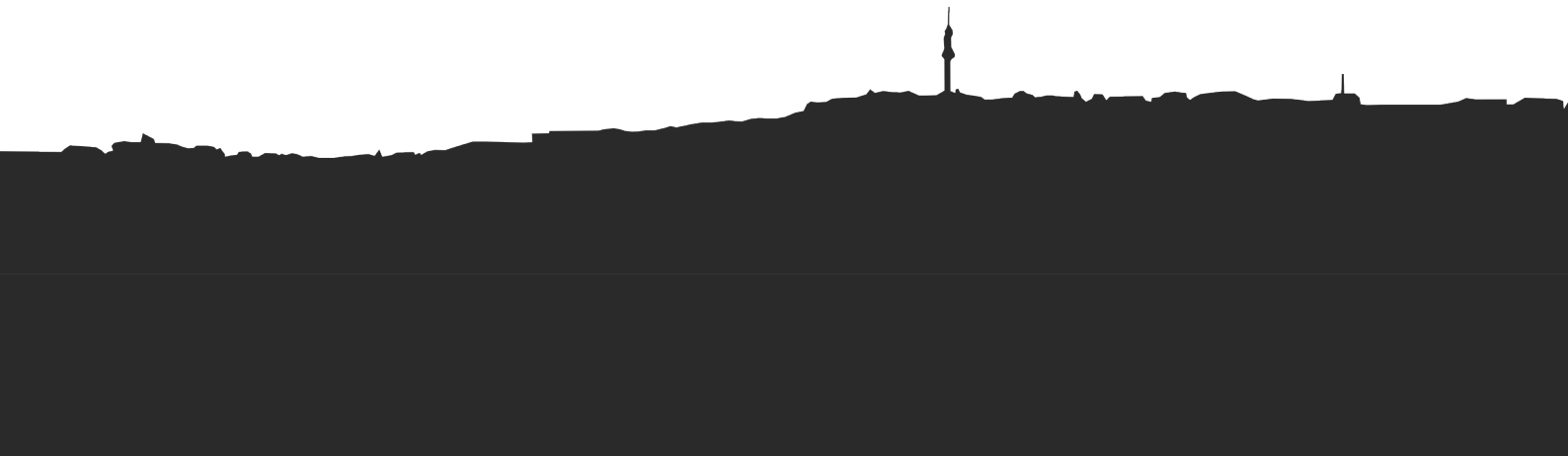
Fig. 79. Entrada no Castelo. Castro Marim. Fotografia da autora. 2018.



Fig. 80. Anfiteatro. Castro marim. Fotografia da autora. 2018.

06

DESENVOLVIMENTO PROJETUAL



DESENVOLVIMENTO PROJETUAL

6.1. OBJETO DE INTERVENÇÃO

CASTELO DE ABRANTES

Classificação: Imóvel de Interesse Público;

Cota de Implantação: 197 metros;

Sistema Estrutural: Paredes Portantes;

Planta poligonal, muito irregular;

Utilização Inicial: Militar/ Castelo;

Utilização Atual: Marco Histórico-Cultural;

Época de Construção: Século XII;

Alterações de Intervenção: Século XVIII e XIX;

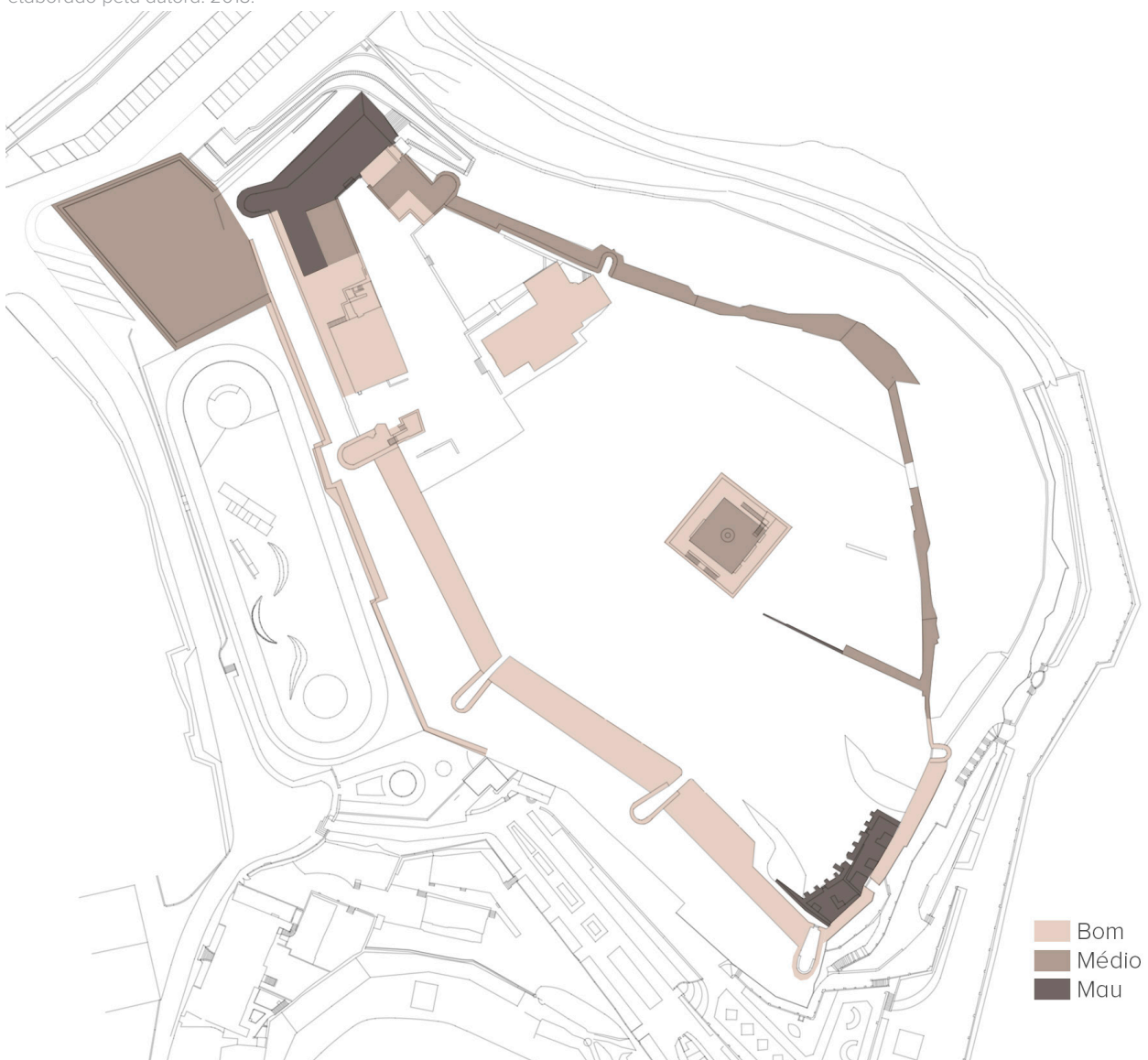
Última Intervenção: Reabilitação em 2002;

Arquiteto/Engenheiro Militar (1704): Manuel da Maia

6.1. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Através da observação das estruturas existentes e o estado em que se encontram, foi possível mapear os locais que precisam de mais atenção. De modo geral, existe uma parte interior do Palácio dos Governadores que se encontra em mau estado, com paredes que devem ser restituídas e o mesmo acontece numa ruína existente a sudeste do recinto amuralhado. O restante, de um modo geral, encontra-se bem conservado.

Fig. 82. Estado de Conservação. Mapa elaborado pela autora. 2018.



6.3. MURALHA E ENVOLVENTE

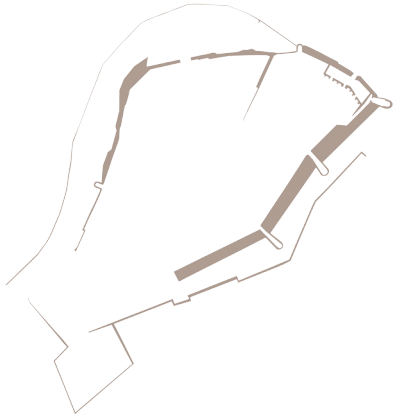


Fig. 83. Muralhas do Castelo de Abrantes. Mapa elaborado pela autora. 2018.

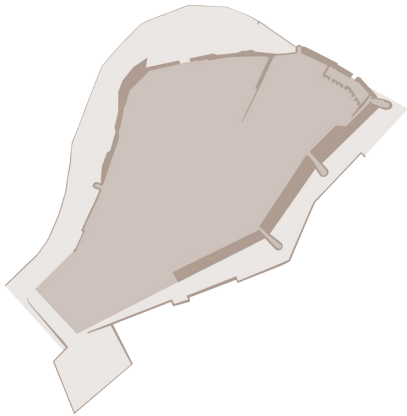


Fig. 84. Interior vs. Exterior. Mapa elaborado pela autora. 2018.

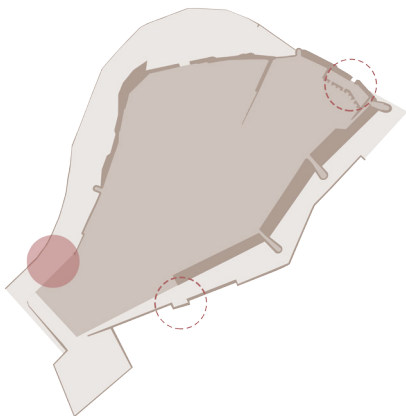


Fig. 85. (em cima) Entradas propostas e entrada existente. Mapa elaborado pela autora. 2018.

Fig. 86. (em baixo) Localização do Castelo na Colina. Desenho elaborado pela autora. 2018



A muralha foi, desde sempre, um elemento presente nas cidades medievais e contribuiu para o isolamento da área amuralhada do resto da cidade. Esta fragilidade, apesar de representar uma problemática inicial e condicionante espacial, que limitará as soluções, pode ser encarada como parte da solução, e por esse motivo o processo de desenho deve ter em conta os limites e eixos geométricos da estrutura existente (Fig. 83).

A coerência urbana é uma das principais premissas, no sentido em que é essencial conectar o interior e o exterior das muralhas e compreender a sua função no passado, carregando consigo o peso da história, que deve ser respeitado (Fig. 84). O acesso ao recinto amuralhado faz-se pelo lado nordeste através do Palácio dos Governadores, e como tal, seria pertinente a possibilidade de entrar a sul, que confronta o centro histórico e, simultaneamente, é a fachada principal da Fortaleza, com a Arcada Monumental de 11 arcos, a imagem de marca da cidade (Fig. 85).

Na sequência da problemática e contorno da barreira física que é a muralha, foi importante ter em conta a altitude a que se encontra o Castelo e a importância que isso tem em termos de acessibilidades e motivações para a deslocação ao topo da cidade (Fig. 86).

É apoiado nestas duas grandes problemáticas do espaço: altitude e limites, e a complexidade em resolvê-las, ao longo dos anos, que surge o progressivo afastamento do Castelo como, elemento de referência para a população. É essencial não só reconhecê-las como problemáticas, bem como valorizá-las como parte integrante da solução.

Apoiado no disposto, são previstas novas entradas. A muralha era uma barreira física, agora é compreendida como um apoio do acesso ao recinto e eixo de direção dos volumes propostos, sendo desenhados segunda a orientação da muralha, com vista privilegiada para a paisagem urbana, correspondente ao Centro Histórico da Cidade, a sul, ao passo que, a norte e a poente são dispostos elementos enterrados ou semienterrados, gerando pontos de miradouro nas suas coberturas, que permite libertar a vista, que é composta essencialmente por paisagem natural (Fig. 87).



Fig. 87. Guias da proposta. Mapa elaborado pela autora, 2018.

- Entrada existente
- Entrada proposta
- Eixo de Acesso
- Área pavimentada proposta
- Estrutura existente
- Muralha
- Área verde
- Volumes novos propostos

6.4. CONCEITO

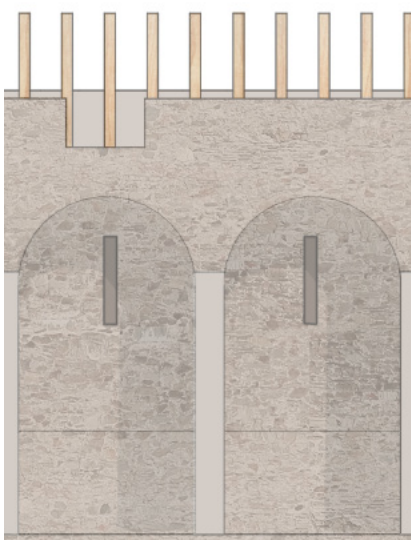
O mote projetual baseia-se nos conceitos abordados na componente teórica deste trabalho: identidade e contraste.

Foi, anteriormente, constatado que a identidade e contraste são, na sua raiz etimológica, antónimos e por isso, é importante deixar claro a associação entre estes dois. Por um lado, há respeito da identidade, que confere carácter ao lugar e à sua envolvente, por outro, tudo o que é novo, contrasta. Este contraste não existirá com o objetivo de confrontar o existente, pelo contrário, de uma forma subtil, integrar-se na paisagem urbana, com a distinção fácil entre objetos de várias origens.

A identidade já fora estudada, assim como, o contraste, na qualidade de conceitos abstratos, porém, ainda não foram explorados como conceitos materializados. Contraste é um conceito plástico que, na arquitectura, pode ser associado a contraste de vários aspetos como: materialidade, cor, função, dimensões ou origens.

Se por um lado, o ato de reabilitar exige um cuidado especial porque se trata de um património carregado de história, deve-se fazê-lo, de modo, a que seja facilmente perceptível a diferença entre a estrutura nova e a pré-existência. No fundo, procura-se o equilíbrio (Fig. 88).

Fig. 88. Alçado da Arcada monumental.
Desenho elaborado pela autora. 2018.



O confronto entre o passado e o futuro será a temática mais crítica do trabalho, porque existem várias barreiras e limites que são condicionantes, mais concretamente a muralha, como já fora referido.

Para além dos conceitos abstractos de identidade e contraste, é importante ter em conta o amplo sistema de vistas que existe no castelo, que nos permite ter uma visão panorâmica sobre a cidade e a lezíria do rio Tejo. Conceber

percursos e ligações pedonais, pontos de interesse e espaços de lazer, como forma de impulsionar a mobilidade entre a baixa da cidade e a zona do Castelo são algumas das propostas de complemento aos projetos urbano e arquitetónico apresentados (Fig. 89).

A noção de continuidade histórica é, também, importante a fim de haver uma consciencialização para a dinâmica dos espaços e dos edifícios, que chegaram até aos dias de hoje, fruto de anos ou séculos de história, e por isso, pretende-se a continuação de uma narrativa histórica, com a introdução de novos elementos.



6.5. FORMA

Abrantes é uma cidade harmoniosa, capaz de articular a sua componente histórica com a subtileza do Rio Tejo e toda a natureza envolvente. É, então, com facilidade, que outras valências sejam desvalorizadas face a estas qualidades, à partida, atribuídas à cidade. O turismo e a cultura são duas das atividades mais esquecidas no concelho, repleto de potencialidade e capacidade de expansão.

É com a tomada de atenção para esta lacuna que surge a necessidade de propor uma rede multifacetada, que integra vários projetos e valências como pousada, mercado, mediateca, restaurante, *spa* e o memorial da cidade, incluindo algumas das funções que estão em falta na cidade.

Dentro de cada polo destinado a uma função, alguns dos espaços são geridos e utilizados de forma livre, conforme as necessidades da população e de eventos que possam ser realizados e planeados, permitindo uma dinâmica social e funcional.

O turismo no panorama abrantino é importante para promoção das suas próprias qualidades, que vão para além da história e da natureza, tendo uma gastronomia e produtos artesanais únicos. É, também, pertinente criar um sistema turístico que ofereça várias hipóteses de estadia, virados para a natureza. A população, por sua vez, carece de necessidades que são um pouco diferentes daquelas que convidam os turistas a visitar a cidade, e por isso, estas duas premissas necessitam de se interligar e conceber um sistema de triangulação entre cultura, comércio e turismo.

A complexidade na resolução dos programas propostos é um dos desafios do projeto, pela relação entre vários elementos monumentais: Igreja Santa Maria do Castelo, Palácio dos Governadores e Torre de Menagem; e as novas estruturas de carácter humilde. Para respeito do sistema de vistas, foram incluídos novos pontos de miradouro, agregando àqueles que já lá existem. Os novos pontos de miradouro surgem nas coberturas dos novos edifícios para usufruto das vistas, que de lá são alcançáveis.

Um dos aspetos mais visíveis do projeto, é o sistema de ripas que existe a sul, virado para o Centro Histórico, numa tentativa de integração do novo volume com o antigo, utilizando a mesma linguagem e ao mesmo tempo criar espaços de estar sombreados, tanto na cobertura do Palácio dos Governadores, bem como, adjacente à sala dos pequenos-almoços (Fig. 91 e 92). A ala dos quartos ao longo da muralha é assim, integrada com o Palácio dos Governadores, que tem a mesma orientação, unificando-os através do ripado mencionado e casualmente interrompido para fácil acesso ao público aos miradouros, nos torreões da muralha (Fig. 90).

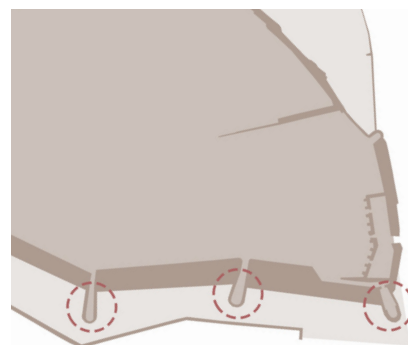


Fig. 90. (em cima) Eixos da proposta. Mapa elaborado pela autora. 2018.

Fig. 91 e 92. (em baixo) Planta e Alçado - Relação ripado - novo - existente. Desenhos elaborados pela autora. 2018.

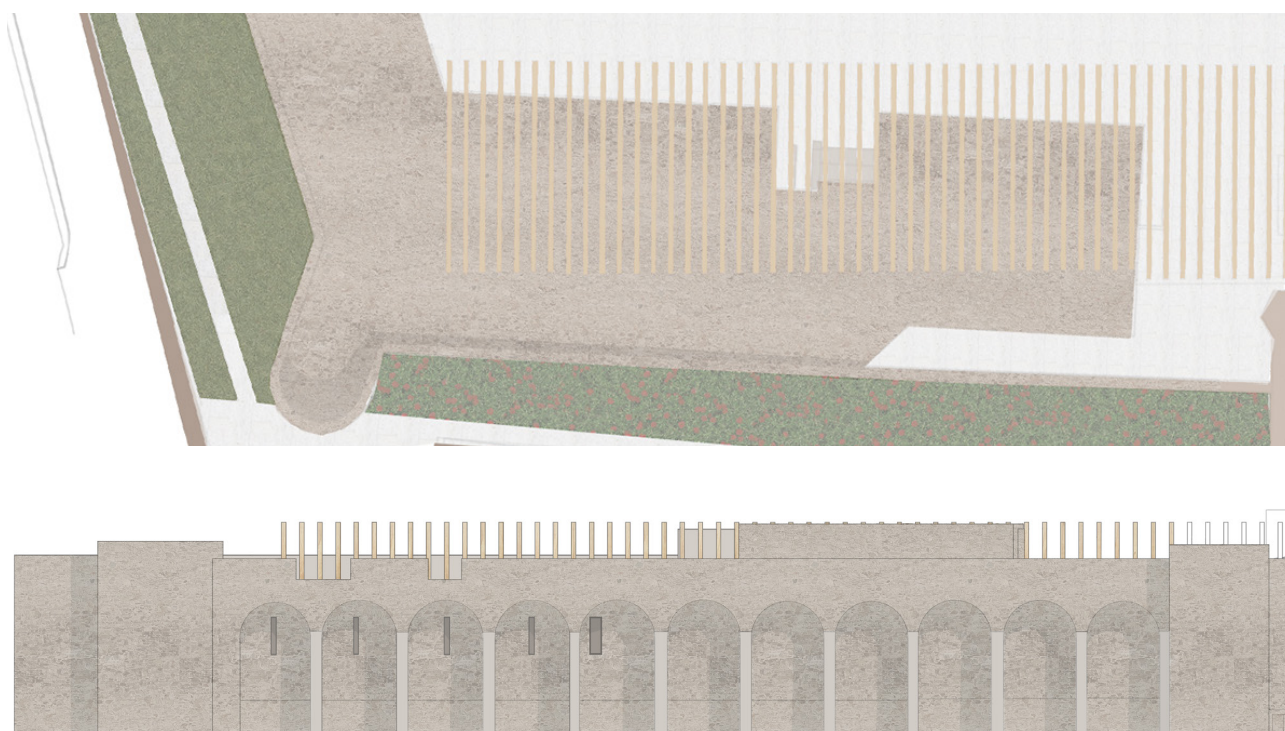




Fig. 93. Relação baixa da cidade com o Castelo. Mapa elaborado pela autora. 2018.



Fig. 94. Existente. Mapa elaborado pela autora. 2018.



Fig. 95. Proposto. Mapa elaborado pela autora. 2018.

6.6. DESENHO URBANO

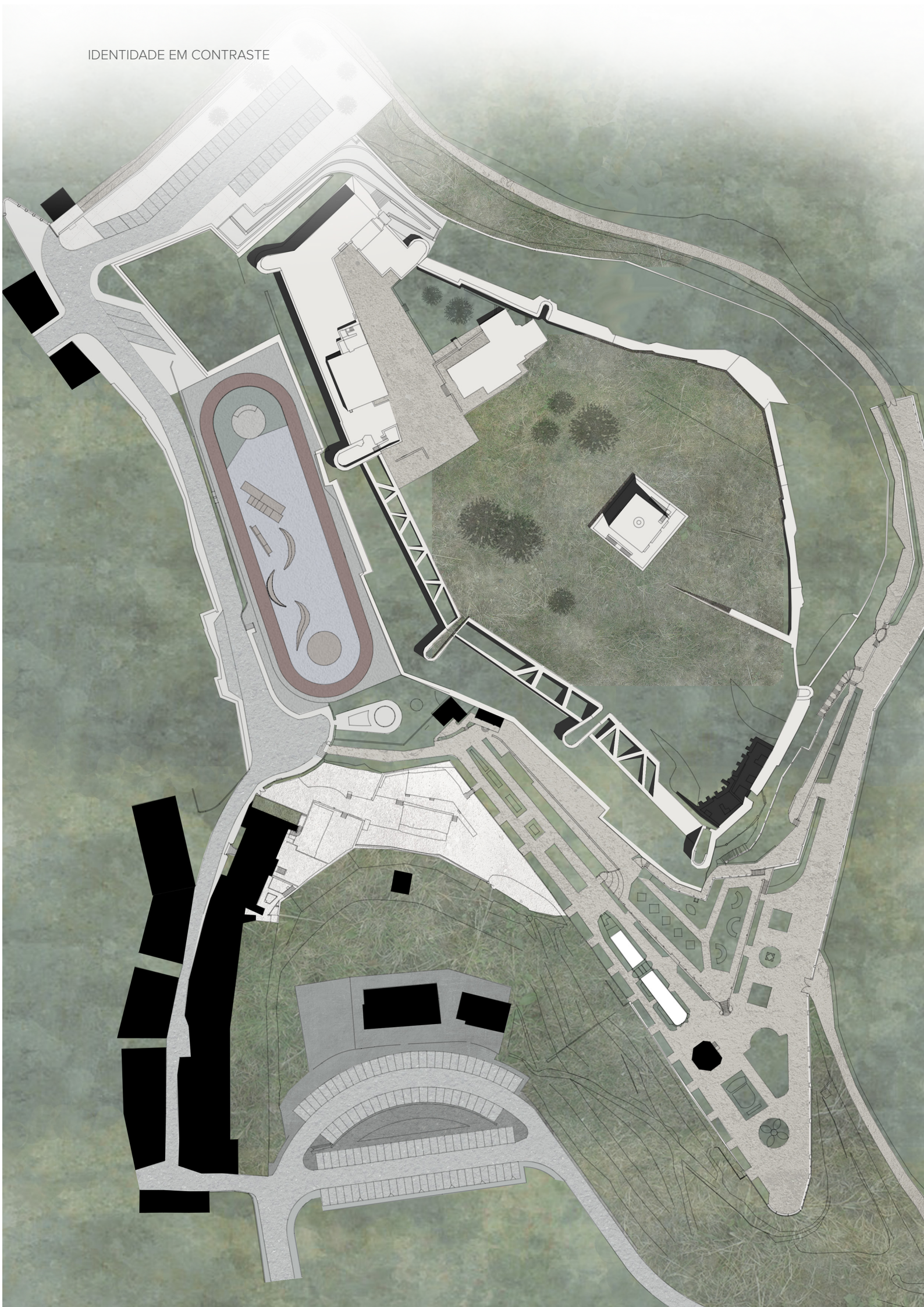
No que diz respeito à proposta urbana considera-se o território do Castelo de Abrantes, bem como a colina onde está inserido, uma forma de garantir programas para a população abrantina e turistas e, ao mesmo tempo, projetar a cidade de Abrantes a nível nacional. As premissas para a intervenção urbana são simples e concisas porque existem diversas necessidades, obstáculos e barreiras físicas que são complexas. É importante decodificar contrastes e perceber como controlar toda a complexidade projetual, resultando num projeto conciso e harmonioso, no conjunto.

É imperativo re-conectar o Castelo à baixa da cidade (Fig. 93), para que se torne um ponto fulcral de referência da cidade e por isso, desenvolver um sistema de mobilidade sustentável, e pontos de interesse no Castelo que permite a motivação para que as pessoas se desloquem ao Castelo.

Em relação aos materiais utilizados e a abordagem ao projeto, a máxima “menos é mais” e a simplicidade permitem conceber o respeito à memória da comunidade em relação ao castelo e atenuar o impacto da construção nova, gerindo o diálogo arquitetónico.

De uma forma sintetizada, as premissas de intervenção urbana são:

- . Coerência Urbana
- . Decodificar Contrastes
- . Valorizar o Castelo para que se torne um ponto fulcral da cidade
- . Mobilidade e sustentabilidade



Primeiramente, foram estudados os principais locais que mereciam intervenções e aqueles de que teriam de permanecer intocáveis, como a Igreja de Santa Maria do Castelo, classificada como Monumento Nacional. Foram, depois, criados eixos de referência, através de elementos existentes como muralhas e ruínas. Foi tirado partido de pontos de miradouro quer para o rio Tejo bem como para a cidade, que já existem ou merecem uma valorização, e quis-se manter a abertura e preservação do espaço verde no interior das muralhas.

Fig. 96. Existente. Mapa elaborado pela autora, 2018.

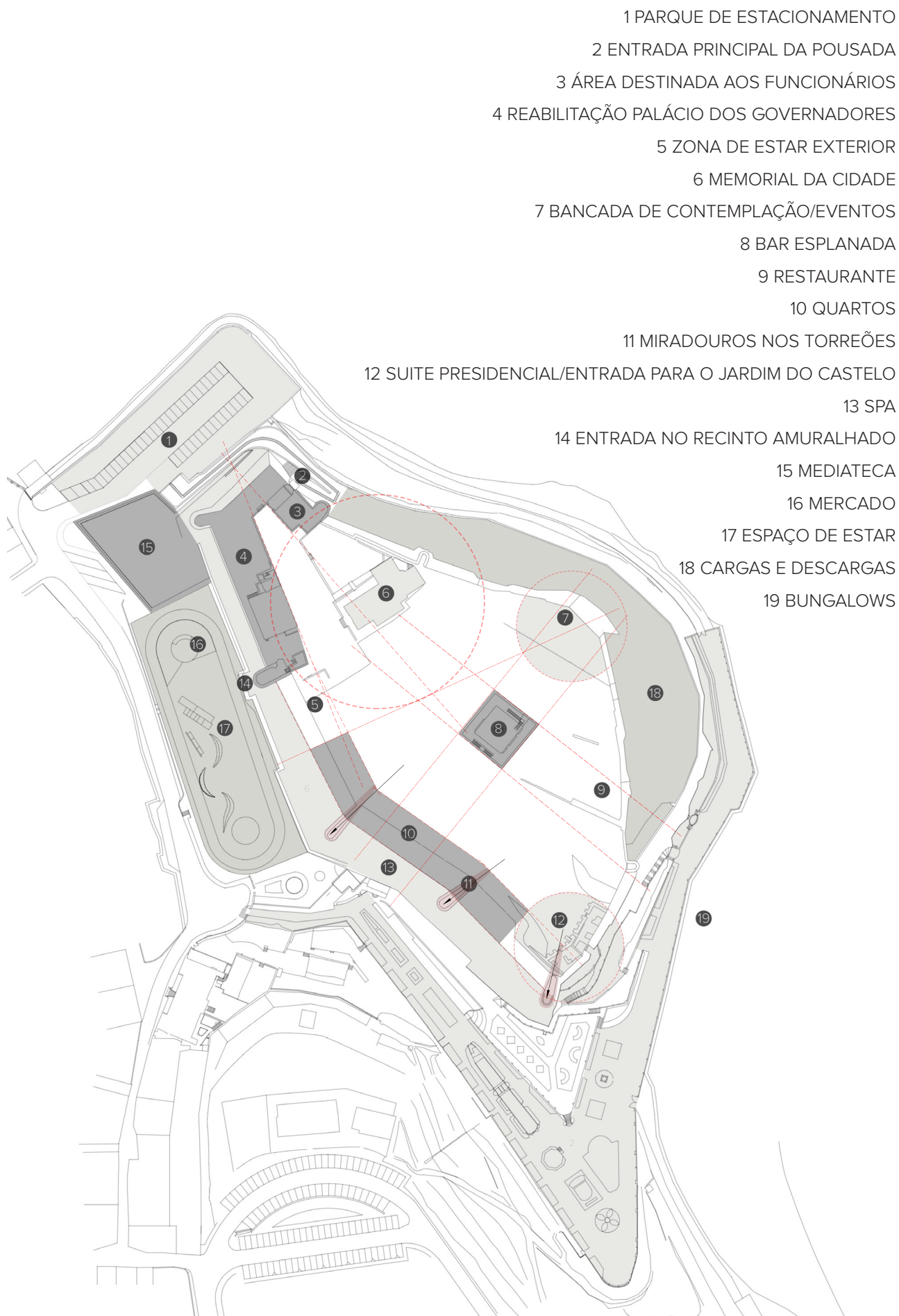


Fig. 97. Propostas esquemáticas. Mapa elaborado pela autora. 2018.

6.7. DESENHO ARQUITETÓNICO

Uma proposta arquitetónica para um elemento tão importante como a Fortaleza de Abrantes, uma área tão delicada da cidade, tem de ser de cariz pertinente e permitir a fácil distinção entre a parte projetual e o existente, por serem fruto de duas épocas e origens diferentes, merecem o respetivo apreço e valor.

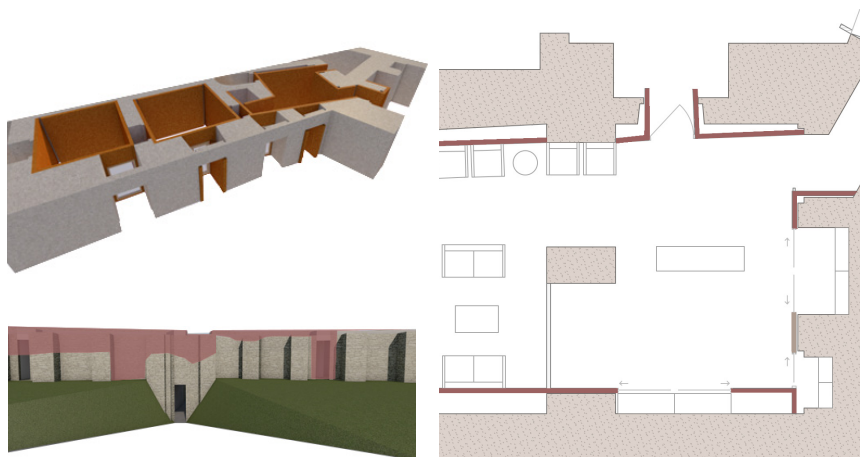
Sendo assim, o que se pretende com o projeto proposto, é a introdução de uma mudança positiva nesta área de Abrantes fragilizada ao longo do tempo, tendo em conta o seu impacto visual mas permitindo a inserção de novas funções que irão contribuir para que o Castelo, uma vez mais, se torne um agente ativo no concelho de Abrantes.

Diferentes programas e contextos exigiram, também, diferentes tipos de intervenções, como restituição de ruínas que estavam bastante deterioradas (Fig. 99), a reabilitação de espaços que possuíam qualidades e condições razoáveis para acolher necessidades contemporâneas (Fig. 98 e 100) e projetos de arquitetura, que resultaram em novos volumes. Estes novos volumes foram concebidos de forma a respeitar a vasta área verde presente no interior do recinto, através da introdução de coberturas verdes, que podem ser percorridas

Fig. 98. (à esquerda, em cima) Revestimento interior. Render explicativo elaborado pela autora. 2018.

Fig. 99. (à esquerda, em baixo) Estrutura restituída. Render explicativo elaborado pela autora. 2018.

Fig. 100. (à direita) Revestimento interior. *Check-in* da Pousada. Planta esquemática elaborada pela autora. 2018.

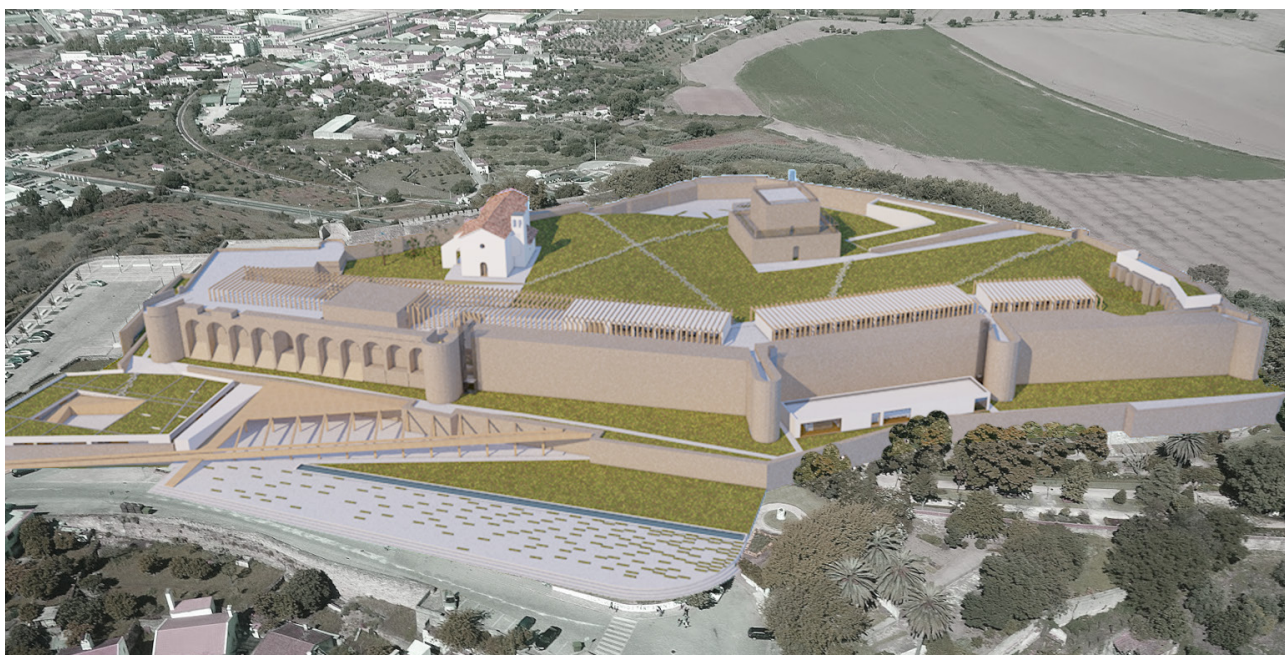


para fácil acesso à berma das muralhas, tal como acontece actualmente.

Existe um afastamento de segurança entre os novos volumes e as estruturas existentes que delineou outra condicionante. De dia, permite a entrada de feixos de luz rasante ao longo da muralha, através de grandes envidraçados para o interior dos edifícios, que favorece a luz indireta, criando um ambiente agradável, em variados espaços, do projeto, enquanto que, à noite, sucede o mesmo, contudo, com efeito oposto, do interior para o exterior.

Em termos de materialidades, pretendeu-se a utilização de materiais resistentes e de cores neutras, dando uma expressão leve aos elementos propostos (Fig. 101).

Fig. 101. Ensaio da proposta no local.
Modelo tridimensional elaborado pela
autora. 2018.



**MATERIALIDADE
ESTRUTURA EXISTENTE**

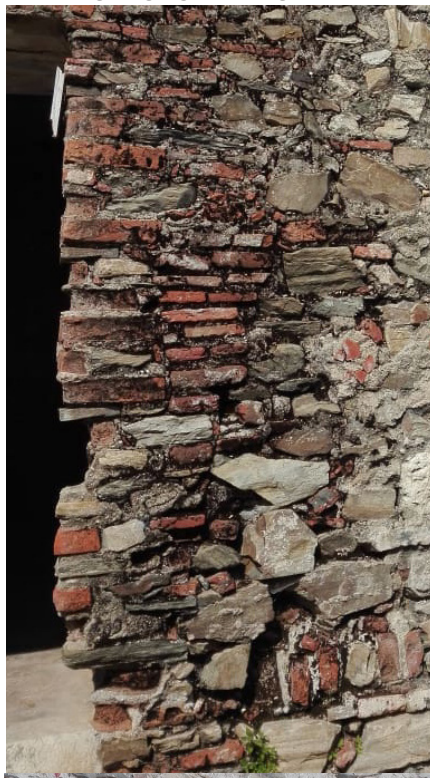


Fig. 102.
PEDRA LIOZ BRANCA
PAVIMENTO

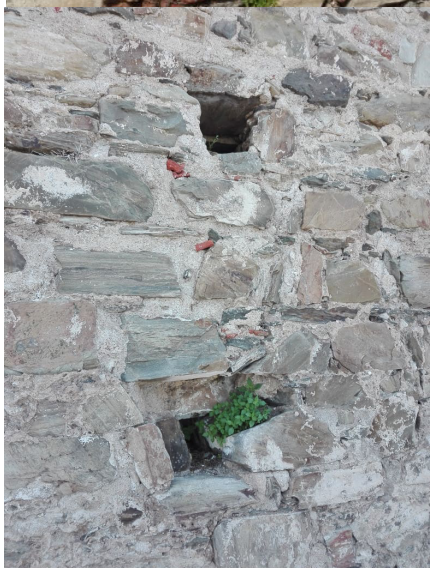


Fig. 103.
CONSTITUIÇÃO DAS
PAREDES EXTERIORES
PALÁCIO DOS
GOVERNADORES

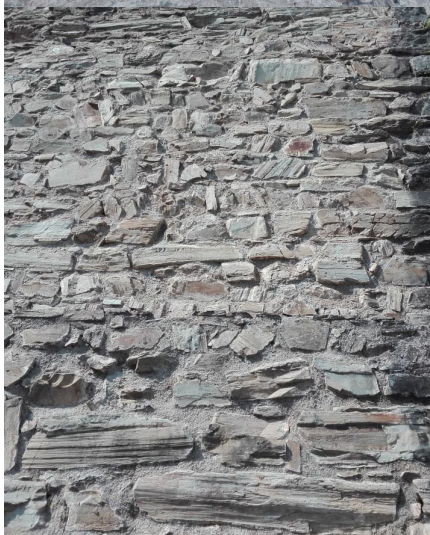


Fig. 104.
MADEIRA DE FREIXO
RIPADO

**MATERIALIDADE
NOVOS VOLUMES PROPOSTOS**

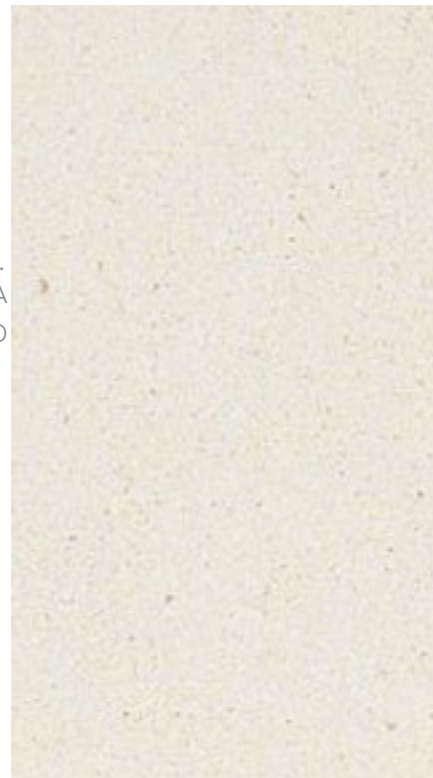


Fig. 105.
CONSTITUIÇÃO
MURALHA

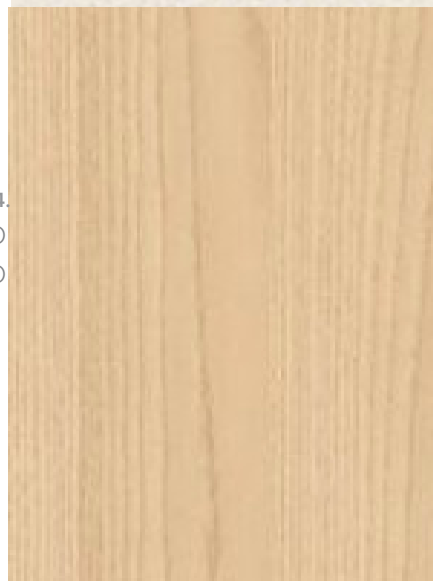
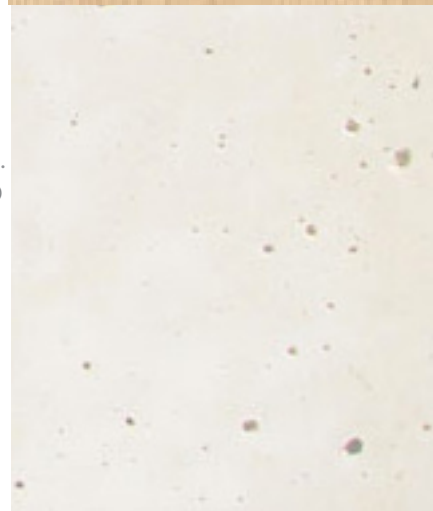


Fig. 106.
REVESTIMENTO



6.8. FUNÇÃO

O Castelo de Abrantes está convenientemente localizado, desfrutando de uma vista panorâmica 360°.

A sul e sudoeste do interior da Fortaleza localiza-se o programa destinado à pousada, ao longo da muralha, terminando a extremidade com a *suite* presidencial, inserida nas ruínas que lá prevalecem; a norte e nordeste localizam-se os *bungalows* ao longo da colina, o anfiteatro de contemplação e o restaurante, no centro da área amuralhada estão localizados o Memorial da Cidade, na Igreja Santa Maria do Castelo, bem como um bar e zona de eventos, na Torre de Menagem.

No exterior do recinto amuralhado, a sudoeste, situa-se a Mediateca e o Spa. Existe uma praça em frente ao Castelo, atual *Skate Park*, que é convertido a mercado sazonal, marcada pela imponente rampa de acesso ao patamar inferior ao Palácio dos Governadores.

Desde o início fora uma prioridade a projeção de um programa que servisse vários públicos, incluindo todas as faixas etárias e todos os interessados em explorar e usufruir da história e da natureza, potencializando as características do edificado já existente e ampliando-o para incorporar funções complementares ao programa proposto.

Posto isto, a proposta projetual pode ser dividida em sete núcleos de intervenção edificada:

POUSADA

A pousada (Fig. 108) será uma das vertentes dividida em dois momentos arquitetônicos: parte do programa situa-se no Palácio dos Governadores (Fig. 112), estrutura já existente, e o restante, correspondendo a 3 tipologias de quartos: um quarto para mobilidade reduzida (Fig. 110), quarto duplo (Fig. 109) e *suíte* presidencial (Fig. 114), na banda adicional, junto à muralha, resultando um total de 20 quartos. A pousada é um espaço de excelência que não está sob a classificação convencional dos hotéis, porém, situa-se entre as 4 e 5 estrelas, e por isso, tende a respeitar os critérios associados a estas categorias. Importante referir que, um dos aspetos muito positivos das pousadas é a concepção protocolos regionais, como mote de promoção e dinamização da economia local.

Adjacente à entrada no Palácio dos Governadores existe a zona destinada ao **check-in**, com oferta de vários espaços de estar, com ambientes diferentes, lojas para venda de produtos regionais e uma sala de pequenos-almoços na extremidade no Palácio, próximo da banda dos quartos. De frente, é previsto uma área pessoal, para os funcionários, que garantem o correto funcionamento da pousada e núcleos associados, com zona de refeições e balneários.

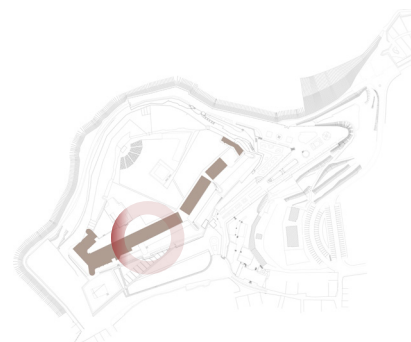
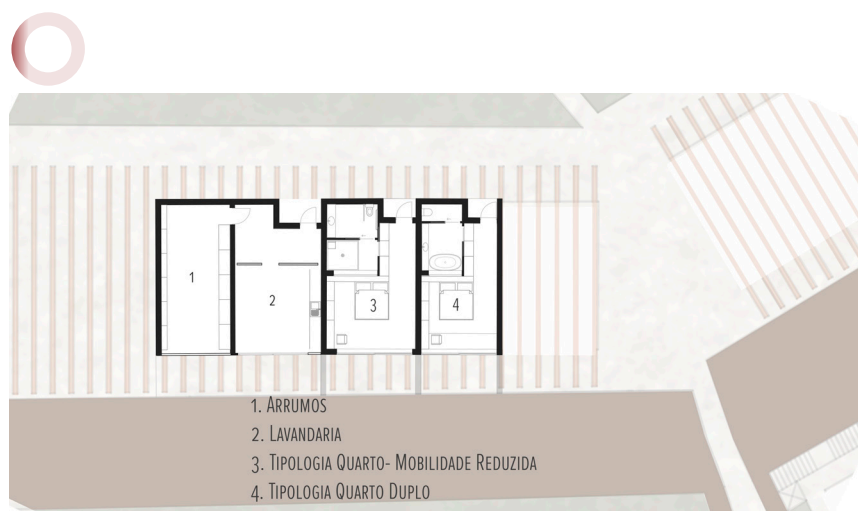


Fig. 108. Pousada. Mapa de localização elaborada pela autora. 2018.

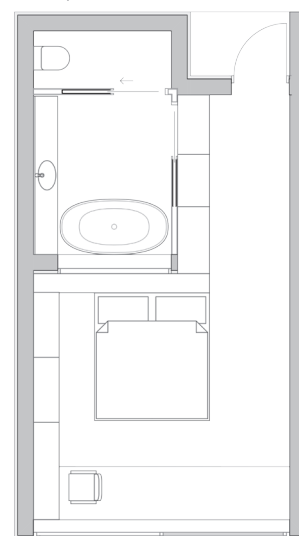


Fig. 109. Quarto Duplo. Planta elaborada pela autora. 2018.

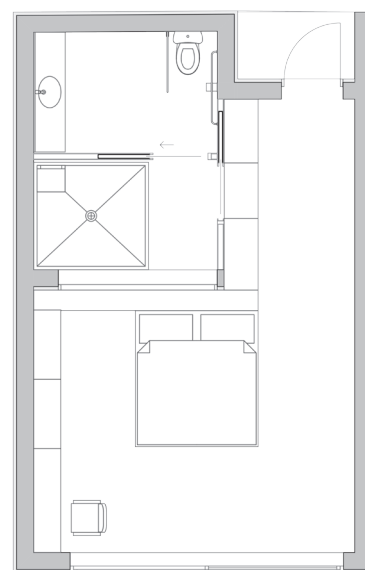


Fig. 110. (em cima) Quarto Mobilidade Reduzida. Planta elaborada pela autora. 2018.

Fig. 111. (à esquerda) Secção de Quartos e serviços de apoio à pousada. Planta elaborada pela autora. 2018.

A cobertura do Palácio dos Governadores permite diversas vistas de miradouro e um espaço de estar acessível pelo piso inferior, e igualmente pelo exterior.

Fig. 112. Pousada no Palácio dos Governadores. Planta elaborada pela autora. 2018.



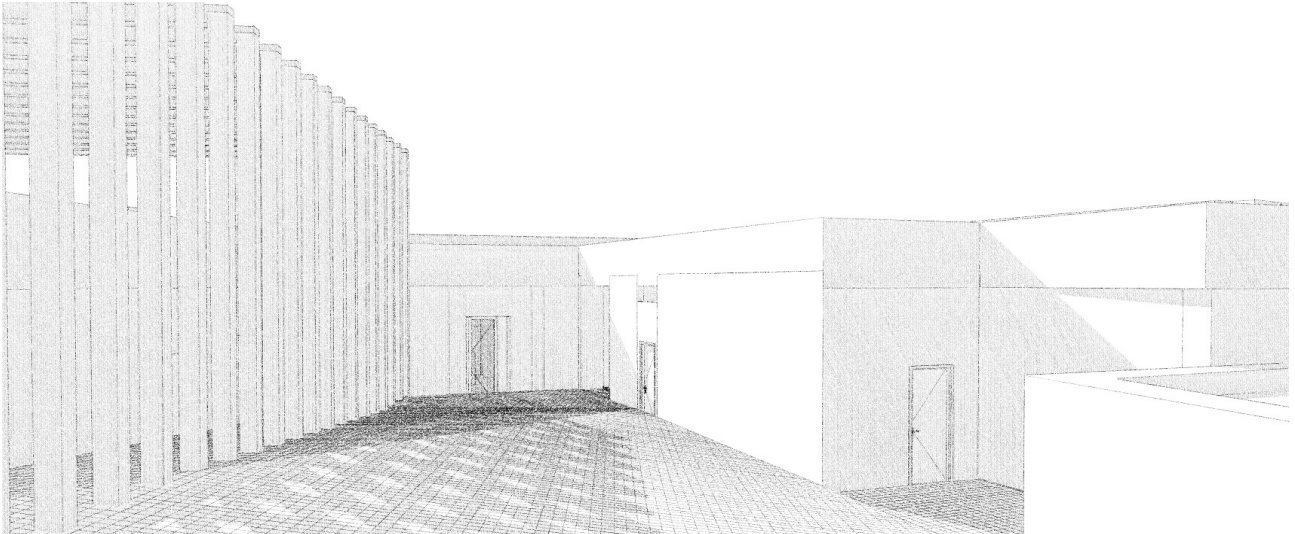
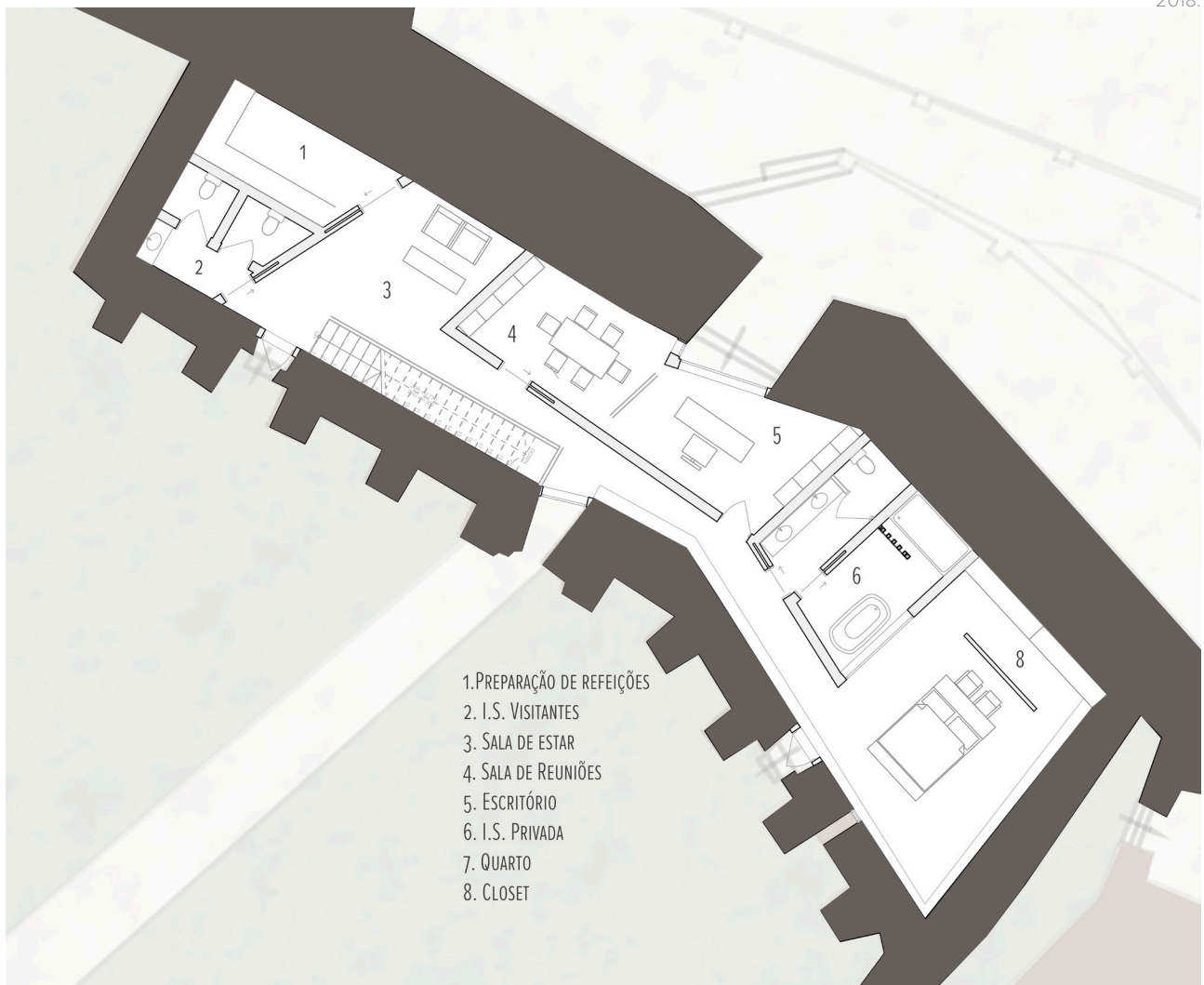


Fig. 113. (em cima) Pousada no Palácio dos Governadores. Desenho elaborado pela autora. 2018.

Fig. 114. (em baixo) Planta da Suite Presidencial. Planta elaborada pela autora. 2018.



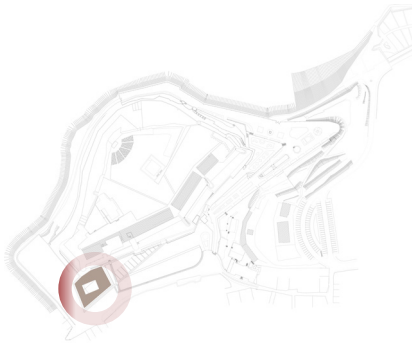


Fig. 115. Mediateca. Mapa de localização elaborada pela autora. 2018.

MEDIATECA

A biblioteca digital/mediateca localiza-se no interior das pré-existências do baluarte do Castelo (Fig. 115), com fácil acesso ao exterior. Terá espaços destinados a tecnologias, *workshops*, leitura e não terá impacto na estrutura original do baluarte, tendo um afastamento de segurança em relação ao mesmo.

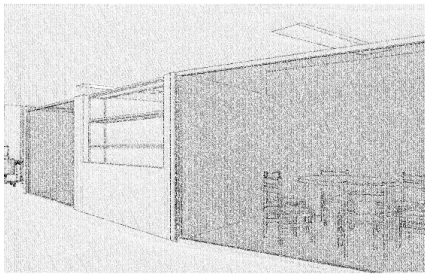


Fig. 116. Salas de estudo. Desenho elaborado pela autora. 2018.

O acesso faz-se através de uma rampa, cujo destino é o pátio central, para que a intervenção seja o mais discreta possível (Fig. 118). O espaço com maior área, e consequentemente, polivalente: é a área de leitura onde estão localizados cinco compartimentos destinados a pequenos grupos, que lá pretendam estudar ou trabalhar (Fig. 116). A área de *workshops* é, também, adaptável, podendo facilmente converter-se a sala de conferências, conforme as exigências ou necessidades dos utilizadores. Com entrada privada, existe também a área administrativa, de apoio destinada aos funcionários.

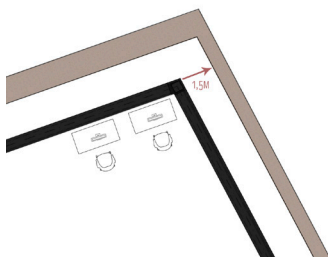


Fig. 117. Distância ao baluarte. Desenho elaborado pela autora. 2018.

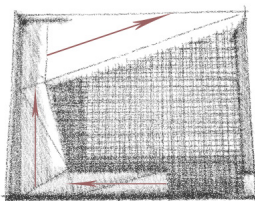


Fig. 118. (em cima) Rampa. Desenho elaborado pela autora. 2018.



Fig. 119. (à direita) Mediateca. Planta elaborada pela autora. 2018.

BAR-ESPLANADA

O bar-esplanada na Torre de Menagem será feita através da introdução de painéis móveis para delimitar espaços e por isso, o impacto será pouco com a introdução de uma estrutura leve. No interior é prevista uma área ampla de estar, instalações sanitárias e um balcão, correspondente ao bar (Fig. 122). Este núcleo é recetivo, também, a eventos pontuais, que serão apoiados pela cozinha do restaurante, que se encontra adjacente, e ainda, beneficia da sua proximidade à zona de cargas e descargas.

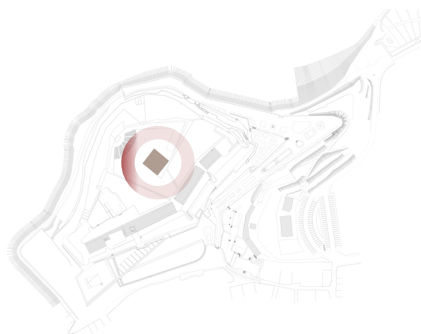


Fig. 120. Bar-esplanada. Mapa de localização elaborado pela autora. 2018.

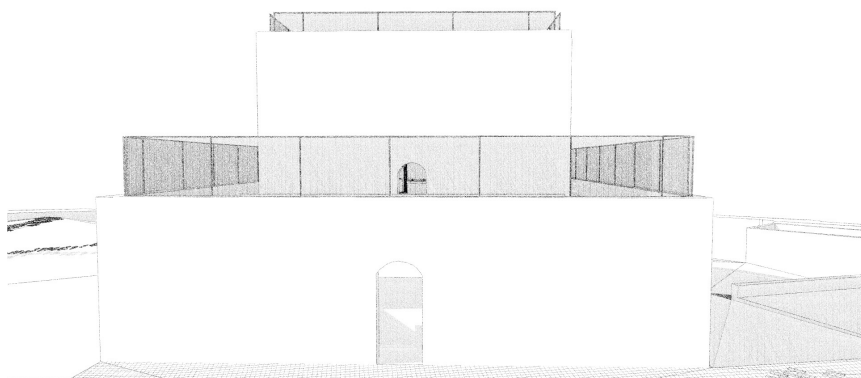


Fig. 121. Fachada principal do bar-esplanada. Desenho elaborado pela autora. 2018.

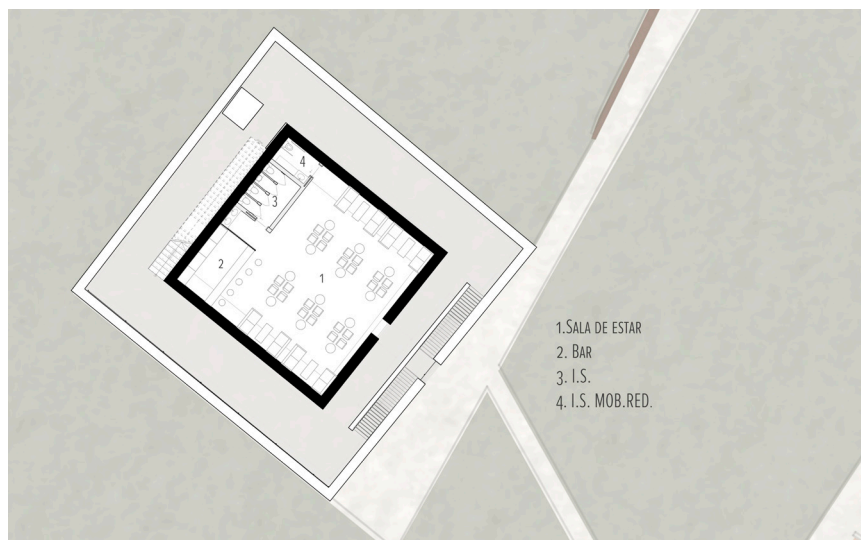


Fig. 122. Bar-esplanada. Planta elaborada pela autora. 2018.

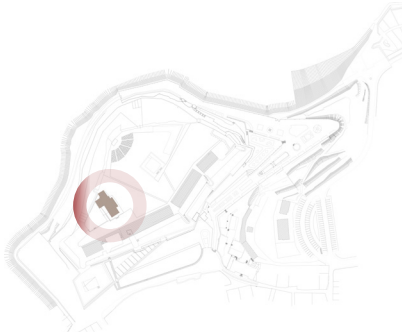


Fig. 123. Memorial da cidade. Mapa de localização elaborado pela autora. 2018.

MEMORIAL DA CIDADE

O Memorial de Abrantes encontra-se no interior da Igreja da Santa Maria do Castelo, atual museu arqueológico (Fig. 123). Foi respeitado o uso original, sem alteração da estrutura da Igreja. Este núcleo do projeto não terá um caráter arquitetónico e em vez, é conceptual (Fig. 124). O visitante vai poder usufruir de experiências que o farão sentir-se como parte da história da cidade e como tal, presente no Memorial de Abrantes. ter-se-á especial atenção aos objetos encontrados durante todo o processo de construção deste projeto, tendo um espaço fixo no memorial, para exposição dos mesmos. O resto do espaço será dedicado às várias atividades características da cidade, como por exemplo, exposições sobre fauna e flora regional, gastronomia local, artes manuais, exposições de arte, história, entre outras (Fig. 125). Estas exposições são temporárias para que haja mais fluxo de exibições e e consequentemente, visitantes.



Fig. 124. Memorial da cidade. Planta elaborada pela autora. 2018.

É também dedicada à entrada, um espaço para as personalidades da terra homenageando, assim, todos aqueles que promoveram a cidade (Fig. 126).



Fig. 125. A- Memorial da cidade. Fotomontagem elaborada pela autora. 2018.



Fig. 126. B- Memorial da cidade. Fotomontagem elaborada pela autora. 2018.

ESPAÇO PÚBLICO

No espaço público no recinto da muralha, encontra-se várias vertentes que complementam os usos do edificado, como por exemplo o anfiteatro ao vivo que acolhe eventos, e funciona, também, como um ponto de contemplação para a lezíria do rio Tejo (Fig. 128). O projeto também prevê novos jardins, percursos e ainda uma nova conexão entre a parte amuralhada do Castelo e o seu jardim. Este espaço exterior é essencial para a consolidação e relação entre os vários núcleos do projeto (Fig. 127).

Em relação ao espaço público exterior às muralhas, no atual *Skate Park*, propõe-se um mercado sazonal, um espaço amplo, parcialmente coberto com capacidade de acolhimento de grandes mercados, feiras ou mostras de produtos regionais. Existe adjacente a este mercado uma área ampla, que articula espaços verdes com espaço permeável, capaz de acolher eventos (Fig. 129).

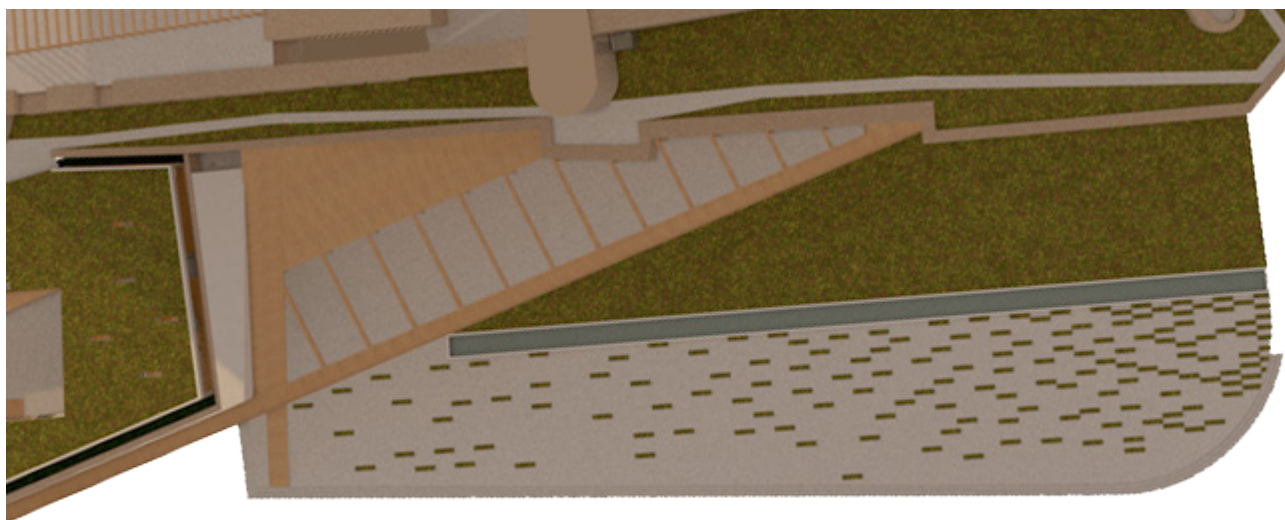


Fig. 127. Espaço público. Mapa de localização elaborada pela autora. 2018.



Fig. 128. (em cima) Vista da zona onde está prevista a bancada de contemplação. George Muncey. 2018.

Fig. 129. (em baixo) Mercado. Modelo tridimensional elaborado pela autora. 2018.



SPA



Fig. 130. Spa. Mapa de localização elaborada pela autora. 2018.

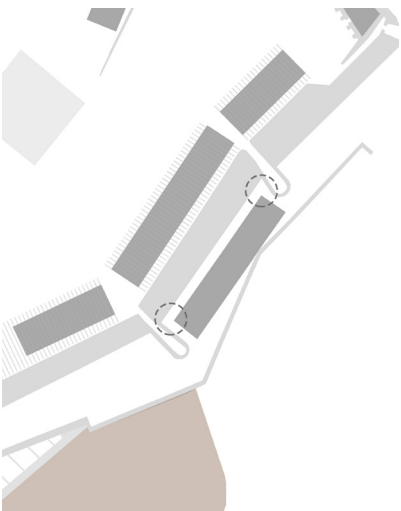


Fig. 131. Acessos ao Spa. Planta de localização elaborada pela autora. 2018.



Fig. 132. Acessos ao Spa. Corte elaborado pela autora. 2018.

O *Spa* encontra-se resguardado pela muralha (Fig. 130), tendo uma presença discreta no projeto total, com possibilidade de usufruir de uma piscina exterior, bem como, interior e vários tratamentos de relaxamento: massagens, banho turco ou sauna (Fig. 133). O acesso ao *Spa* é garantido através de dois elevadores que partem de duas zonas distintas, próximo dos quartos (Fig. 131), percorrendo dois dos torreões do castelo até ao patamar do *Spa* (Fig. 132)

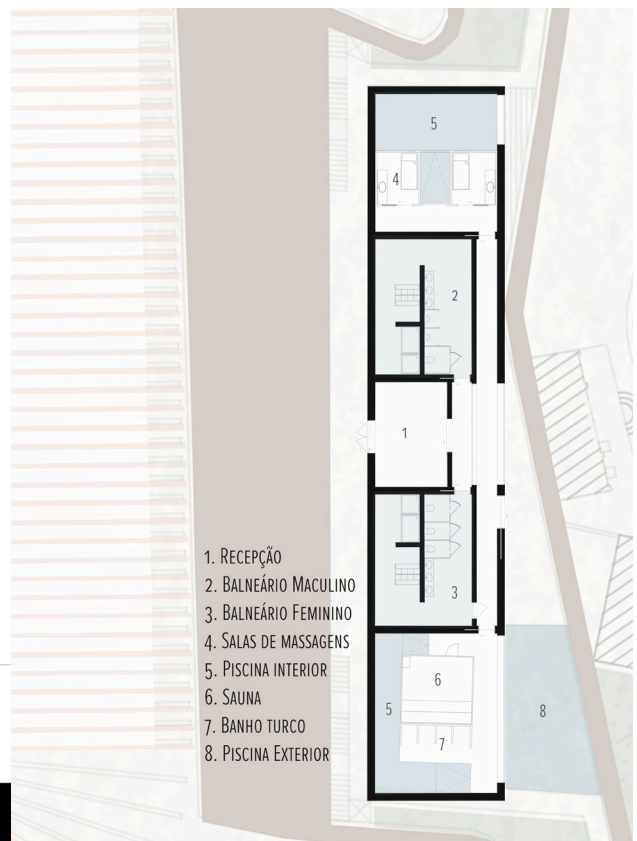


Fig. 133. Spa. Planta elaborado pela autora. 2018.

BUNGALOWS

Os *bungalows* são das poucas áreas do projeto que não exigem reabilitação, porque consistem em novas unidades ao longo da colina do castelo, e tomando partido da vista panorâmica para o rio Tejo. São construídas em madeira, material sustentável e é, também, garantida a presença discreta dos *bungalows* na natureza (Fig. 135), a sua localização dilui-se na orografia do terreno de modo a não produzir um grande impacto na paisagem e serve, também, de lembrete para o valor da consciencialização e manutenção da colina, visto que nos últimos anos tem ocorrido lá vários incêndios florestais, pontuais, derivado ao esquecimento daquela grande área verde envolta do castelo. Os *bungalows* estão integrados numa rede de percursos que permitirão caminhar ao longo da natureza, e uma vigilância constante nesta área (Fig. 134).

É previsto também um apoio aos *bungalows* propostos na zona de chegada, com *check-in* e zona comum (Fig. 134).

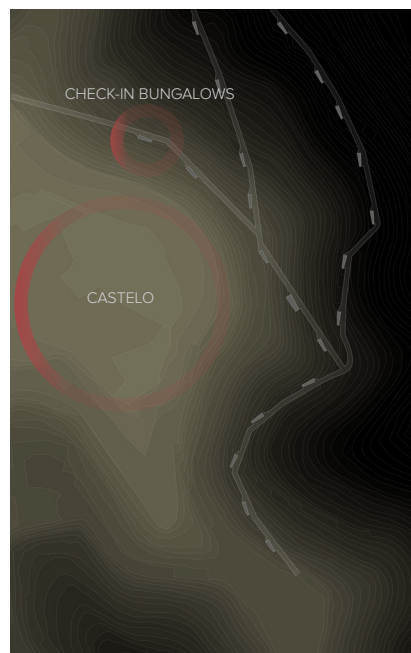
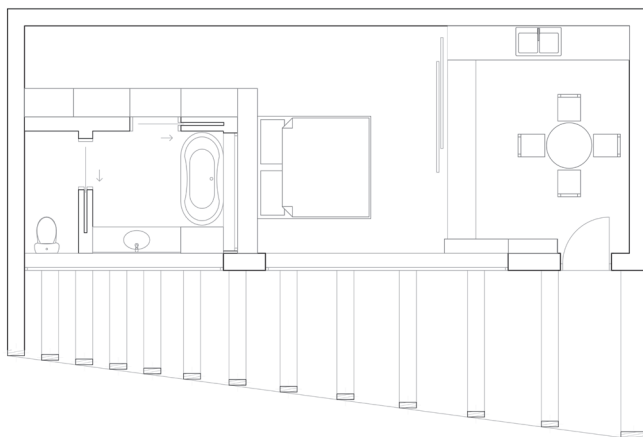


Fig. 134. Espaço público. Mapa de localização elaborada pela autora. 2018.



Fig. 135. Bungalow inserido na colina. Fotomontagem elaborada pela autora. 2018.



Fig. 136. (em cima) Materialidade do Bungalow.. Fotomontagem elaborada pela autora. 2018.

Fig. 137. (à esquerda) Bungalow. Planta elaborada pela autora. 2018.



Fig. 138. Restaurante. Mapa de localização elaborada pela autora. 2018.

RESTAURANTE

O restaurante é um dos edifícios semienterrados, não sendo perceptível do lado sul (Fig. 138). É um núcleo destinado, não só, aos turistas alojados na Pousada, bem como, a todos os elementos da comunidade abrantina.

Este restaurante está integrado num sistema de triangulação composto pelo bar na Torre de Menagem e as bancadas exteriores, resultando num espaço com uma cariz mais privada e discreta, podendo acolher eventos, atividades de grupo ou artes performativas (Fig. 139).

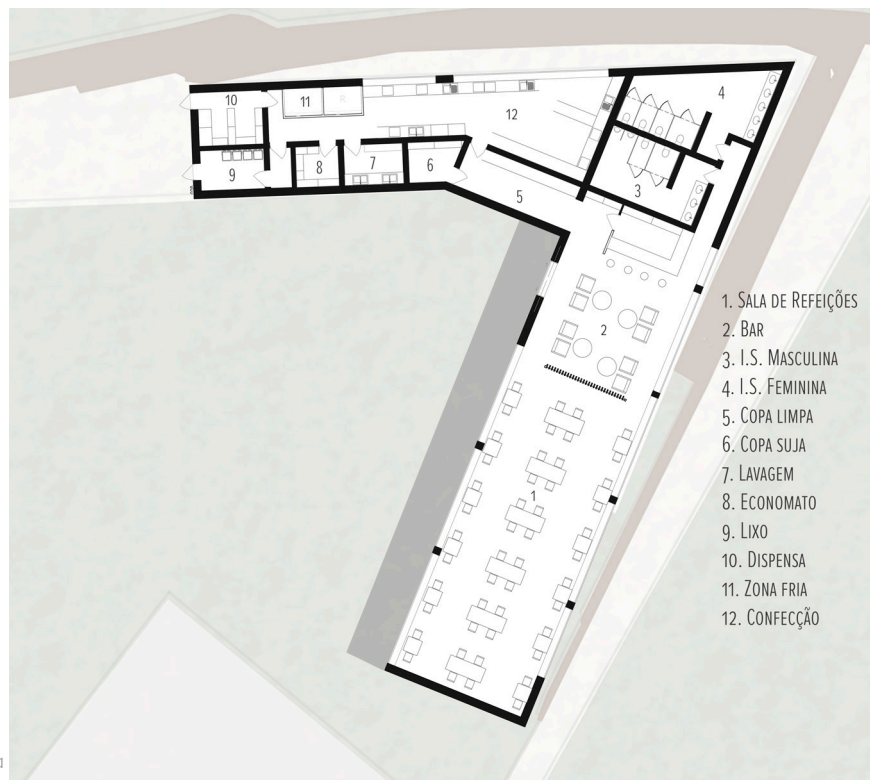


Fig. 139. (em cima) Restaurante. Planta elaborada pela autora. 2018.

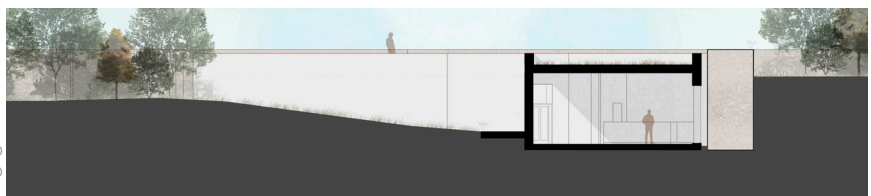


Fig. 140. (em baixo) Modelação do terreno adjacente ao restaurante. Corte elaborado pela autora. 2018.

07

DIÁRIO GRÁFICO - REFERÊNCIAS



Fig. 141. La Cousine Art Center. Nègrepelisse.
RCR Arquitectes.

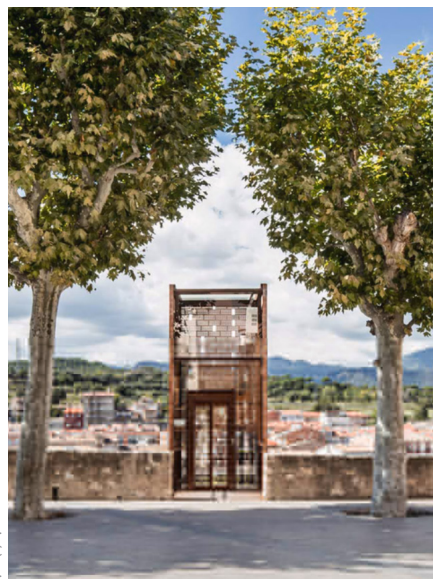


Fig. 142. New Lift to the Old City Center.
Gironella. Servei de Patrimoni Arquitectònic
Local (Diputació de Barcelona).



Fig. 143. Anfiteatro. Colina de Camões.



Fig. 144. Estúdio RTP. PROAP.



Fig. 145. Pousada. Alcácer do Sal. Autor desconhecido.



Fig. 146. Riuso 05 Rigenerazione Urbana Sostenibile. Sezione Architetti.



Fig. 147. Casa del Platano. Cádiz. MGM Arquitectos



Fig. 148. Elle Vuelle Architetti

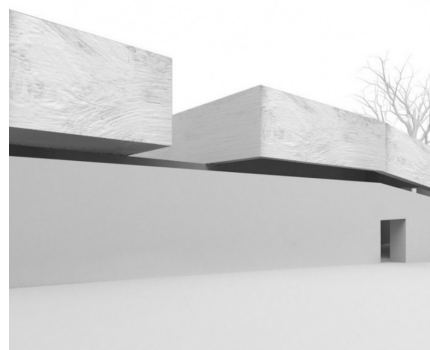


Fig. 149. Centro de Arte Contemporânea de Tavira. Menos é Mais atelier.



Fig. 150. Media Library. Neulise. Aum Architecture studio.



Fig. 151. Palazzo dei Diamanti. Dapstudio.



Fig. 152. Cidadela de Cascais.



Fig. 153. Detalhe. Termas de Peter Zumthor.

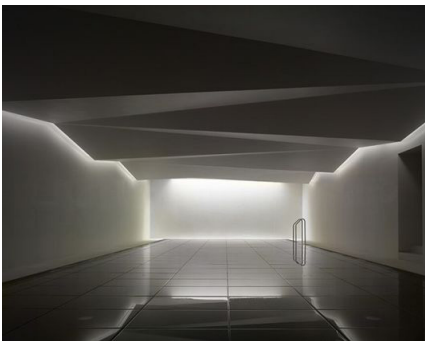


Fig. 154. Piscina privada. Irlanda. Carmody Groarke.



Fig. 155. Spa Naman. Vietnam. MIA Design Studio



Fig. 156. Casa da Memória. Milão.



Fig. 157. Mecanoo. Lisse. Keukenhof.

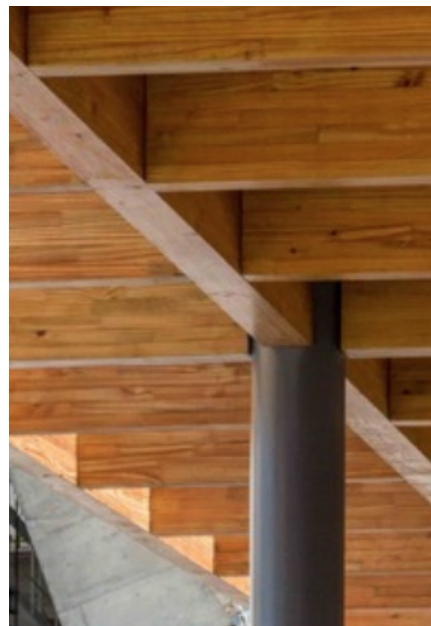


Fig. 158. Acesso ao Bondinho do Pão de Açúcar / a+ arquitetura



Fig. 159. Augustinundfrankarchitekten
Saarow Strand. Saarow. Werner Huthmacher.



Fig. 160. Memorial Irish Hunger. 1100 Architect.



Fig. 161. Castillo de la Coracera. San Martín de Valdeiglesias. Ríño+ arquitectos.



Fig. 162. e 163. Catala Tower. Maria Castello Martinez.



Fig. 164. Fonte desconhecida.



Fig. 165. Blurring Gallery , UTAA.

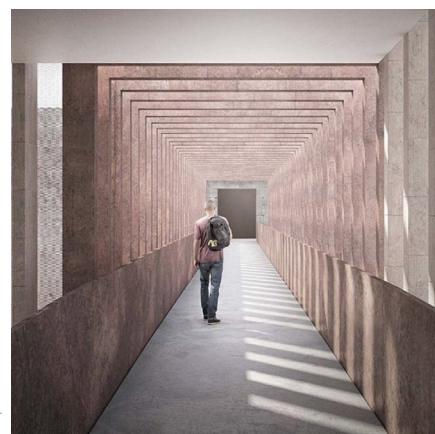


Fig. 166. Fonte: Instagram/letsshowitbetter



Fig. 167. La Cousine Art Center.
Nègrepelisse. RCR Architectes.

08

CONSIDERAÇÕES FINAIS

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade medieval era, no seu auge, o centro de poder, porém, com o passar dos anos, o testemunho de outros tempos mantém-se e faz parte do presente e imagem da cidade. O património era, outrora, construído com funções distintas, que na atualidade, caíram em desuso, compondo hoje a identidade, que define uma comunidade, frequentemente ignorado pela população, incapaz de compreender que existe vida para além da ruína, porque o Património e a envolvente do local, onde se insere, continuam presentes na memória e essa deve permanecer intacta.

Ainda que, o destino final do património seja a ruína, pensa-se ter a capacidade de acolher novas funções, dando destaque á sua potencialidade de conversão a elemento de referência na cidade e regenerar toda a área envolvente, que âmbito de trabalho, é próximo a um local de antigas habitações, que hoje se encontram, na sua maioria, devolutas. Este corte entre a baixa da cidade e a zona de intervenção, foi o que condenou o Património estudado e é este limite que tem de ser ultrapassado.

A ideia principal não assenta em uniformizar a área mas integrá-la num programa que complemente as necessidades

de Abrantes e ao mesmo tempo, que respeite a identidade da cidade. Na sequência da conexão entre o centro histórico e a Baixa de Abrantes, prevê-se um projeto capaz de gerar motivação suficiente para a visita e estadia no topo da cidade.

A transformação de um elemento do Património para um elemento de referência a nível nacional, tem o intuito de promover as características próprias da região e obedece a várias premissas que devem ser cumpridas.

Os casos de estudo analisados dão conta de casos de reabilitação que transformaram locais condenados pelo seu destino, em locais e edifícios de excelência com funções úteis para a comunidade onde estão inseridos. Este modo de reabilitar foi considerado, no passado, uma forma de salvaguardar a arquitectura do seu destino inato que é a ruína, e como tal, é garantida a valorização do património.

Durante o processo do desenho, tanto a nível arquitetónico como a nível urbano, foi necessário ter em conta dois factores: os limites existentes, constituídos pela ruína e muralha, bem como, a complexidade programática que se proponha. Era fundamental que o novo programa “cosesse” a área do Castelo à Baixa da cidade, e aos poucos regenerando a área entre ambas que é composta essencialmente por antigas habitações devolutas, proporcionando novas dinâmicas sociais. A diversidade projetual apresentada dá conta de diferentes programas que servem diferentes públicos: a pousada convida a comunidade exterior a Abrantes a visitá-la, no interior do recinto amuralhado são dispostos vários elementos como a bancada, e várias actividades para a população abrantina, que são motivações para que o Castelo seja re-visitado, a mediateca destina-se a todos aqueles que queiram ultrapassar barreiras sociais e culturais, estudar e instruir-se para um futuro mais equilibrado.

Em suma, “Identidade em Contraste - Do património histórico à requalificação do espaço público”, teve como principal premissa a relação entre identidade- paridade, e contraste- disparidade, para uma fácil leitura do terreno e intervenção pertinente em locais frágeis às exigências do mundo atual. Desenvolveu-se um projecto apoiado nas premissas consideradas necessárias para resolução das problemáticas e utilizou-se conceitos e noções fundamentais para assegurar a continuidade histórica e vitalidade no local.

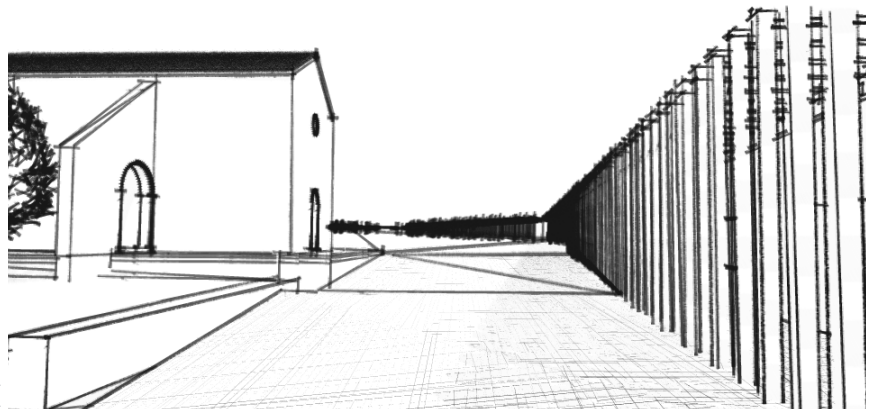


Fig. 168. Confronto entre existente e novo.
Desenho elaborado pela autora. 2018.

FONTES DOCUMENTAIS

ALMEIDA, Charters de, “Cidade Imaginária”, CMA, 2011

APARÍCIO, Maria Teresa, Abrantes - Lugares com história, Câmara Municipal de Abrantes, 2013

BELLANCA, Calogero, Una didattica per il restauro, Sapienza Università di Roma, 2008

BLOMMER, Carolyn M., “Principles of Visual Perception”, The Herbert Press, 1979

BRANDÃO, Pedro, REMESAR, Antoni, “Design Urbano Inclusivo”, Centro Português Design, 2004

CANNATÀ, Michele, FERNANDES, Fátima, “Territórios Reabilitados”, Caleidoscópio, 2010

CAVALHEIRO, Isabel, Abrantes centenária - Processo de evolução a cidade, Câmara Municipal de Abrantes, 2016

CARDOSO, Ana Cristina Paredes, Património edificado - Centro histórico de Abrantes, Câmara Municipal de Abrantes, 2016

CAMPOS, Eduardo, Toponímia Abrantina , Câmara Municipal de Abrantes, 1989

CAMPOS, Eduardo, MATOS, Paulo, MORGADO, Sara, Abrantes, uma flor no coração de Portugal, Câmara Municipal de Abrantes, 1998

CAMPOS, Eduardo, SILVA CANDEIAS, Joaquim, Dicionário Toponímico e Etimológico do Concelho de Abrantes, Câmara Municipal de Abrantes, 1987

CHOAY, Françoise, "Património e Mundialização", Casa do Sul Editora, 2006

CHOAY, Françoise, "Alegoria do Património", Edições 70, 201

CORREIA, Luis, "Castelo de Portugal - Retrato do seu perfil arquitectónico (1509-1949), Universidade de Coimbra, 2010

FAROLDI, Emilio, VETTORI, Maria Pilar, "Dialoghi di Architettura", Alinea Editrice, 1995

FERNANDES, José Santa-Rita, "Abrantes, cidade - análise critica", CMA, 1969

FORTUNA, Carlos, "As cidades e as identidades - Narrativas, Património e Memórias", Universidade de Coimbra, 1999

FORTUNA, Carlos, "Identidade, Percursos, Paisagens culturais", Celta Editora, 1999

GARCIA, Carlos, Abrantes, do rio à colina, Câmara Municipal de Abrantes, 1998

GEHL, Jan, "Life Between Buildings - Using Public Space", The Danish Architectural Press, 1971

HALBWACHS, Maurice, "Memória Colectiva", Edições Vértice, 1990

LÉON, Juan, COLLOVÀ, Roberto, FONTES, Luis, "Santa Maria do Bouro - Construir a Pousada com as pedras de um mosteiro", Selected Works - White and Blue, 2001

LOBO, Susana, "Pousadas de Portugal - Reflexos da Arquitectura Portuguesa do século XX", Imprensa da Universidade de Coimbra, 2007

LOPES, Flavio, "Património Cultural", Caleidoscópio 2012, 2014

LYNCH, Kevin, "A imagem da cidade", 2º edição, Edições 70, 1964

NORBERG-SCHULZ, Christian, "Genius Loci - Paesaggio Ambiente Architettura", Electa, 1979

NUNES, António, "Dicionário de Arquitectura Militar", Comissão Portuguesa de História Militar, 1990

PESTANA, Manuel Inácio, "O Castelo, instituição histórica, social e cultural: considerações sobre a antropossociologia do Castelo", Colibri, 2009

RIBEIRO, Orlando, "Portugal, o mediterrâneo e o Atlântico", Livraria Sá da Costa Editora, 1945

ROBERTS, Peter, SYKES, Hugh, "Urban Regeneration- Handbook", Peter Roberts and Hugh Sykes, 1999

RUSKIN, John, "The Seven Lamps of Architecture", Dover Publications Inc., Nova Iorque, 1989

SILVA, Joaquim Candeias, História cronológica do Concelho de Abrantes - Da pré-história a 1916, Câmara Municipal de Abrantes, 2016

VILAS-BOAS, Armando, "O que é a cultura visual?", A.V.B., 2010

ZUMTHOR, Peter, "Thinking Architecture", Birkhäuser, 1998

NORMATIVAS, LEGISLAÇÃO E OUTROS DOCUMENTOS

ALMEIDA, Ana Sofia Fernandes, INTERVENÇÃO CONTEMPORÂNEA NOS CASTELOS EM PORTUGAL - DOIS CASOS DE ESTUDO, S. JORGE E POMBAL, Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia Universidade de Coimbra, 2012, Dissertação de Mestrado.

Carta de Atenas, 1933

Carta de Veneza, 1964

Diário da República, Decreto-Lei n.º 309/2009, de 23 de outubro de 2009

FURTADO, Madalena, DIÁLOGO ENTRE O NOVO E O EXISTENTE COMO ESTRATÉGIA DE ABORDAGEM AO PROJECTO - REABILITAÇÃO DO ANTIGO ASILO DE TORRE DE MONCORVO E DA IGREJA DO CONVENTO DE SÃO FRANCISCO, Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, 2016, Dissertação de Mestrado.

ICOMOS; Carta de Cracóvia 2000; Cracóvia; 2000

P.D.M., Município de Abrantes; consultado em: <http://www.cm-abrantes.pt/> a 15/10/2017

P.E.R.U., Abrantes, 2016; consultado em <http://www.cm-abrantes.pt/> a 04/10/2017

Plano Estratégico - Abrantes 2020; consultado em <http://www.cm-abrantes.pt/> a 15/10/2017

Revista: Arqla 70 - Arquitectura e Arte, Junho 2009

Revista: Arq 112 - Arquitectura e Arte, Março-Abril 2014

Revista: Arq 121 - Arquitectura e Arte, 2015

Revista: Arquitectura e vida, 16, Maio 2001

Revista: Jornal de Arquitectos 147, Maio 1995

Revista: Jornal dos Arquitectos 231, Publicação Trimestral da Ordem dos Arquitectos, Abril- Junho 2008

SAMPAIO, Cátia, REABILITAÇÃO E RECONVERSÃO DE USOS SANTA MARIA DE REFÓIOS DO LIMA e SANTA MARIA DO BOURO, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2012, Dissertação de Mestrado.

Sebentas de Arquitectura, Universidade Lusiada de Lisboa, nº6, FCT

“Viver as Cidades - Programa Polis- Os projectos e as obras de requalificação urbana”

DOCUMENTOS EM INTERNET

<http://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/16.189/5946>, consultado a 16/12/2017

<http://geografia1007.blogspot.pt/2008/01/o-despovoamento-no-interior-do-pas.html>, consultado a 27/11/2017

<http://expresso.sapo.pt/iniciativaseprodutos/CidadesdoFuturo/interior-pode-inverter-desertificacao=f897466>, consultado a 27/11/2017

<https://www.publico.pt/2007/08/20/jornal/portugal-as-cidades-e-o-interior-226671>, consultado a 27/11/2017

<http://www.redalyc.org/html/934/93431846003/>, consultado a 7/12/2017

<https://coisasdeabrantes.blogspot.pt/>, consultado a 28/10/2017

<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/classificacao-de-bens-imoveis-e-fixacao-de-zep/>, consultado a 18/10/2017

http://fortalezas.org/?ct=fortaleza&id_fortaleza=1935, consultado a 27/10/2017

ANEXOS

IDENTIDADE DE CONTRASTE - PATRIMÓNIO HISTÓRICO NA QUALIFICAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO - DO CASTELO DE ABRANTES A POUSADA

JANEIRO
FEBREIRO
MARÇO
ABRIL
MAIO
JUNHO
JULHO
AGOSTO
SETEMBRO
OUTUBRO

ÍNDICE

0.0 INTRODUÇÃO
0.1 PROBLEMÁTICA
0.2 METODOLOGIA

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

01 IDENTIDADE DE CONTRASTE

1.1 IDENTIDADE
(DES)CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE
NARRATIVA SOBRE AUTENTICIDADE
MEMÓRIA DAS CIDADES1.2. CONTRASTE
ALTO CONTRASTE
CONTRASTE NA ARQUITECTURA
ENVOLVENTE CONTRASTANTE

1.3. REFLEXÕES I

02 PATRIMÓNIO NA QUALIFICAÇÃO
DO ESPAÇO PÚBLICO2.1. PATRIMÓNIO A QUALIFICAR
PATRIMÓNIO
INTERVIR NO CENTRO HISTÓRICO
ESPAÇO PÚBLICO
QUALIFICAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO2.2. PATRIMÓNIO NO TURISMO
POUSADA

03 CASOS DE REFERÊNCIA

3.1. REABILITAÇÃO

3.2. REFERÊNCIAS PROGRAMÁTICAS

3.3. REFLEXÕES II

DESENVOLVIMENTO PROJECTUAL

04 ABRANTES

4.1 A CIDADE COLINA
FORMA URBANA
FORMA ARQUITECTÓNICA4.2. A CIDADE FLORIDA
CONTEXTO HISTÓRICO
CONTEXTO SOCIAL

4.3. CENTRO HISTÓRICO

4.4. O CASTELO DE ABRANTES

4.5. ANÁLISES
P.D.M.
P.E.R.U.
S.W.O.T.

05 PROJECTO

5.1. CONCEITO
PRÉ-EXISTÊNCIA
ENVOLVENTE
PAISAGEM (VER)
COLINA (SER VISTO)

5.2. PROGRAMA

5.3. PROPOSTA URBANA

5.4. PROPOSTA ARQUITECTÓNICA

06 DIÁRIO GRÁFICO

BIBLIOGRAFIA



METODOLOGIA

1ª FASE
DEFINIÇÃO CONCEPTUAL DO
ÂMBITO DE ESTUDO2ª FASE
OBSERVAÇÃO DIRECTA

COMPREENDER ESTRUTURA

3ª FASE
RECOLHA BIBLIOGRÁFICA E DOCUMENTOSRECOLHA DE PROGRAMAS, PROJECTOS
E PLANOS

DELINEAÇÃO DE ESTRATÉGIAS

OBJECTIVOS

IDENTIDADE

ENTENDER O VALOR DA MEMÓRIA PARA COMPREENDER O SEU IMPACTO NO SER HUMANO, FORMAÇÃO DA SUA IDENTIDADE
E A SUA COMUNICAÇÃO COM O ESPAÇO

CONTRASTE

APÓS O ENTENDIMENTO DO VALOR QUE A MEMÓRIA E IDENTIDADE TEM NO SER HUMANO, PROCURA-SE ACEITAR OS
CONTRASTES QUE DESIGNAM E CARACTERIZAM UMA COMUNIDADE/LOCAL.

PATRIMÓNIO

PROCURAR COMO PODEMOS RELACIONAR OS CONCEITOS DE IDENTIDADE E CONTRASTE PARA QUE O PATRIMÓNIO SE POSSA
TORNAR NUM AGENTE ACTIVO NO ESPAÇO PÚBLICO DE UMA CIDADE.
ENTRE OS CONCEITOS DE IDENTIDADE E CONTRASTE ENCONTRAR A RELAÇÃO QUE GERA UMA REABILITAÇÃO E EVOLUÇÃO
DA MEMÓRIA DE UM COLECTIVO.

ABRANTES

APÓS A CONCLUSÃO DO ESTUDO DESTES CONCEITOS E TEMAS É IMPORTANTE REFLECTIR COMO PODEM APLICAR-SE NO
PROPÓSITO DO PROJECTO, ESPECIFICAMENTE, NO LOCAL DE ESTUDO - ABRANTES.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS CONCEPTUAIS
1 ARQUIPELAGO - MENOS É MAIS
2 CASTELO S. JORGE - CARREIRO
DA GRAÇA
3 CENTRO D'ARTES - RCR ATELIER
REFERÊNCIAS PROGRAMÁTICAS
4 ALCÁCER DO SAL
5 PALMEIRA
6 ÓBIDOS

TEMA COMO MOTE PROJECTUAL

IDENTIDADE

POTENCIAR O DESENVOLVIMENTO DEVIDO À SUA POSIÇÃO ESTRATÉGICA;
FIXAR A POPULAÇÃO, ATRAINDO JOVENS PARA O CENTRO HISTÓRICO;
RECUPERAR A MEMÓRIA E IDENTIDADE.

CONTRASTE

ESTABELEÇER UMA FORMA DE CONTACTO ENTRE A POPULAÇÃO LOCAL E TURISTAS;
TRANSIÇÃO ENTRE ESTRUTURA NOVA E PATRIMÓNIO HISTÓRICO;
NECESSIDADES DA POPULAÇÃO JOVEM E ENVELHECIDA.

PATRIMÓNIO NA QUALIFICAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO

DEVOLVER O CASTELO À COMUNIDADE TORNANDO-O NUM AGENTE ACTIVO DA CIDADE;
CONSOLIDAR O TERRITÓRIO E MOBILIDADE LOCAL;
ESTIMULAR UM TURISMO ÚNICO DE CARACTER EXCEPCIONAL E A SUA DIVULGAÇÃO;
DESENHAR UM EQUIPAMENTO QUE COMPLEMENTE AS CARÊNCIAS QUE A CIDADE APRESENTA;
CONECTAR O CASTELO À BAIXA DA CIDADE
ENTENDER A ARTICULAÇÃO ENTRE O CASTELO E RESTANTE TECIDIDO ENVOLVENTE COMPOSTO
POR VÁRIOS MOMENTOS HISTÓRICOS QUE FORMAM A SUA IDENTIDADE;

ABRANTES EM CONTRASTE



ESTRUTURA HISTÓRICA/ESTRUTURA NOVA (CIDADE HISTÓRICA)

TOPOGRAFIA (CIDADE COLINA)

MEMÓRIA (CIDADE FLORIDA) / EDIFICADO



CASTELO DE ABRANTES

IMÓVEL DE INTERESSE PÚBLICO
COTA: 197M
SISTEMA ESTRUTURAL DE PAREDES PORTANTES
UTILIZAÇÃO INICIAL: MILITAR - CASTELO
UTILIZAÇÃO ACTUAL: MARCO HISTÓRICO-CULTURAL
ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO: SÉCULO XII
ALTERAÇÕES DE IMPACTO: SÉCULO XVIII E XIX
ÚLTIMA INTERVENÇÃO: REABILITAÇÃO EM 2002

PERMISSAS INTERVENÇÃO URBANA

COERÊNCIA URBANA
DESCODIFICAR CONTRASTES
VALORIZAR O CASTELO PARA QUE SE TORNE UM
PONTO FULCRAL DA CIDADE
MOBILIDADE
SUSTENTABILIDADE
MEMÓRIA



DETALHES DO CASTELO E ENVOLVENTE



CONCEITOS

1. Sustentabilidade

Ter em conta processos de construção ecológicos, utilização de materiais com pouco impacto ambiental e produção energética serão alguns dos aspetos a ter em conta durante a execução do projeto.

2. Identidade

“Entende-se como a referência colectiva englobando, quer os valores actuais que emanam de uma comunidade, quer os valores autênticos do passado.” (ICOMOS, 2000)

Recuperar a importância perdida do Castelo, que é um dos símbolos da cidade, através de um programa que cativa pessoas de fora e os habitantes de Abrantes, sendo a identidade, um conceito muito importante para os abrantinos, construída através da relação entre a história e o presente, ao longo do tempo, e que de certa forma os torna únicos.

2.1. Identidade dos Núcleos Históricos

“Artigo 2o - Sendo a preservação da identidade dos Núcleos Históricos, expressa pelo seu património edificado, cultural e social, é indispensável que as operações de reabilitação urbana sejam apoiadas pelas pesquisas histórica e sociológica, perspectivadas numa dialética de integração.” (ICOMOS, 1995)

3. Memória

Estimular a memória da “Cidade florida” e a história, equilibrar estes dois aspetos para chegar a um produto final, que consiga satisfazer várias pessoas com diferentes interesses.

4. Património

“É o conjunto das obras do homem nas quais uma comunidade reconhece os seus valores específicos e particulares e com os quais se identifica. A identificação e a valorização destas

obras como património é, assim, um processo que implica a seleção de valores.” (ICOMOS, 2000)”

O centro histórico de Abrantes é composto por elementos importantes do Património Nacional, sendo o castelo, um deles, como testemunho do passado, fundamental na construção da identidade.

5. Restauro

“É uma intervenção dirigida sobre um bem patrimonial, cujo objectivo é a conservação, da sua autenticidade e a sua posterior apropriação pela comunidade.” (ICOMOS 2000)

6. Reabilitação

A reabilitação é a capacidade em transferir a base histórica para o presente, para quando o espaço reabilitado for percorrido, permita uma viagem no tempo. Existem varias formas de efetuar reabilitação, com alteração de uso, ampliação, reconstrução, remodelação, restauração ou conservação. Constitui um processo importante para a revitalização das cidades, quando assegurada a sua identidade.

7. Memória Social

É a recordação que a sociedade tem de algo, neste caso, Abrantes. É essencial despertar esta memória e a história, podendo equilibrar estes dois aspetos para chegar a um objeto, que consiga satisfazer várias pessoas com interesses e de gerações diferentes.

8. Desertificação nas cidade médias

O equilíbrio da cidade só é possível com um equilíbrio entre a parte urbana e rural, e na permanência de pessoas, para que esta não continue a sofrer com a desertificação a que assistimos, atualmente.

As cidades medievais, por norma, surgem a partir de pontos elevados, expandindo-se descendo a colina onde se insere,

desenvolvendo-se o comércio e outras funções centrais numa cidade. Quando esta expansão é excessiva, os serviços e comércio descentalizam-se e deslocam-se para perto das novas áreas de habitação criadas na periferia, e há um despovoamento do centro histórico, independentemente da sua importância como cidade, que no caso de Abrantes, é uma cidade de relativa atração em relação á região envolvente.

9. Autenticidade

“É o somatório das características substanciais, historicamente provadas, desde o estado original até à situação actual, como resultado das várias transformações que ocorreram no tempo.” (ICOMOS, 2000)

